



# **aspas urbanas**

**Louise Fernandes Nora Dias**

**Orientação: Noni Geiger**

Escola Superior de Desenho Industrial

Centro de Tecnologia e Ciências

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 2014

**aspas urbanas**

# sumário

## 1. Descoberta | 10

1.1 Tema proposto e reflexões | 11

1.2 Interesses de projeto | 12

1.2.1 Onde tudo começou | 13

1.2.2 Desdobramentos e relação com o tema | 14

1.3 A cidade polifônica | 16

1.4 Intervenções e manifestações urbanas | 19

1.4.1 Pesquisa e reflexões | 22

1.4.2 Artistas e coletivos de intervenção urbana | 23

1.5 Primeiras possibilidades de projeto | 28

## 2. Conceituação | 32

2.1 Primeiras palavras-chave | 33

2.2 Primeiro exercício em campo | 33

2.2.1 Lugares escolhidos | 33

2.2.2 Registros efetuados, organização e classificação | 36

2.2.3 Considerações durante e pós experiência | 40

2.3 Primeiras definições de projeto | 41

2.4 Outras experiências em campo | 43

2.4.1 Lugares escolhidos | 43

2.4.2 Registros efetuados | 45

2.5 Reflexões e conclusões | 47

2.6 Materializando o projeto: primeiras ideias | 48

2.7 Mais pesquisa: projetos participativos | 50

2.8 A proposta | 52

2.8.1 Definição | 52

2.8.2 Contexto | 52

2.8.3 Público-alvo | 53

2.8.4 Ponto de partida: o problema | 53

2.8.5 Objetivos | 53

2.8.6 Limitação do escopo | 53

2.8.7 Recorte | 54

2.8.8 Desafio e estratégia | 54

2.8.9 Os postais | 54

2.8.10 Justificativa de relevância no campo do design | 57

2.8.11 Justificativa de pertinência ao tema proposto | 57

## 3. Desenvolvimento | 60

3.1 Identidade e naming do projeto | 61

3.1.1 Nome do projeto | 61

3.1.2 Logotipo | 62

3.1.3 Criação/confeção do stencil | 69

3.2 A primeira dinâmica dos postais | 73

3.2.1 Pesquisa sobre o universo dos postais | 73

3.2.2 Considerações iniciais sobre a dinâmica | 75

3.2.3 Métodos de distribuição | 77

3.2.4 Estrutura de conteúdo dos postais | 82

3.2.5 Mais registros e seleção de imagens | 83

3.2.6 Criação do conteúdo | 85

3.2.7 Estudos de tipografia | 86

3.2.8 Mapeamento das manifestações | 90

3.2.9 Layout dos postais | 90

3.2.10 Fechamento dos arquivos e impressão | 95

3.2.11 Distribuição | 95

3.2.12 Resultados, considerações e pós-experiência | 96

3.3 Definindo os próximos passos | 99

3.4 A publicação | 102

3.4.1 Considerações iniciais | 102

3.4.2 Estrutura de conteúdo | 103

3.4.2 A escolha do formato | 103

3.4.4 Conteúdo textual e imagético | 106

3.4.5 Estudos de layouts | 107

3.4.6 Tipografia | 112

3.4.7 Layouts finais | 112

3.4.8 Impressão | 115

3.5 A nova dinâmica dos postais | 118

3.5.1 Considerações iniciais | 118

3.5.2 Distribuição | 118

3.5.3 Conteúdo textual: instruções e missões | 118

3.5.4 Layout | 121

3.5.5 Impressão | 126

## 4. Resultados e conclusão | 128

4.1 Registro dos materiais | 129

4.2 Próximos passos | 133

4.3 Conclusões | 135

## 5. Notas | 136

## 6. Anexos | 138

A. Texto/proposta para o projeto de graduação 2014 | 139

B. Postais respondidos | 146

## 7. Crédito das imagens | 186

## 8. Bibliografia e filmografia | 195

*Agradeço de coração a todos que me ajudaram a tornar esse projeto real e que participaram dele de alguma forma. Agradecimento mais que especial para minha prima Karina Fernandes Martins; ousou dizer que, sem o seu apoio irrestrito, esse projeto não seria viável. Agradeço também a meu namorado por todo o apoio, atenção e compreensão durante este ano tão intenso. Agradeço a minha mãe, meu pai e aos meus irmãos pelo suporte e aos professores-orientadores, especialmente a minha orientadora Noni Geiger, pela dedicação, paciência, apoio e por acreditar em mim e no meu projeto. Ao professor Pedro Luiz P. de Souza, agradeço pelo excelente texto-proposta.*

*Por último, mas não menos importante, agradeço às forças divinas que me ajudaram a sobreviver a 2014.*

*ASPAS URBANAS is a collaborative project intended to stimulate a dialogue between the city and its citizens. Through the registration and promotion of the textual images present in the urban space — such as graffiti and stencil — the project welcomes people to think, discuss, and share their opinions concerning the stories and points of view spread throughout the city. The project consists of the distribution of a series of postcards, each containing a photo register of an unauthorized intervention in the public space. Each person that receives a postcard is asked to give an opinion about the message contained in the images.*

*This report contemplates the first edition of the project which takes place in the city of Rio de Janeiro.*

**Keywords:** 1. dialogue, 2. city, 3. communication, 4. message, 5. urban intervention

ASPAS URBANAS é um projeto colaborativo que busca estimular o diálogo entre as pessoas e a cidade. Através do registro e divulgação de imagens de manifestações predominantemente textuais presentes no espaço público urbano — como a pichação e o stencil — o projeto convida as pessoas a pensar, discutir e dar opiniões sobre as histórias e pontos de vista expressos nesses espaços. O projeto acontece através da distribuição de uma série de cartões postais, cada um com um registro de uma manifestação não autorizada inserida no espaço público urbano. Cada pessoa que recebe o postal é convidada a dar a sua opinião sobre a mensagem contida na imagem.

O presente relatório contempla a primeira edição do projeto, que acontece na cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** 1. diálogo, 2. cidade, 3. comunicação, 4. mensagem, 5. intervenção urbana

# 1. descoberta

Essa seção do relatório abrange desde as reflexões iniciais acerca da proposta até a definição dos possíveis caminhos que o trabalho poderia seguir, passando pelas pesquisas realizadas a cerca dos meus interesses de projeto.

## 1.1 Tema proposto e reflexões

“Design do silêncio ou a ausência da forma. O invisível: uma política da ausência.”<sup>1</sup> Esse foi o tema proposto aos alunos do 5º ano Esdi, em 2014. A partir de um texto-proposta, de autoria do orientador Pedro Luis Pereira de Souza, iniciou-se uma reflexão e discussão em turma, abordando questões acerca da comunicação, informação, ruído, silêncio, essência e excesso e também sobre voz, grito e a necessidade de “fazer ouvir o inaudível e dar visibilidade ao que não é visto”. Algumas das ideias e questionamentos levantados são bastante intrigantes, pois propõem uma nova maneira de enxergar determinados pontos e situações, nos fazendo repensar certas verdades e até mesmo nos fazendo simplesmente pensar sobre questões que muitas vezes passam batidas.

*“Se o problema é político a questão que resta é saber qual a possibilidade de ser ouvido num mundo saturado de comunicação, qual a linguagem possível de ser utilizada? Deve-se mesmo continuar prisioneiro da ideia de que a função da linguagem é a comunicação, continuar acreditando no enganoso slogan atribuído a Loos de que a forma segue a função, ou deve-se, a exemplo dos postulados de Fiedler relativos à autonomia de linguagem artística em relação à natureza, arrancar a linguagem do fluxo de informações? E o que será uma linguagem que não comunica mais nada, que nada mais tem a comunicar?”<sup>2</sup>*

Como pensar num mundo em que a linguagem não comunica? Essa foi a primeira grande interrogação que surgiu na minha cabeça. Meu entendimento era que mesmo que determinada linguagem não possuísse a função inerente de comunicar e que seu propósito inicial

não fosse a comunicação, ela estaria comunicando do mesmo jeito. Não seria verdade que tudo ao nosso redor e dentro de nós comunica? Gestos comunicam, expressões comunicam, palavras, olhares, cores, vestimentas, formas, cheiros, dores. Mesmo a ausência pode comunicar, assim como o silêncio. Desse modo, pensar numa linguagem que não se prendesse à função de comunicar não excluiria necessariamente a comunicação de cena. Por exemplo, a linguagem pode ser utilizada como forma de expressão e com este fim. Seja através da escrita, do gesto ou da fala, o homem pode utilizá-la para exprimir sentimentos, ideias, sensações. Porém, a partir do momento em que existesse mais de uma pessoa, havendo portanto um ser e um outro diferente, haveria comunicação entre os dois, mesmo que não fosse a intenção inicial. Essa questão foi a mais intrigante para mim, então decidi compartilhá-la com o professor Pedro na tentativa de entendê-la melhor e entender como poderia haver uma linguagem que não comunicasse. Uma das respostas dele sobre a questão foi o trecho abaixo:

*“Pensar um mundo em que a linguagem nada comunica poderia muito bem ser o mundo atual em que todos vivemos, aonde há excesso de linguagem e, praticamente, saturação de comunicação, ou seja, ausência de comunicação.”<sup>3</sup>*

Vivemos neste mundo onde o tumulto, o ruído e o excesso de mensagens são responsáveis pela quebra e ineficiência da comunicação e onde o meio tornou-se mais destacado e importante do que a própria mensagem. Esta perde-se diariamente no caminho, misturando-se a tantas outras mensagens e tantos outros meios.

Além disso, na sociedade atual, a grande massa de comunicação é oriunda das mesmas fontes (ao que o orientador se referiu como grandes comunicadores), ou seja, a maioria das pessoas tem acesso a mais

do mesmo, a informações escolhidas por um grupo seletivo de pessoas que são vistas como referência. É a massificação da informação. E o professor ainda chama atenção para o fato de que a maioria dessas pessoas não está preocupada em passar uma informação de qualidade, crítica, mas apenas transmitem uma enxurrada de informação que orbita questões de aspectos midiáticos e de auto-promoção.

Então, a questão que se apresenta e que é proposta pelo texto é pensar em outras formas de linguagem, diferentes dessas às quais estamos habituados, é “pensar as coisas ao avesso”. Como exemplo, o professor cita a obra 4’33”, de John Cage, na qual o “silêncio é parte essencial da obra” e na qual o músico “propunha o silêncio como forma de fazer música”. Daí, surgiu outro questionamento: que linguagem podemos utilizar para nos fazer ouvir?

A princípio, pensei, tendo como referência a minha própria vivência, que nossas escolhas e interesses definiriam as informações que consumimos, ou seja, que escolheríamos captar certas mensagens e não captar outras tantas. Seria, então, uma questão individual, inserida numa esfera cultural mais ampla. Mas a realidade, como apresentado anteriormente, é muito distante, pois grande parte das pessoas não é consciente sobre a informação que consome, aceitando e digerindo o que lhes é oferecido, sem questionar ou pensar criticamente sobre isso. Estamos falando de uma comunicação de massa, de uma realidade que se apresenta a nós e da qual boa parte das pessoas é vítima.

Neste contexto, como pensar o silêncio? Como pensar numa forma avessa de ação e comportamento? Como se desprender do velho, a ponto de propor novas coisas que não sejam, na verdade, baseadas nele? O grito do silêncio não é apenas mais um grito, como pensei inicialmente, pois, como afirmou o professor, possui uma natureza diferente.

*“Um grito não é sempre um grito, assim como um silêncio nunca é sempre o mesmo. Há silêncios impostos, há silêncios em que nos concentramos em algo inusitado sobre o que precisamos pensar, raciocinar, há silêncios que, como digo no texto citando Merleau-Ponty, prenunciam esperanças ainda que causados por nossas perplexidades.”<sup>4</sup>*

Comecei a pensar, então, como driblar a lógica da comunicação de massa, como pensar um pouco além, através do entendimento dessas questões e dar visibilidade ao invisível. Faz-se necessário pensar em outros mecanismos para nos expressarmos e sermos ouvidos, que fujam da gritaria, do ruído e do barulho.

Uma última questão levantada pelo orientador e que gostaria de trazer aqui, diz respeito a sociedade de dualismos e slogans na qual estamos inseridos. Esquerda ou direita? Certo ou errado? Concorda ou discorda? Essas duplas de opostos são extremamente limitantes, empobrecendo discussões e o pensamento sobre diversas questões. A respeito da linguagem, quando nos questionamos se ela está presa ou não à função de comunicar – comunica ou não comunica –, me questiono se não estamos limitando seu potencial e desprezando sua complexidade. Ao partir dessa visão simplista de que algo é ou não é, esquecemos que, por exemplo, entre 0 e 1 existem infinitos números. A linguagem, antes de mais nada, parte da expressão, da intenção, até do desejo, ela é o que é, independente do que queiram que ela seja. Talvez mais importante do que ser ouvido – o que pressupõe a existência de outra pessoa, aquela que ouvirá – seja simplesmente ser, ser aquilo que quiser ser, ser para si, não para outro. O outro é consequência. Há muita coisa sendo dita, muito grito, muito barulho, muito ruído: é um caos, um excesso de estímulos que nos vira de cabeça pra baixo. Há



uma necessidade crescente de fazer-se ouvir, e estou cada dia mais convencida de que precisamos desligar um pouco o externo e nos situarmos pelo interno. É ouvindo a nós mesmos, destacando nossa individualidade que remaremos contra a corrente. Talvez essa seja a forma de agirmos pelo avesso.

Para concluir essa introdução, utilizo as palavras do orientador, em resposta às minhas indagações:

*“Trata-se de pensar mais em origens e, principalmente, em essências, portanto no mínimo e daí uma proposição que se inicie no silêncio e na ausência.”<sup>5</sup>*

## 1.2 Interesses de projeto

### 1.2.1 Onde tudo começou

Ao longo do meu período de intercâmbio, que foi de agosto de 2012 a setembro de 2013, especialmente nos últimos três meses quando tive a oportunidade de morar na cidade de Nova York, desenvolvi um grande interesse por manifestações no espaço público urbano, não apenas o grafite, mas todo tipo de intervenção artística que eu encontrava nas ruas. Apesar de morar e trabalhar na “Big Apple”, meu comportamento no geral era o de uma perfeita turista e minha atividade favorita era desbravar as ruas nova-iorquinas e andar. E nessas jornadas diárias, eu registrava as coisas que captavam meu interesse, notoriamente a arquitetura e arte urbana. Com o tempo, adquiri a ideia de que as ruas, e também as cidades, são organismos vivos, de que elas falam e de que possuem uma personalidade. Os lugares não são passivos, eles têm algo a dizer e interferem nas nossas vidas. Passei a encarar, desde então,

essas intervenções urbanas e artísticas como pequenas mensagens das ruas para os transeuntes.

Deborah Lopes Pennachin, em seu trabalho "Arte no espaço urbano - reflexões sobre a experiência contemporânea do graffiti", fala sobre a relação de natureza dialética dos moradores com a metrópole,

*"[...] existe entre as metrópoles e os seus moradores uma relação de natureza dialética, em que se pode verificar que não apenas os sujeitos são impactados pelo ambiente próprio da urbanidade, como também participam ativamente no processo de constituição do ambiente representacional em que vivem."*  
(PENNACHIN, 2008, p. 1)

Essa participação ativa, no caso do meu interesse, apresenta-se através dos graffiti, pichações, adesivações, cartazes, rabiscos etc, inseridos no espaço público urbano.

É engraçado como esse interesse só surgiu nesse período em que me encontrava distante e em outro país. O Rio de Janeiro, cidade onde sempre morei, é rico em manifestações deste tipo, porém, meus olhos nunca estiveram muito atentos. Pensando um pouco mais a respeito disso, relaciono o meu despertar ao fato de andar e desbravar as ruas, hábito este que eu nunca tinha no Rio, onde me sinto insegura e pouco motivada a caminhar por prazer.

Ao voltar para o Brasil, meu interesse permaneceu. Por passar horas em trânsito, tenho a oportunidade de observar e apreciar as artes nas ruas cariocas diariamente. O que só aumentou meu interesse. Faço um pequeno parêntese para a importância desses tipos de manifestações

em tempos de um Rio tão conturbado: as ruas são testemunho e registro de um momento singular da cidade.

Com o tempo, adquiri um pouco mais de segurança e passei a registrar algumas dessas manifestações. Algumas eu acabei 'perdendo', pois não consegui fotografar antes que elas fossem apagadas ou substituídas.

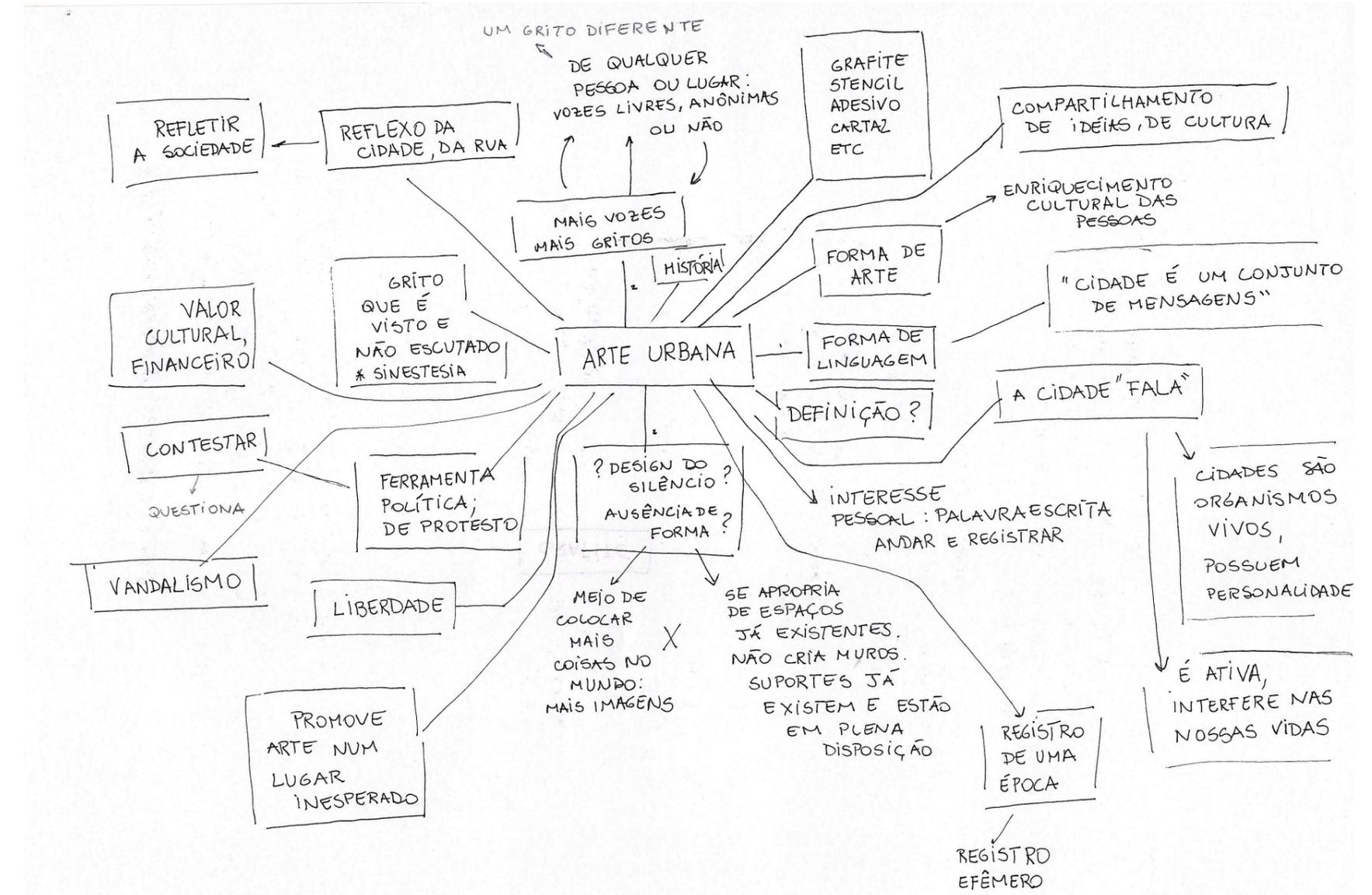
### 1.2.2 Desdobramentos e relação com o tema

A vontade de explorar este interesse durante meu último ano esdiano surgiu e foi crescendo. Foi então, ainda durante a primeira semana de aula, ao me deparar com o tema, com o texto do professor Pedro e com as primeiras discussões em sala de aula, que as primeiras reflexões unindo os dois (interesse de projeto e tema proposto) começaram a surgir.

Tomando como base o grafite, começo pensando essa atividade como uma forma de linguagem. Procurei algumas definições desta palavra, transcritas abaixo, que me ajudaram a pensar sobre o assunto.

*"2 Conjunto de sinais falados (glótica), escritos (gráfica) ou gesticulados (mímica), de que se serve o homem para exprimir suas ideias e sentimentos. 3 Qualquer meio que sirva para exprimir sensações ou ideias."*<sup>6</sup>

O grafite como forma de expressão, como forma de arte e como forma de linguagem. Foi intrigante para mim o aparente conflito entre ele e as expressões "design do silêncio", "ausência da forma", uma vez que eu o via como uma linguagem ou meio de colocar mais coisas no mundo. Mais informação e mais imagens aparecem e desaparecem todos os dias na cidade. Mais gritos, mais vozes. Por outro lado, é interessante pensar que essas vozes são e vem de qualquer pessoa e qualquer lugar.



São em sua maioria vozes livres, algumas vezes anônimas e outras não, e que muitas vezes atuam no sentido contrário das vozes da grande massa da comunicação, da grande mídia. Comunicando mensagens, sendo um grito de liberdade, sendo apenas uma técnica ou linguagem para se expressar, o grafite, assim como outras formas de manifestação não autorizadas no espaço público urbano pode ter várias facetas.

Mas será que ele se reúne aos demais ruídos e barulhos e acaba não sendo ‘ouvido’? Será ele um meio alternativo de expressão? Será apenas um reflexo do que a grande mídia comunica? Será o grafite uma resposta esperada à comunicação de massa, um grito usurpado como mencionado no texto? Creio, a princípio, que não existe uma resposta certa e outras erradas. Todas as possibilidades podem coexistir.

Afim de organizar e melhor visualizar as primeiras ideias e questionamentos sobre meus interesses de projeto, fiz o esquema a seguir. Dessa forma, questões a princípio desconexas começaram a ganhar algum sentido e gerar novos questionamentos. Após uma conversa com os orientadores, onde expus minhas ideias iniciais, algumas referências foram passadas, assim como algumas questões para refletir. Quando apresentei essas considerações, parti do termo “arte urbana”, que na verdade é um termo não consagrado, e que possui diversas definições e contradições, apesar de ser amplamente usado. Seria necessário pensar melhor sobre o uso dessa expressão. Ao longo do projeto, acabei definindo que usaria o termo “manifestações”. Uma das referências que os orientadores passaram foi a do artista Guga Ferraz, que realiza intervenções no espaço público urbano. Essa referência foi muito importante, pois aumentou meu espectro de visão dentro de um assunto que muito me interessava.

### 1.3 A cidade polifônica

O título dessa sessão é oriundo do livro, de mesmo nome, do autor italiano Massimo Canevacci. A obra desse autor foi de fundamental importância para o desenvolvimento do meu trabalho. Canevacci aborda diversas questões relacionadas aos meus interesses de projeto e percepções a respeito da cidade.

No início deste relatório, comentei como, a partir das minhas andanças pela cidade, comecei a ter a percepção de que as cidades são organismos vivos, que possuem personalidade e que interferem nas nossas vidas, têm algo a dizer. Essa percepção é válida também para Canevacci, que discorre sobre as muitas facetas que uma cidade pode apresentar. Ela é composta por uma “multiplicidade de ritmos” e vozes, que de diversas formas se sobrepõem e coexistem. As ruas são repletas de signos, cada qual com seu significado e que juntos compõem significados maiores, uma rede complexa. Os lugares despertam olhares, memórias e são palco de eventos, encontros e manifestações. São ativos, por influenciarem na maneira como os percebemos, e passivos ao serem influenciados e alvo das ações dos seus habitantes.

Cada fragmento é responsável por uma onda de estímulos e cada esquina, cada canto, cada rua tem algo a dizer, tem uma história a contar. Dentro da cidade, somos autores e espectadores, somos um na cidade e a cidade é uma em nós. Como disse Canevacci, “a Grande Cidade é um grande sistema comunicativo”. (CANEVACCI, 1993, p. 81)

Acredito que a vivência da cidade é plural e única para cada cidadão, mas que a cidade, como um todo, possui uma atmosfera, um clima, o que chamei antes de personalidade. É única, pois cada indivíduo experencia e interpreta a cidade de uma forma, cada um possui seus



caminhos, suas escolhas, seu modo de percorrer a cidade e sua bagagem que acrescentam novos significados àquilo que é visto, vivido e sofrido dentro da cidade. Cada cidadão atua sobre a cidade de uma forma, uns mais, outros menos.

*“Não somente vivemos ‘nela’, mas também somos vividos ‘pela’ cidade. A cidade está em nós.” (CANEVACCI, 1993, p. 37)*

É importante ressaltar que, numa cidade repleta de contrastes como o Rio de Janeiro, existem múltiplos espaços ou zonas com diferentes níveis de interferência/investimento no que diz respeito a ações governamentais. Assim, apesar do Rio, como unidade, possuir características próprias, ele é composto por diferentes lugares valorados de formas distintas e com atmosferas particulares. A cidade é um organismo complexo e plural.

*“A cidade se apresenta, assim, como um verdadeiro mar de signos, onde o olhar do indivíduo percorre caminhos inusitados em meio a um cenário imagético fragmentado e profundamente marcado pela sobreposição caótica de representações. Em meio a essa espécie de balbúrdia imagética, o olhar do habitante das cidades torna-se analogamente fragmentado e superficial, e inevitavelmente seletivo, pois não é humanamente possível atentar integralmente a todas as proposições visuais apresentadas, cujo superpovoamento ocasiona uma saturação dos sentidos.” (PENNACHIN, 2008, p. 2)*

Ou seja, todos os dias percorremos um labirinto de imagens e somos invadidos e hiper-estimulados até um ponto em que nada percebemos, em que olhamos mas não vemos, não notamos. Junta-se a isso o nosso ritmo acelerado e nosso sentimento de urgência e "falta de tempo". Nossos percursos tornam-se borrões, as ruas são apenas um meio para ir de um lugar a outro e perdemos aos poucos a vivência dos lugares mais significativos das cidades: suas ruas, seus espaços públicos, compartilhados. Como escreveu Déborah Lopes Pennachin:



*“O ritmo acelerado de vida, em que as urgências do cotidiano se tornam imperiosas, resulta muitas vezes na transformação da rua em um entre-lugar. No locomover-se pelos corredores de trânsito das cidades existe sempre o desejo de chegar a algum lugar, e a experiência do ambiente urbano é premida pelo deslocamento de um ponto de partida A a um ponto de chegada B, acarretando uma diminuição de valoração de tudo aquilo o que se encontra entre estes dois pontos; as ruas são um interlúdio entre a partida e a chegada. O espaço da cidade não ultrapassa, na experiência cotidiana dos indivíduos pressurizados pelo tempo cronométrico de suas atividades o caráter de um mero intervalo, sendo percebido como um espaço menos significativo que os ambientes fechados em que as atividades diárias se desenvolvem; escritórios, casas, centros de compra e lazer etc.” (PENNACHIN, 2008, pp. 1 e 2)*

Perdemos a troca, perdemos o respiro, perdemos o desfrutar lento e prazeroso. Perdemos histórias, perdemos contatos, perdemos experiências e o diálogo. Nos limitamos a espaços fechados. Resumindo, temos essas duas questões: a primeira diz respeito ao excesso de estímulos que torna tudo um grande borrão, e a segunda que fala sobre o esvaziamento dos espaços compartilhados da cidade. É claro que esse esvaziamento tem diversas razões. Jane Jacobs, em seu livro “Morte e vida de grandes cidades”, aponta diversos motivos que circundam essa questão. A autora fala sobre a violência e o sentir-se inseguro nas ruas e como ruas mais vazias aumentam a sensação de insegurança, num ciclo. Aborda também a diferença existente entre as pequenas e grandes cidades quanto à relação entre o número de conhecidos e desconhecidos. O grande número de desconhecidos colabora com a questão da insegurança e as pessoas optam por

compartilhar nada com as outras que as cercam, numa afirmação da individualidade. Além disso, Jacobs cita a carência que alguns lugares têm, quanto à vida pública natural e informal e a monotonia como uma praga para essa vida pública na cidade.

*“Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas no seu leito. As ruas e suas calçadas, principalmente locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona.” (JACOBS, 2000, p. 29)*

Na contramão dessa realidade, está a vivência e a convivência nos espaços público-urbanos e a percepção das ruas como um verdadeiro e relevante espaço. No livro citado no início desse capítulo - “A cidade polifônica”, de Massimo Canevacci - o autor fala sobre a importância de perder-se na cidade e do *flâneire* e de como isso permite tornar familiar o que nos é estranho. O mesmo autor, escreveu:

*“Compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas.” (CANEVACCI, 1993, p. 35)*

E, como abordado anteriormente, enxergo as manifestações feitas nos espaços público-urbanos como verdadeiros fragmentos e evidências daquilo que é vivido na cidade e que podem nos ajudar a compreendê-la melhor. Elas preenchem os espaços da cidade de significados ao mesmo

tempo em que possuem seu significado atrelados à vida na cidade. É a relação dialética, acima citada.

## 1.4 Intervenções e manifestações urbanas

### 1.4.1 Pesquisa e reflexões

A partir dos meus interesses de projeto, e das questões já apresentadas nesse relatório, comecei a pesquisar textos, filmes e outras referências que pudessem me ajudar a embasar e definir o que seria o meu projeto.

Intervenções urbanas e manifestações como a pichação e o grafite, efêmeras por natureza, fazem parte do nosso cotidiano e podem ser responsáveis por mexer com a nossa percepção do espaço, atribuindo novos significados aos lugares onde se inserem, e por influenciar as nossas rotinas, não só devido às suas características estéticas, mas também por serem meios de veicular mensagens. Possuem uma relação estreita com o espaço em que se encontram e são, antes de tudo, uma manifestação humana e muitas vezes são ferramentas utilizadas para realizar críticas à sociedade na qual vivemos, certa forma de ativismo, representando também um elo entre arte, vida urbana e política. Também podem atuar de maneira lúdica e criar novas relações afetivas entre as pessoas e o espaço público urbano no qual se encontram. E, como mencionado anteriormente e envolvendo todas as questões acima, são uma forma de diálogo dos habitantes entre si e entre a cidade e seus habitantes. Representam vozes, às vezes anônimas, e expressam opiniões, sentimentos, desabafos, pontos-de-vista.

No que diz respeito às manifestações de cunho político e crítico, muitas são responsáveis pela politização do espaço público, como

aborda Henrique Moreira Mazetti, doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, em seu artigo “Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade”. Henrique trata dessas intervenções como uma possibilidade de ação direta, que se distancia da *“política institucional para enfatizar a cultura e a reprodução social como terreno de combate”* (MAZETTI, 2006, p. 3). A cidade é o lugar do diálogo e da troca simbólica, e as práticas de intervenção urbana são meios de subverter as mensagens oriundas dos meios dominantes de comunicação.

*“Meio e mensagem são problematizados, na busca por mudar a relação da produção de informação distribuída na cidade com a “audiência”, assim como a disseminação de ideais contra-hegemônicos e o desnudamento de construtos ideológicos contidos nos signos espalhados pelo ambiente urbano.” (MAZETTI, 2006, pp. 6-7) .*

Em outro artigo também muito interessante, intitulado “Grafite e pichação - que comunicação é esta?”, da orientadora educacional Dayse Martins Cruz e da professora de pós-graduação e pesquisadora do Instituto de Pesquisa Pelé Pequeno Príncipe, Maria Tereza Costa, essas manifestações são interpretadas como *“imagens tatuadas no corpo da cidade”* (RAMOS *apud* CRUZ E COSTA, 2008, p. 96), que alteram a rotina visual das cidades, dialogam com o público e são responsáveis por críticas ásperas, mostrando o que a cidade tenta esconder. As autoras também mencionam *“vozes que clamam serem ouvidas”* (CRUZ, COSTA, 2008, p.110) e *“enigmas que instigam, a todo o tempo, sua decifração”*. (CRUZ, COSTA, 2008, p. 111). Essas manifestações seriam, então, um registro da história de um povo e uma forma de diálogo da cidade com a cidade.

Celso Gitahy, em seu livro “O que é graffiti?”, faz uma listagem de características da linguagem do grafite, agrupando-as em dois grupos: estéticas e conceituais, conforme transcrito abaixo:

#### **“Estéticas:**

*Expressão plástica figurativa e abstrata*

*Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas*

*Natureza gráfica e pictórica*

*Utilização, basicamente, de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista*

*Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art*

*Repetição de um mesmo estilo quando feito à mão livre.*

#### **Conceituais:**

*Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero*

*Discute e denuncia valores sociais, políticos econômicos com muito humor e ironia*

*Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole*

*Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo*

*Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.” (GITAHY, 1999, pp.19-20)*

Focando principalmente nas características conceituais, que se aplicam não só ao grafite, mas a outros tipos de manifestações e intervenções presentes nas ruas da cidade, apresenta-se novamente a questão do papel que ele tem na politização do espaço urbano ao propor discussões e denunciar valores.

Sejam com mensagens mais críticas ou mais bem humoradas – e uma parte combina essas duas características – as manifestações são espelhos da realidade da cidade, ou de uma parte dela, e que, a meu ver, trazem muito mais verdades e são muito mais condizentes com a verdade do que qualquer meio de comunicação de massa. Como escreveu Vera Pallamin, “A arte urbana é vista como um trabalho social, um ramo da produção da cidade, expondo e materializando suas conflitantes relações sociais.” (PALLAMIN, 2000, p. 20).

Ronald Duarte, artista e mestre em linguagens visuais pela EBA/UFRJ, num bate-papo realizado pela artista Kenny Neoob para o caderno cultural Polêmica Imagem<sup>7</sup>, perguntado sobre o que é uma intervenção urbana, nas artes visuais, respondeu:

*“Há uma questão morfológica da palavra: intervenção ou interferência? Intervenção é uma maneira de inventar intervindo, reinventando alguma coisa na cidade. Reinventar o urbano, dialogar com o espaço.*

*A interferência tem a intenção de transgredir, de cortar, de fracionar, de ser a transversalidade da cidade, não tem nada com a invenção do espaço. Chamaria meu trabalho de interferência urbana. Meu diálogo não é paisagista, não é urbanista, nem arquitetônico. É estético.*

*O que é uma interferência urbana? É um diálogo direto com o que a cidade que agoniza, que grita o que mais necessita e, então, você vai mostra a todo mundo. É bastante visível mas, às vezes, as pessoas que vivem na cidade não conseguem enxergar porque estão muito próximas.”*

Independente da nomenclatura — se é intervenção ou interferência urbana — temos mais uma vez a questão do diálogo, das vozes e da necessidade de fazer ver um problema que por vezes está invisível.

O grafiteiro Thito Lama, em entrevista para o blog “A Arte na Rua”, aborda questões semelhantes. Fala do papel do grafiteiro como influenciador político e como os grafites não só representam as ideias de quem os faz, como também as de muitas pessoas que acabam se identificando com elas.

Na realidade, existem diferentes agentes que atuam nesse sentido, sejam grafiteiros, pichadores ou artistas, e que enxergam em seus trabalhos e nas manifestações em geral, uma relação muito estreita com a vida na cidade, com o espaço urbano e com os problemas enfrentados/ vividos nela. A artista Nina Pandolfo, no documentário “Cidade Cinza”, dirigido por Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo, fala sobre a importância de estar nas ruas:

*“Eu acho que você tando na rua você tem um poder bem grande de poder falar com todas as pessoas, independente da classe social, independente da vida cultural que essa pessoa tem ou não, você pode falar tanto coisas positivas como coisas negativas. Eu acho que é uma arma muito pouco[sic] forte porque ela trabalha com imagens, a imagem é uma linguagem direta, você não tem que para pra ler, você não tem*

*que para pra escutar. Você viu, viu, já entrou na sua mente, inconscientemente a mensagem vai entrar, tipo mensagem subliminar. Acho que é muito forte a imagem na rua.”*

No mesmo documentário, o artista Nunca traz outro aspecto importante a respeito do grafite:

*“Isso aqui eu acho que é a forma mais direta assim de tratar cada pessoa que passa aqui como um ser humano, porque a gente não vê cada carro desse aqui como uma engrenagem. Cada carro é uma história, um cara que brigou com a mulher ou uma mina que se apaixonou, sabe, cada um tem uma história, é gente, é ser humano. Eu acho que isso aqui é uma forma de dialogar com essas pessoas. O grafite dá essa quebra assim, o cara vê um dia isso aqui cinza e no outro ele vê todo colorido. Isso é que é legal.”*

Outro documentário que assisti foi “Maringá: verde em essência, cinza por negligência”. Ele aborda diversas questões, algumas também nesse sentido do grafite como um reflexo do que está acontecendo na cidade, como denúncia, e outras como a importância deste no enriquecimento cultural das pessoas.

*“Que a pessoa que está caminhando por uma rua e se depara com um desenho, primeiramente ela não espera ver aquilo... numa parede, um desenho abstrato, um desenho óbvio, um desenho que questiona, um desenho que sugere um raciocínio, então eu acho interessante esse sentido do grafite contestar, mexer com a imaginação das pessoas [...] é importante para o enriquecimento cultural das pessoas, de um maneira gratuita, principalmente, eu acho que a vantagem*

*do grafite é essa, você não paga nada pra usufruir do que o grafite oferece, do que a arte oferece.” - Isaac Kassiano, designer e grafiteiro, no documentário “Maringá: verde em essência, cinza por negligência.”*

Em fevereiro deste ano, o canal de televisão Futura lançou uma série de reportagens chamada “Intervenções Urbanas”, com diversas entrevistas e que mostra o trabalho de alguns artistas e coletivos brasileiros. Diversas questões são abordadas nas reportagens, entre elas, a da relação do público com os trabalhos. O artista plástico Eduardo Srur fala sobre como o que aproxima o público de seu trabalho não é o fato deste estar num espaço coletivo e sim de possuir um conceito que parte muito mais de uma questão coletiva do que individual. E acrescenta:

*“Porque o papel do artista no Brasil deveria ser uma preparação do olhar do público porque o público não tá tão acostumado a entender as artes visuais, e menos ainda arte contemporânea, e a intervenção urbana permite esse elo, essa aproximação entre o artista e o público.”*

Ainda sobre a relação com o público, a série aborda a dificuldade em prever como as pessoas vão interpretar os trabalhos, e mensurar como o projeto vai influenciá-las, até mesmo porque, como ressalta o artista plástico Alexandre Vogler, muitas vezes os trabalhos não vêm acompanhados de uma legenda e nem fica claro que são trabalhos de arte.

No artigo citado no início deste capítulo, do autor Henrique Moreira Mazetti, ele cita outro aspecto importante na relação entre público e obra nos trabalhos de intervenção urbana. Ele fala sobre como este tipo de trabalho subverte a relação emissor-receptor, trazendo um novo tipo de espectador não passivo que estabelece um diálogo com as informações

que o cercam. A cidade, segundo o autor, “renova-se, então, como lugar de troca simbólica”. (MAZETTI, 2006, p. 5) .

Sobre a questão do diálogo e do lado mais político das intervenções, o cartunista Tito, na mesma série de reportagens, resume seu trabalho: “*Minha questão é essa: dar uma voz pros que não tem vozes*”, o que remete diretamente a uma das questões discutidas no texto/proposta de projeto desse ano.

#### 1.4.2 Artistas e coletivos de intervenção urbana



Nessa parte do relatório, abordo brevemente a obra de diversos artistas e coletivos que possuem trabalhos que, de alguma forma, dialogam com o espaço público e com a cidade. Seja de forma lúdica ou não, individual ou coletiva, mais ou menos politizada, todos eles são relacionados às experiências e problemas vividos na urbe.

##### Guga Ferraz

Artista conhecido por seu trabalho de inserções no espaço público. Entre suas intervenções estão a “Cidade Dormitório” (um beliche de

*Cidade Dormitório | Parede Gentil*  
Rio de Janeiro, 2007

oito andares colocado em uma rua da cidade) e “Ônibus Incendiado” (aplicação de adesivo vinil de chamas sobre placas de ponto de ônibus).

*“Eu tento chamar a atenção para uma coisa que não deve ser natural. Não é natural uma pessoa dormir na rua.”<sup>8</sup>*

Como motivação para seu trabalho, o artista cita a raiva. Essas e outras obras/intervenções do artista são críticas a questões e problemas vividos na cidade do Rio de Janeiro e provocam o questionamento das pessoas, se inserindo no seu cotidiano. O trabalho do artista carioca é bastante politizado.



*Ônibus Incendiado*  
Rio de Janeiro, 2009

##### Ronald Duarte

Com trabalho similar ao de Guga Ferraz, esse artista também atua através de interferências urbanas. Ronald ainda aponta as interferências como um diálogo direto com a cidade que agoniza e fala sobre a necessidade de fazer ver os problemas da cidade:

*“Existe uma anestesia natural de quem vive na cidade, acostuma-se com essa loucura. Antigamente, tinha-se medo de*

ser assaltado no Rio de Janeiro, hoje o medo é a bala perdida. O dinheiro perdido a gente ganha. O carro o seguro paga. Está tudo certo. Existe um certo conformismo com o nível de violência. O meu trabalho é a tentativa de exacerbar algo que acontece toda as madrugada no Rio de Janeiro, o sangue rola morro abaixo e ninguém vê. Então vamos fazer ver.”<sup>9</sup>



Fogo Cruzado  
Rio de Janeiro, 2002

### Alexandre Vogler

Artista plástico que possui uma série de trabalhos que se relacionam com o contexto urbano e que, de alguma forma, questionam os sistemas de comunicação atuais. Um dos seus trabalhos mais conhecidos, intitulado “Base para unhas fracas”, é uma série de lambe-lambes espalhados em diversas cidades do país, e que fazem uma crítica aos limites da publicidade nos espaços públicos e ao uso da imagem fetichizada do corpo da mulher.

### Eduardo Srur

Outro artista que também possui trabalhos de intervenção urbana. Segundo texto contido no site do artista:

“Suas obras se utilizam do espaço público para chamar a atenção para questões ambientais e o cotidiano nas metrópoles, sempre com o objetivo de ampliar a presença da arte na sociedade e aproximá-la da vida das pessoas. A cidade é o seu laboratório de pesquisa para a prática de experiências artísticas.”<sup>10</sup>

O trabalho que destaco abaixo intitula-se “A arte salva”. Realizado em dezembro de 2011, durante uma oficina organizada com os alunos da UnB no Congresso Nacional, em Brasília, o trabalho contou com a participação de dezenas de pessoas que jogaram no espelho d’água bóias salva-vidas numeradas e adesivadas com a frase “A arte salva”. A ideia por trás da ação era mostrar como a arte pode ser uma possibilidade de salvamento e resgate da consciência cívica.



A arte salva  
Brasília, 2011

### Coletivo Curativos Urbanos

Essa ação utiliza-se de uma estratégia bem humorada para chamar atenção das pessoas para calçadas danificadas, através da colagem de grandes curativos feito de EVA. Segundo o grupo: “Todo o cidadão deve ter condições de se locomover pela sua cidade com qualidade e, para isso, o mínimo que precisa são calçadas decentes”<sup>11</sup>.



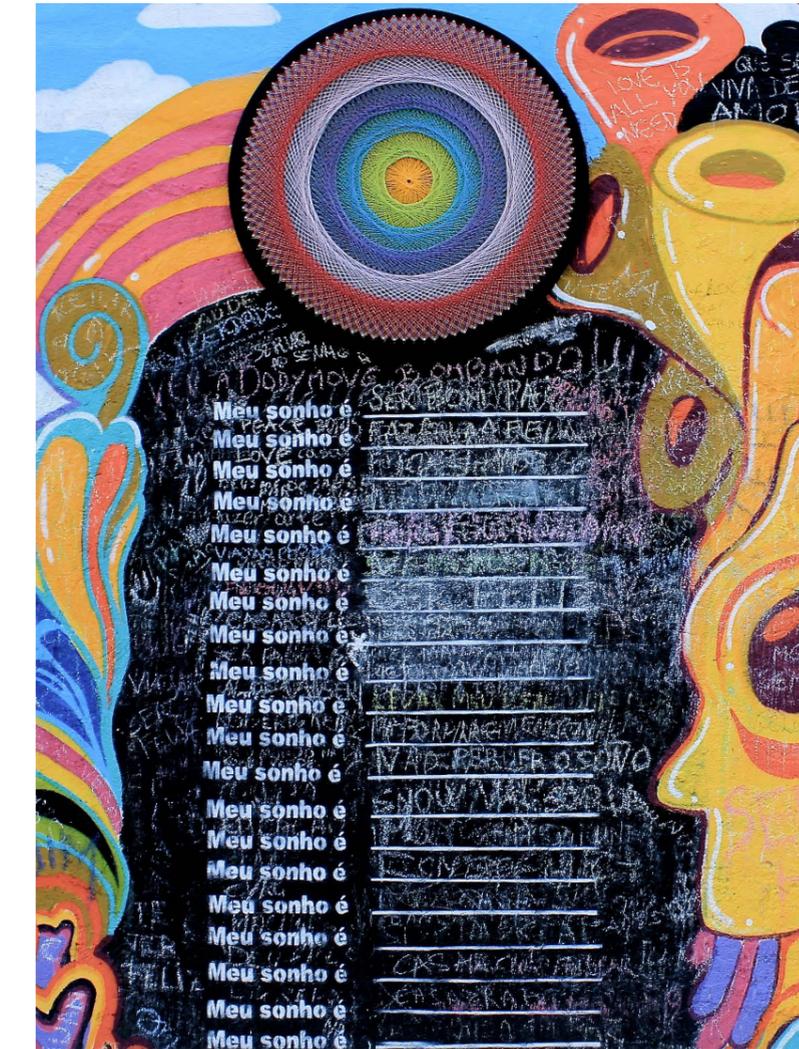
Ação Curativos Urbanos  
São Paulo, 2014

“Queremos incentivar as pessoas a analisarem o local que passam todos os dias, a falarem sobre isso e, quem sabe, se interessar mais pelo assunto. Acreditamos muito na força que as pessoas têm para mudar a realidade em que vivem.”<sup>12</sup>

### Liberte seus sonhos

São intervenções colaborativas e interativas que convidam as pessoas a escrever e compartilhar seus sonhos num mural pintado, completando a frase “meu sonho é”. A idealizadora das intervenções, a arte-educadora Gabriele Valente, ressalta o caráter educativo que as ruas podem ter:

“Acho que meu maior sonho é transformar a educação e mostrar que a rua também é um espaço educador, um espaço em que outras coisas podem acontecer, né, não é só um lugar de medo...”<sup>13</sup>



Liberte seus sonhos  
Rio de Janeiro, 2012

### Aqui Bate um coração

Esse é um coletivo que possui uma intenção simples: espalhar amor pelas ruas da cidade. Sua ação – que consiste na colagem de corações em estátuas – já aconteceu em mais de 50 cidades do Brasil e do mundo.



Aqui bate um coração  
Campinas, 2012

Surgiu em 2012, a partir de um questionamento do criador Rodrigo Guima e seus amigos moradores de São Paulo, sobre como andava a vida das pessoas na cidade, como elas estavam se relacionando e porque estavam tão individualistas.

### Estoy Aquí

Intervenção criada pelos estudantes chilenos Violeta Caro Pinda e Felipe Carrasco Guzman para chamar a atenção e sensibilizar as pessoas para o número de cachorros abandonados nas ruas. A intervenção consiste em amarrar no pescoço de cada cachorro de rua um balão de gás hélio com dizeres como “me abrace”, “brinque comigo” e “não me deixe”.



Estoy aqui  
Chile, 2012

### Coletivo Transverso

Criado em 2011 e formado por artistas de diversas áreas “com o propósito de pesquisar, desenvolver e realizar intervenções urbanas utilizando técnicas de stencil, grafite, sticker e performance.” O objetivo é:

*“proporcionar de forma gratuita um olhar poético ao cotidiano dos passantes por meio de intervenções no espaço público.”*

*[...] Os poemas e desenhos são autorais, e todo o material das intervenções é idealizado e produzido num processo colaborativo nas reuniões do coletivo.”<sup>14</sup>*



Coletivo Transverso  
Rio de Janeiro, 2013

### Coletivo Poro

Formado pela dupla de artistas Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada, esse coletivo atua desde 2002 com intervenções urbanas e ações efêmeras. Eles também utilizam a cidade como palco de suas ações e seu trabalho questiona o uso dos espaços públicos apenas para fins privados e puramente empresariais. O que eles propõem são cidades com uma vida com mais qualidade, mais criativa e mais voltada para pessoas. Seus trabalhos artísticos e poéticos são inseridos no circuito urbano.



Coletivo Poro: Por outras práticas e espacialidades  
Belo Horizonte, 2010

## 1.5 Primeiras possibilidades de projeto

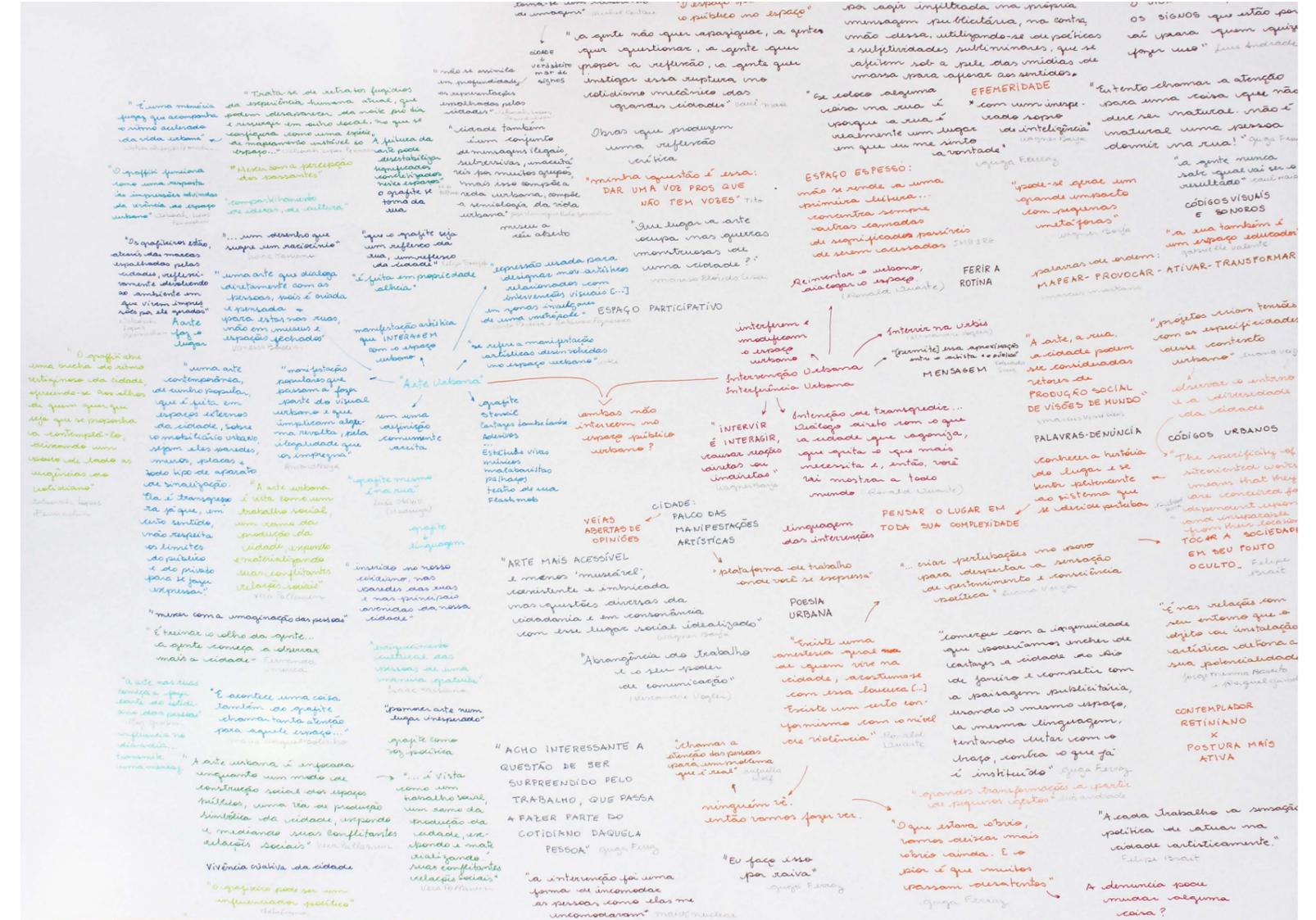
A pesquisa realizada aumentou meu interesse e meu entendimento sobre diversas questões relacionadas às manifestações e intervenções urbanas e sobre sua relação com a cidade, e contribuiu para aumentar também meu leque de possibilidades. Li diversos textos, entre eles artigos, entrevistas, projetos, livros, mesmo que em parte, e também assisti a documentários, vi mais entrevistas, pesquisei artistas e trabalhos.

A fim de organizar todas essas novas informações, identificar possíveis caminhos de projeto e refletir sobre o que eu queria e não queria fazer, fiz um novo esquema. Nele, coloquei diversos trechos dos materiais que li e assisti, falas, palavras-chave. A ideia era que, uma vez colocado tudo junto, eu pudesse ter *insights*.

Ao longo da pesquisa, perguntas ficavam martelando na minha cabeça: “o que eu quero?” “o que eu quero fazer durante quase um ano de projeto?”. Eu não conseguia achar uma resposta só para essa pergunta, eu via tantas coisas interessantes, tantos projetos e tantos aspectos que poderiam ser abordados. Pensando na esfera da cidade do Rio de Janeiro e no meu cotidiano, percebo tantas injustiças, fatos que me deixam indignada, triste e com raiva até. Tem tantos absurdos neste mundo que eu pensava “como lidar com o silêncio, se a minha vontade é de gritar?”. Ao mesmo tempo, eu queria poder entender tantas outras coisas, eu queria poder ouvir as pessoas e ter uma resposta delas sobre essas coisas que estão acontecendo na cidade. E eu queria expor as minhas opiniões e quebrar o meu silêncio. Eu queria dar uma resposta. Mas seguia pensando: “a rua fala, a cidade fala, eu falo, você fala, e ninguém se ouve”. Ninguém se ouve...

Neste ponto, tentei buscar algumas respostas em mim mesma, no que me levou a querer trabalhar com essas manifestações e intervenções, antes mesmo de pensar nestes termos propriamente ditos. O porquê eu gostava do assunto. Qual era a minha paixão em relação a isso? O que me motivou e me fez decidir que era com isso que eu queria lidar durante meu ano de projeto? O texto abaixo foi uma tentativa de resposta.

“Eu gosto de andar pelas ruas e descobrir novas mensagens. Interessa-me esse andar, essas pequenas descobertas. São mensagens escritas e jogadas pela rua e que influenciam meu cotidiano e o de outros inúmeros passantes. Me interessa essa linguagem das ruas, essa comunicação por vezes inesperada. Essas palavras e frases podem ser um desabafo, um grito de protesto ou apenas um ato de transgressão. Podem se perder pelas ruas junto com as diversas camadas de informação e publicidade, podem ser invisíveis no cotidiano apressado da maioria dos passantes. Qual a relevância destas mensagens na vida das pessoas? Qual a relevância delas nas ruas? Qual a importância? Essas mensagens estabelecem diálogos entre pessoas desconhecidas e fazem circular informações oriundas de qualquer um. Essa circulação de informações vai muitas vezes contra as informações veiculadas pela grande mídia, e, por essa razão, é interessante pensar que talvez ela possa representar um silêncio/grito/resposta de uma minoria crescente. Não sei se é possível mensurar a importância dessa poesia urbana, mas me arrisco a dizer que ela cria certo interesse visual numa paisagem muitas vezes monótona e cinza e que pode gerar reflexões, despertar questionamentos e fazer pensar... Interessa-me a relação das pessoas com essas manifestações



*de rua e me interessa fazer um registro das ruas, principalmente pelo fato destas manifestações serem tão efêmeras.”*

Pensando nas questões abordadas acima, voltei-me para a questão do silêncio e da relação do meu interesse de projeto com o tema proposto, e considerei os seguintes pontos de conexão:

**- A rua é um suporte livre, sobre o qual qualquer um pode atuar.**

Eu considero esse fator, já mencionado anteriormente, bastante relevante, pois ele expõe a natureza multilateral das manifestações contidas no espaço público urbano que vai contra a comunicação massificada mencionada no texto/proposta. Num país onde a maioria das pessoas tem acesso a informações oriundas das mesmas fontes e dos mesmos interesses, pode ser muito importante o papel dessas manifestações e intervenções, que garantem olhares, respostas e pontos de vista diferenciados.

**- As imagens são gritos mudos.**

Correspondência direta e um pouco óbvia com o tema silêncio, as manifestações representam vozes dos habitantes da cidade, porém são vozes que não são ouvidas, e sim vistas. Relaciona-se com a necessidade de fazer ouvir o inaudível.

**- Essas manifestações podem agir de forma crítica, propor reflexões e atuar sobre certos vazios da cidade.**

Há certos pontos de vista que não são mostrados na grande mídia, certas versões são preferíveis em detrimento de outras e muito do que temos acesso é, na verdade, uma informação manipulada, tendenciosa e que, infelizmente, forma a opinião da maioria das pessoas. Há muito ruído, muita desinformação e acredito que os meios de comunicação de massa prestam um desserviço à população. Acredito que nesse cenário,

essas manifestações podem propor uma reflexão e podem trazer um olhar diferenciado, outros pontos de vista, tirando certas sujeiras de debaixo do tapete, e expondo realidades diferentes.

Para a primeira apresentação, organizei todas essas ideias soltas e defini dois possíveis caminhos de projeto.

Como primeira possibilidade, escrevi “elaborar uma forma de intervenção urbana para provocar uma reflexão sobre algum problema existente na cidade.” A proposição, apesar de aberta, estava muito clara. Eu não tinha em mente na época nenhum problema específico, mas questões acerca dos problemas no transporte público eram as que mais martelavam a minha cabeça. A ideia era não apenas propor uma reflexão, mas buscar feedbacks das pessoas sobre a intervenção. Eu queria abordar certos silêncios, certas questões que não são comentadas. Eu tenho a percepção de que as pessoas não discutem determinados assuntos, e que as conversas da grande parte da população giram em torno de futebol, novela ou assuntos midiáticos, e que quando elas resolvem debater algum tópico, geralmente suas opiniões são apenas reproduções daquilo que foi veiculado incessantemente nos meios de comunicação de massa. As pessoas reclamam de determinados assuntos relacionados à sua rotina, mas não têm o hábito de questionar e refletir sobre os assuntos. Obviamente isso não é uma verdade absoluta, é, como eu disse, apenas minha percepção, talvez preconceituosa até. De qualquer forma, o que eu queria com essa ideia era fazer as pessoas pensarem e comentarem sobre determinado tópico, mostrar um ponto de vista diferente e ver a reação das pessoas.

A segunda possibilidade de projeto apresentada estava ainda mais solta que a primeira: “efetuar um registro das manifestações artísticas

e intervenções urbanas num determinado espaço da cidade”. A ideia era básica: seguir com a minha paixão em andar pelas ruas e fotografar intervenções. Um interesse pessoal que eu gostaria de definir e transformar num projeto. Como eu abordei na apresentação, “pensando na experiência pessoal de cada um, eu gostaria de explorar e registrar os silêncios de uma caminhada pela cidade e descobrir as mensagens que passam muitas vezes despercebidas e as surpresas contidas numa rotina monótona.” Eu pensava em talvez focar em manifestações de protesto vinculadas às manifestações de junho de 2013 ou manifestações anti Copa 2014 e Olimpíadas 2016, mas não cheguei a abordar essa ideia durante a apresentação.

Não vou me ater aqui aos comentários feitos pelos orientadores em relação a essas possibilidades de projeto e à apresentação em geral, porém gostaria de trazer uma observação que foi bem relevante. Um dos professores comentou sobre a existência de diversas camadas e tipos de informação disputando o mesmo espaço, com funções diferentes (publicidade, crítica social, desabafo etc) e que seria interessante pensar sobre isso, sobre o que seria mapeado.

Sobre a questão do registro, ela veio aos poucos e eu mesma, a princípio, rejeitei a ideia. Foi numa conversa com o designer Rafael de Vasconcelos, autor do projeto de graduação na Esdi, “2011 Praça Mauá”, que comecei a ver a possível relevância dessa possibilidade de projeto. Destaco aqui três razões que apresentei para justificar porque acreditava no registro como alternativa:.

Primeiro, porque as manifestações e intervenções urbanas possuem um caráter efêmero; segundo, porque acredito que, através do registro, pessoas de diferentes áreas podem ter acesso ao que determinada região ‘produziu’; e terceiro, porque a minha paixão pelo assunto veio

das minhas andanças pelas ruas e pelo gosto que eu tinha em fotografar e captar essas mensagens, eu queria estar nas ruas, fazer observações, registros, talvez falar com as pessoas e ver outras impressões. A ideia ainda estava muito crua, mas me alegrava pensar nos desdobramentos que ela poderia ter.

## 2. conceituação

Essa parte do relatório contém o processo que realizei durante e após as pesquisas contidas na parte 1 e que me levaram a definição do que seria o meu projeto de fato. Conceituar um projeto significa dotá-lo de um significado, de um porquê, de uma linha de raciocínio e de um sentido. A partir dos diversos passos mostrados a seguir, das diversas atividades, conversas, orientações e mais pesquisas que realizei, pude construir essa base que daria sentido a todas as minhas futuras decisões de projeto.

### 2.1 Primeiras palavras-chave

Uma vez tomada a decisão de trabalhar na linha do registro, comecei a pensar nos desdobramentos que meu projeto poderia ter. Uma das primeiras coisas que fiz a esse respeito, como parte de um pequeno exercício realizado durante uma das orientações, foi pensar em cinco palavras ou expressões-chave do meu projeto.

Mensagens urbanas  
Linguagem das ruas  
Marcas deixadas pela/na cidade  
Poesia  
Voz da rua

Apesar de parecer simples, a pequena lista que surgiu contribuiu para que eu entendesse melhor o que eu gostaria de abordar. Ao analisá-la, observei que todos os itens possuíam, de uma forma ou de outra, alguma relação com o universo das palavras e da própria linguagem, e isso foi uma pista muito importante.

No espaço urbano, existem inúmeras manifestações não autorizadas que vão desde adesivos e lambe-lambes até grafites e pichações e que combinam muitas vezes textos e imagens para transmitir uma mensagem. Apesar da imagem por si só, ter o poder de transmitir ideias e causar questionamentos, o que mais me chamava atenção e o que eu mais tinha interesse a respeito dessas manifestações eram as mensagens predominantemente textuais. Baseada na minha rotina e no repertório visual que eu tinha, o que eu percebi é que na cidade do Rio de Janeiro, as manifestações focadas no uso de palavras e texto tinham muito mais impacto na transmissão de ideias e no fazer pensar do que os grafites puramente imagéticos. A maioria dos grafites que eu via e

vejo até hoje são muito mais verdadeiras obras de arte à céu aberto do que transmissores de mensagens, sejam elas críticas ou não. Existe um lado estético muito forte. Como eu disse, é uma percepção que eu tive e que fez o meu interesse crescer exatamente pelas mensagens textuais. Pode ser algo muito pessoal também, esse gosto pelas palavras. De qualquer jeito, através dessa lista e da breve reflexão feita a partir dela, consegui fechar um pouco o espectro de possibilidades do que viria a ser o meu projeto. Até então as definições eram: trabalhar na linha do registro focada em manifestações com mensagens predominantemente textuais.

### 2.2 Primeiro exercício em campo

A questão do registro já estava clara, mas a pergunta era: registrar o que? Existe um universo de manifestações presentes no espaço público urbano, e, apesar de já estar focada em manifestações não autorizadas e predominantemente textuais, a verdade é que eu ainda não tinha uma ideia do que esse universo abrangia. Como mencionado anteriormente, um dos comentários feitos durante a primeira apresentação de projeto, foi exatamente a esse respeito, de que existem diversas camadas de informação que disputam o mesmo espaço, com funções diferentes. Foi daí que surgiu a ideia de realizar uma experiência em campo, onde eu pudesse observar e registrar as manifestações presentes no espaço público e entender melhor do que elas se tratavam. Uma espécie de inventário.

#### 2.2.1 Lugares escolhidos

O primeiro passo seria definir o lugar no qual realizaria essa experiência. A princípio, fiquei em dúvida, mas pensei em duas opções: as ruas do Centro ou de Botafogo. Ambos os bairros fazem parte, de alguma

forma, da minha rotina e poderiam apresentar resultados interessantes. O centro da cidade é um lugar com muita diversidade e está repleto de manifestações, o que poderia ser muito positivo, mas Botafogo, por outro lado, me passava mais tranquilidade quanto ao estar na rua fazendo registros, além de, possuir também certa diversidade de manifestações, como eu já havia observado anteriormente. No final das contas, escolhi começar pelo Centro e, depois, ir a Botafogo.

A fim de me localizar quanto ao percurso, imprimi dois pequenos mapas, um de cada bairro, para levar comigo. Questionei-me se deveria começar com um trajeto pré-definido ou não e, acabei escolhendo definir o caminho no decorrer da própria experiência. Como ponto de partida, escolhi a própria Esdi. O percurso durou algo em torno de duas horas e meia e no geral, foi tranquilo. Após terminado, a jornada continuou em Botafogo, onde o período foi mais curto, pois eu tinha menos tempo, porém igualmente proveitoso.

Realizei toda a experiência acompanhada de minha prima Karina Fernandes, fato que me deixou mais segura e, ao mesmo tempo, possibilitou que eu aproveitasse e curtisse mais.

Dia em que foi realizada as visitas no Centro e Botafogo: 17/05/2014.

#### Itinerário Centro:

Rua Evaristo da Veiga,  
Rua Senador Dantas,  
Avenida Almirante Barroso,  
Avenida Rio Branco,  
Rua da Assembléia,  
Rua Gonçalves Dias,  
Rua do Rosário  
Praça Olavo bilac,  
Rua Buenos Aires,  
Rua dos Andradas,  
Rua Luis de camões,  
Rua Alexandre Herculano,  
Rua do Teatro,  
Rua Ramalho Ortigão,  
Rua Sete de Setembro,  
Praça Tiradentes,  
Rua da Carioca,  
Largo da carioca,  
Avenida Almirante Barroso,  
Rua Treze de Maio,  
Travessa dos Poetas da Calçada,  
Rua Senador Dantas,  
Rua Evaristo da Veiga

#### Itinerário Botafogo:

Rua Guilhermina Guinle,  
Rua São Clemente,  
Rua Dona mariana,  
Rua Voluntários da Pátria,  
Rua da Matriz,  
Rua São Clemente,  
Rua Guilhermina Guinle,  
Rua Voluntários da Pátria.



Mapas mostrando os itinerários.  
À esquerda: Centro.  
Acima: Botafogo.

### 2.2.2 Registros efetuados, organização e classificação

Contando os dois trajetos realizados, tirei um total de 311 fotos, sendo 212 no Centro e 99 em Botafogo, onde o percurso foi menor. Foi apenas no dia seguinte, e com mais calma, que parei para ver todas as fotos e começar a pensar numa classificação. Comecei separando em dois grupos: Centro e Botafogo; para depois, foto após foto, fazer uma lista das manifestações encontradas. A lista foi extensa e, depois de fazê-la, comecei a pensar numa maneira de classificar os itens. Como os cartazes eram muitos, comecei por eles. Porém, esse grupo era muito variado, abrangendo desde folhas a4 com impressão p&b até grandes lambe lambes coloridos. E algumas outras manifestações eram também difíceis de classificar. Decidi então não me prender nessas especificações, mas sim pensar numa subdivisão baseada nos tipos de conteúdo veiculados. Dessa forma, obtive a classificação a seguir.

#### Classificação Botafogo&Centro

---

<b>Adesivo</b>	desenho/ilustração divulgação eleição/político frases soltas/dizeres informativo propaganda/anúncio reivindicação/protesto 'visitante'
----------------	---

<b>Cartaz</b>	avisos divulgação frases soltas/dizeres político propaganda/anúncio reivindicação/protesto religioso
---------------	--

<b>Colagem</b>	frases soltas/dizeres ilustração/desenho questionamento
----------------	---

<b>Faixa</b>	informativo propaganda/anúncio
--------------	-----------------------------------

<b>Folheto</b>	divulgação propaganda/anúncio reivindicação/protesto
----------------	--

<b>Grafite</b>	frases soltas/dizeres ilustração/desenho nomes/assinaturas
----------------	--

<b>Pintura</b>	frases soltas/dizeres ilustração/desenho informativo
----------------	--

<b>Pixação</b>	declaração frases soltas/dizeres ilustração/desenho nomes/assinaturas político reivindicação/protesto religioso
----------------	---

<b>Placa</b>	avisos informativa propaganda/anúncio sinalização
--------------	--

<b>Rabisco</b>	frases soltas/dizeres ilustração/desenho nomes/assinaturas político reivindicação/protesto
----------------	--

<b>Stencil</b>	crítica desenho/ilustração frases soltas/dizeres informativo político propaganda/anúncio questionamento reivindicação/protesto
----------------	---

É importante ressaltar que esses grupos de conteúdo foram criados sem uma organização prévia e sim, a partir do conteúdo de cada foto e ao longo da listagem. Assim, algumas vezes um mesmo item poderia ter mais de um tipo de conteúdo.

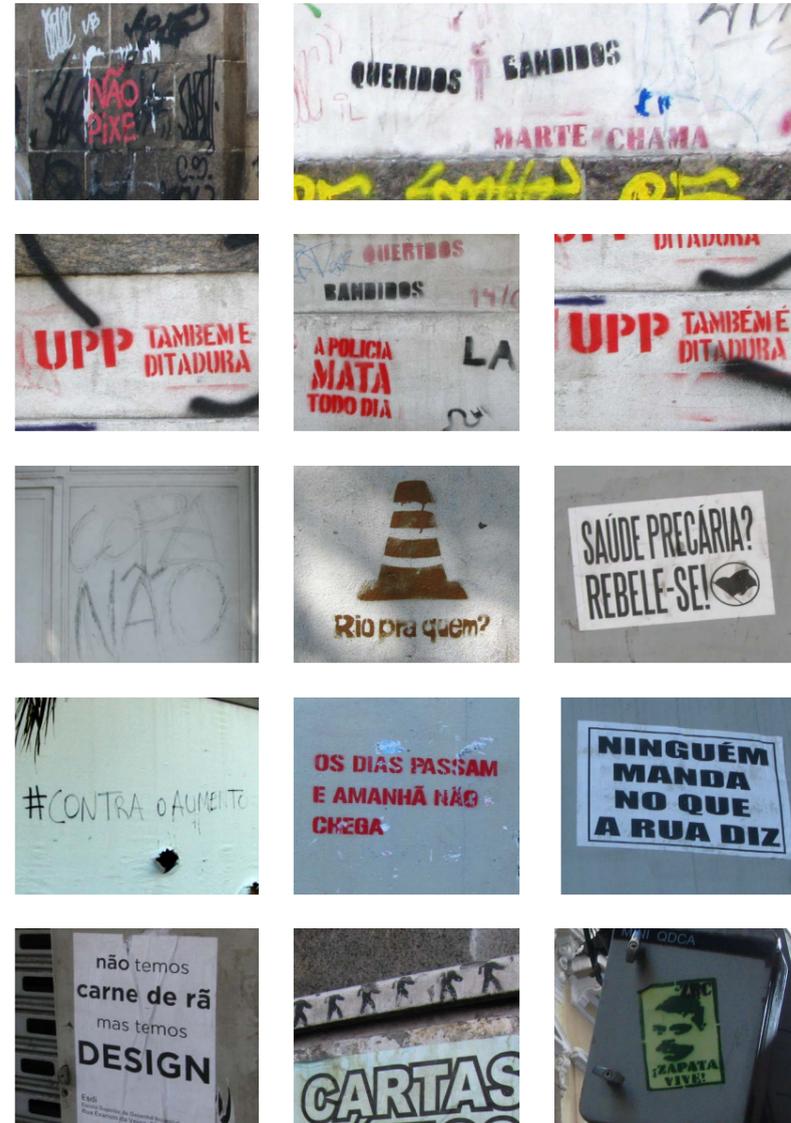
Quando terminei de listar e classificar, fiquei um pouco angustiada, pois notei que muitos dos itens observados não me interessavam e senti que, de alguma forma, eu estava me perdendo e desviando do foco. Eu precisava descobrir o que, naquele monte de informações e na própria experiência, me atraía. Avaliei a lista anotada em meu caderno e pensei “Não é a técnica que me interessa, é o tipo de conteúdo ou mensagem.” Desse modo, as palavras-chave eram os nomes dos grupos: propaganda/anúncio, ilustração/desenho, questionamento, informativo, frases soltas/dizeres, político, reivindicação/protesto, nomes/assinaturas, divulgação, religioso, declaração, aviso, eleição/político, e crítica. Comecei a pensar nos grupos que mais me interessavam e selecionei as seguintes opções: político, reivindicação/protesto, crítica e frases soltas/dizeres. Para melhor visualizar as imagens desses grupos, fiz um painel só com elas, e incluí também imagens registradas antes da experiência.

O objetivo agora era definir ou pelo menos chegar perto do que eu queria fazer como projeto.

A partir dessa relação de imagens, tive uma ideia. Como lidava com mensagens em sua maioria textuais, pensei nelas como um texto corrido e fiz o seguinte exercício: escrever, em sequência, uma parte das mensagens contidas nessas imagens fotografadas, interferindo apenas na pontuação entre as diferentes frases. O texto e as imagens estão a seguir.

“Não pixe, queridos bandidos. Marte chama. UPP também é ditadura. Queridos bandidos, a polícia mata todo dia. UPP também é ditadura. Copa não, Rio para quem? Saúde precária? Rebele-se! #contraoaumento. Os dias passam e amanhã não chega. Ninguém manda no que a rua diz. Não temos carne de rã, mas temos design. Cartas. Zapata vive! Não. Sem copa, só revolta e autogestão. Pode. Terror dos caretas, cu é lindo. Que só os beijos te tapem a boca. Rua, você precisa ser governada? Foda-se a copa! 50 anos do golpe. Ainda existe tortura nas favelas! PM é lixo? Vote, a rua é tua. O que você assina? Que fim justifica esse meio? Foda-se. Eu caveira RJ. Amigão, a rua é tua. Oi Mind. Ondulações, grávida na transversal. Faça a revolução, mas busque a informação. Ordem. Progresso. Eu, coração com mosquito, Rio.”

O resultado obtido foi bastante interessante e até mesmo poético. Quando pensei sobre esse pequeno exercício, me veio o termo ‘mensagens embaralhadas’.



### 2.2.3 Considerações durante e pós-experiência

Das impressões deixadas pela experiência, a primeira que cito é a estranheza de tornar um hábito natural inserido na minha rotina – o de observar as manifestações e até mesmo registrá-las – numa tarefa programada. Pareceu-me forçado, de alguma forma, apesar de saber que aquilo era apenas um exercício para me ajudar a entender e classificar essas manifestações.

O meu processo de registro pelas ruas chamou muito atenção do começo ao fim. As pessoas ficavam sempre me observando para ver o que eu estava fazendo, e seus olhares alternavam entre mim, o ‘objeto’ que eu estava fotografando, e, algumas vezes, minha prima que estava com um caderninho na mão anotando as ruas pelas quais nós passávamos. Considerei isso como um aspecto positivo, pois de alguma forma eu estava chamando atenção das pessoas para essas pequenas intervenções e despertando sua curiosidade.

De maneira geral, o percurso pelo Centro foi tranquilo. Algumas pessoas me chamaram a atenção pelo fato de estar passeando com uma câmera fotográfica em pleno Rio de Janeiro, fato que seria perigoso. Um menino que vendia bebidas e petiscos no sinal perguntou “Você está fotografando grafite, né?” para depois complementar “Aquela rua lá de trás tem muitos”, indicando a Rua do Teatro, lateral do IFCS. Eu disse a ele que já havia passado por lá e agradei. Confesso que não me sinto muito segura andando pelas ruas do Rio de Janeiro, especialmente onde moro, na zona norte, e no Centro. Essa simpática e breve interação, de alguma forma, me deixou mais leve e logo pensei no depoimento da Gabriele Valente, arte-educadora, que citei anteriormente: “Acho que meu maior sonho é transformar a educação e mostrar que a rua também

é um espaço educador, um espaço em que outras coisas podem acontecer, né, não é só um lugar de medo...”.

Infelizmente, alguns minutos depois, quando virávamos a esquina para entrar na Rua República do Paraguai, tivemos que alterar nosso trajeto, devido a aproximação de um grupo de três moradores de rua, ainda jovens, que notaram a presença de duas meninas e uma câmera fotográfica. Aquela rua não é muito movimentada no que diz respeito à circulação de pedestres e pode se configurar como uma reta perigosa. Após esse ocorrido, não tivemos nenhum outro problema nesse sentido.

Como já comentei anteriormente, o Centro do Rio é cheio dessas manifestações não autorizadas e o que mais encontrei no trajeto que fiz foram cartazes (de todos os tipos, impressões e tamanhos, incluindo também pequenos flyers colados nas paredes e demais superfícies), adesivos (aos montes), *stencils* e pichações. Havia também bastante rabiscos.

Já em Botafogo, a experiência foi mais tranquila de modo geral: o clima era mais seguro e havia bastante movimento, pois era horário de almoço e saída de escola. No trecho que percorri, encontrei bem mais grafites do que no Centro e também mais colagens, e o número de propagandas (sejam cartazes ou adesivos) era muito menor.

#### Considerações pós-experiência

Essas duas experiências em campo foram muito importantes não só para que eu entendesse os tipos de manifestações presentes no espaço público urbano, mas também para que eu começasse a juntar as peças e a definir o que seria o meu trabalho.

É interessante notar como essas manifestações podem ser encontradas nos mais diversos lugares, não só em muros, mas em caixas de luz, nas costas de um jornaleiro, em esculturas, janelas de prédios, placas de sinalização, postes e até canteiros de planta. Sei que isso pode parecer uma coisa ruim, pois de certo modo enfeia e depreda a cidade, mas por outro lado, eu acho muito interessante essa livre utilização do espaço e essas intervenções em lugares pouco usuais pelo fato delas surpreenderem o olhar. A cidade é cheia de pequenos achados e contém muito mais informação do que percebemos na correria do dia-a-dia. É aos poucos e num processo lento que vamos notando e desvendando essas mensagens e, talvez, para a maioria das pessoas, grande parte seja invisível, o que é uma pena, pois há algumas bem interessantes .

Outra consideração importante, e já comentada anteriormente, é o fato de que muitas das manifestações encontradas são reflexos de seu tempo, ou seja, elas refletem situações vividas na cidade. Encontrei mensagens que transmitem o clima anti-copa e das manifestações populares que ocorreram em junho do ano passado. O clima da cidade está diferente e isso pode ser visto nas ruas. Há muita coisa acontecendo e muita coisa sendo dita. E ai voltamos para o início deste relatório: o excesso de informação é responsável muitas vezes pela quebra da comunicação. Tudo vira um borrão.

Além da pluralidade de lugares nos quais essas manifestações se encontram, acho interessante notar também os meios e técnicas utilizados, que também são bem diversos e para todos os bolsos. Se a tinta spray é cara, usa-se caneta *pilot*, se não dá pra fazer lambe-lambe, imprime-se um a3 ou a4. Enfim, dá-se um jeito de colocar a ideia, ou seja lá o que for, nas ruas. Ai cabe uma observação: parte do significado das mensagens textuais está contido na forma como elas foram

“escritas”. Então diferentes técnicas, meios e instrumentos resultam em diferentes significados.

*“basta ver a simples diferença de uma frase de spray datilografada; ela perderá muito da qualidade poética que tem nos muros, pois o SPRAY é breve, mas tem a capacidade de incorporar um todo. atrai o significado dos SPRAYS que estão junto a ele e do ambiente, essa é a sua importância.” (PIGNATARI apud FONSECA, 1985, p. 41)*

A propósito, o significado também está atrelado ao lugar onde a manifestação se encontra e, obviamente, ao texto em si. Então temos uma tríade: o que foi escrito, como foi escrito e onde foi escrito. Esses três aspectos trabalham juntos e ajudam a compor o significado de cada manifestação. Exemplo: uma pichação no último andar de um prédio não significa a mesma coisa que uma pichação em um muro que ao alcance das mãos. Assim como o texto “foda-se a copa” contido num adesivo é diferente do mesmo texto pichado num suporte qualquer. Além disso, temos o uso de imagens em alguns casos, o que também pode interferir no significado.

### 2.3 Primeiras definições de projeto

Após as experiências em campo realizadas em maio, obtive mais clareza de alguns aspectos que me interessavam no grande universo das manifestações urbanas não autorizadas.

Uma das coisas que eu mais gosto a respeito das manifestações é o fato delas serem inesperadas, delas surpreenderem o nosso olhar e quebrarem nossa rotina. Outra característica que eu considero

bastante interessante é que muitas vezes elas travam um diálogo com o transeunte, nos questionando, nos intrigando, nos fazendo pensar ou simplesmente nos fazendo rir. Além disso, como comentei anteriormente, elas podem funcionar como pistas, refletindo experiências vividas na cidade.

A questão é que ainda via muitas possibilidades de projeto, sendo difícil escolher que caminho seguir. A ideia de trabalhar de alguma forma com o registro já era certa, porém bem ampla e cheia de possibilidades. Assim, meu trabalho teria uma natureza documental, a princípio. Uma das alternativas era fazer um registro de manifestações de protesto, reivindicações e políticas, pensando até mesmo na atual situação do Rio de Janeiro e Brasil, na preparação para os grandes eventos (Copa 2014 e Olimpíadas 2016) e pós-manifestações de junho/2013. Pensar nesta possibilidade seria pensar no entendimento de um momento histórico e em um corte temporal. Outra possibilidade seria pensar nos grupos de manifestações que eu mais gostava e fazer um registro em diversos bairros, algo como “mensagens textuais não autorizadas no espaço público urbano”. A ideia era interessante para mim, mas eu acreditava que ainda faltava um fio condutor. Além disso, diversos outros aspectos, ou variáveis, estavam em jogo: seria o meu trabalho realizado de forma individual (eu, eu mesma e essas manifestações) ou algo mais colaborativo (diversas pessoas, sítios e visões)? Teria o trabalho, em algum momento, um viés experimental? Seria ele mais subjetivo (pensando no olhar individual e nas percepções de cada um) ou mais objetivo (comparativo, quantitativo)? Seria uma proposição pró-silêncio (no fluxo das ideias apresentadas como tema de projeto de graduação) ou algo que seguisse a direção contrária? Era necessário fazer escolhas.

As possibilidades martelavam na minha cabeça e me deixavam perdida, até que as palavras-chave começaram a gritar mais alto: histórias, narrativas, texto, poesia, comunicação urbana. Foi então, na ordinária volta para casa de uma quarta-feira que me veio a “resposta”: as cidades contam histórias, os muros contam histórias e eu queria contar essas histórias. É como o exercício de transformar as manifestações em texto corrido. Era uma história sendo contada. Então comecei a pensar nos muros que fazem parte da minha rotina, em como cada um conta uma história, através dessas manifestações. E não só os muros, como as fachadas e demais suportes. Pensei em verdadeiros textos/poesias, cada muro com o seu, e todas as histórias que são traçadas, contadas e alteradas todos os dias. Imaginei diferentes bairros, com suas diferentes histórias. E me pareceu certo, acima de todas as outras possibilidades, que era esse o caminho que eu queria seguir, ainda sem pensar muito nos desdobramentos daquilo, no suporte que usaria para contar as histórias e se o trabalho possuiria um caráter colaborativo. Imagine só: diferentes pessoas registrando os textos e histórias dos muros etc que fazem parte de sua rotina. Parecia bastante interessante.

A partir desse interesse em contar histórias, tracei três perguntas a respeito do meu projeto para começar a defini-lo.

#### **No que consiste o meu projeto?**

Registro das manifestações e mensagens predominantemente textuais contidas nos muros e demais suportes do espaço público urbano, a fim de formar narrativas (lineares ou não) e mostrar as histórias/relatos contidas nesses suportes: histórias da cidade pela própria cidade. O projeto terá, a princípio, uma natureza mais poética, focada na poesia texto/imagem.

#### **O por quê.**

A cidade conta histórias através de suas ruas, sua arquitetura, seus habitantes, seus limites etc. Muitas dessas histórias são contadas por manifestações não autorizadas presentes no espaço público urbano, como os grafites, a pichação, stencils, cartazes, o que possibilita sua ‘leitura’ pelos próprios habitantes da cidade, mesmo que por um tempo incerto. Estes desenhos e escritas contidos nos diversos suportes desse espaço (muros, postes, fachadas, por exemplo) são muitas vezes relatos, desabafos ou opiniões de uma parte da população que almeja ser ouvida e que devolve para a cidade uma resposta às experiências vividas dentro da própria, uma espécie de feedback. Também é comum essas manifestações serem dizeres bem humorados ou irônicos, frases soltas e questionamentos que, da mesma forma, travam um diálogo com os transeuntes e representam vozes contidas na cidade. Juntas, essas manifestações podem compor pequenas narrativas e serem responsáveis por contar um ‘lado B’ das experiências vividas na metrópole. Porém, não são todas as pessoas que prestam atenção nestes gritos mudos e relatos espalhados. A rotina apressada das pessoas e a verdadeira enxurrada de informações que disputam seu olhar e atenção são duas das responsáveis pela desatenção e superficialidade do olhar do transeunte quando nas ruas, ou seja, muitas dessas manifestações passam despercebidas ou são apenas um borrão que é visto, porém não é notado.

#### **O que eu quero com o meu projeto?**

Eu gostaria que meu projeto, de alguma forma, ajudasse a expor essas histórias contadas nos suportes presentes no espaço público urbano, e que pudesse sensibilizar as pessoas a prestarem atenção nelas e talvez, quem sabe, provocar um entendimento de que manifestações como o grafite, stencil, pichação e a própria colagem de cartazes nesse

espaço não são apenas um ato de transgressão, mas também são uma produção e um relato das experiências vividas na cidade com opiniões e vozes de seus moradores.

## **2.4 Outras experiências em campo**

Após definir esses aspectos (no que consiste, o porquê e os objetivos do projeto), eu decidi fazer outras idas à campo. Até então, o foco era histórias contadas através das manifestações presentes nos diversos suportes do espaço público urbano, mas eu ainda não tinha definido que lugares abordaria no meu projeto; esse seria o próximo recorte.

### **2.4.1 Lugares escolhidos**

Para essa nova experiência, eu escolhi dois lugares que poderiam acabar sendo o ‘palco’ final do meu projeto: Lapa e Maracanã. A escolha da Lapa foi simples e deveu-se ao fato desse ser um bairro com uma quantidade grande de manifestações. Eu acreditava que, caso escolhida, a Lapa poderia contribuir com muito material, no caso, muitas histórias. Já a região no entorno do Maracanã - o estádio - foi escolhida por ser um lugar emblemático em época de Copa do Mundo, e eu quis explorar a região a procura de manifestações que refletissem o que a cidade estava vivendo na época do evento. Por ser um lugar que faz parte da minha rotina, eu já havia notado anteriormente que havia na região manifestações, como grafites e pichações relacionados ao tema, sendo boa parte delas anti-copa.

Acabei realizando 3 visitas, duas à Lapa e uma no entorno do estádio.

### Visita Maracanã

Realizada no dia 22/06

#### Itinerário:

Av. Presidente Castelo Branco (Radial Oeste)  
Rua São Francisco Xavier  
Praça Maracanã  
Boulevard 28 de setembro  
Rua Felipe Camarão  
Rua Waldir Amaral  
Rua Professor Eurico Rabelo  
Av Maracanã  
Av. Presidente Castelo Branco (Radial Oeste)

### Visita Lapa, parte 1

Realizada no dia 24/06

#### Itinerário:

Rua dos Arcos  
Rua do Rezende  
Av. Mem de Sá  
Praça da Cruz Vermelha  
Av. Henrique Valadares  
Rua da Relação  
Rua do Lavradio  
Av. Mem de Sá  
Av. República do Paraguai

### Visita Lapa, parte 2

Realizada no dia 26/06

#### Itinerário

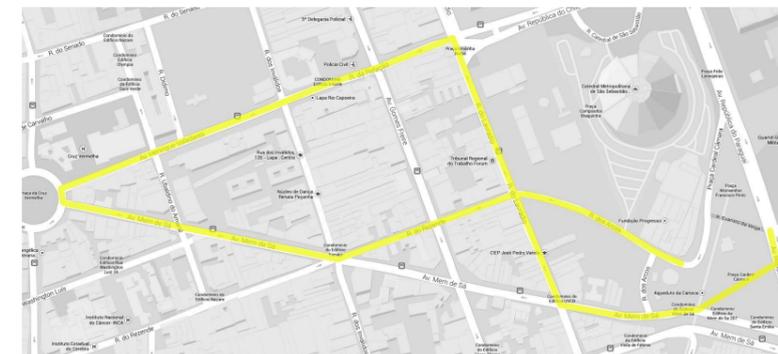
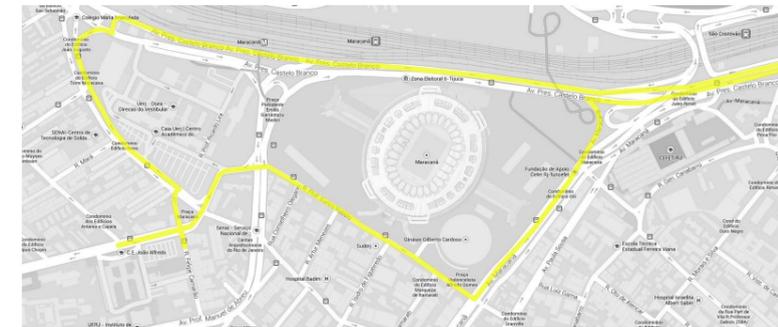
Rua Riachuelo  
Rua dos Inválidos  
Rua do Riachuelo  
Rua do Rezende  
Rua dos Inválidos  
Rua da relação  
Av. Gomes Freire  
Av. Mem de Sá  
Rua do Lavradio  
Rua do Riachuelo  
Av. Gomes Freire  
Av. Mem de Sá  
Av. República do Paraguai

Ao lado, os mapas mostrando os itinerários de cada uma das visitas.

Acima: Maracanã

Ao centro: Lapa, dia 1

Embaixo: Lapa, dia 2



### 2.4.2 Registros efetuados

As três idas a campo valeram muito a pena e eu obtive resultados bem positivos. No total, foram 660 fotos tiradas. Nessas experiências o registro foi mais direcionado do que na anterior, e não abrangeu propagandas, materiais de divulgação e informativos, salvo exceções. Eu fotografei diversas mensagens interessantes, muito delas de cunho crítico ou de protesto. Em alguns casos, fotografei um pouco o entorno também, de forma a contextualizar um pouco as mensagens, mostrando como era a rua e o suporte em que elas se apresentavam. Porém, percebi que minha preferência eram as mensagens em si, ou seja, as frases e palavras, acompanhadas ou não de ilustrações.

A Lapa, como já era esperado, possui inúmeras manifestações, sendo muitas delas grafites e pichações, diversos stencils e algumas colagens. O entorno do Maracanã também não deixou a desejar, sendo palco de diversas manifestações em sua maioria pichações e grafites.

Na página seguinte, alguns dos registros efetuados.



## 2.5 Reflexões e conclusões

Depois de realizadas todas essas idas a campo e de já ter algumas definições em torno do que seria o meu projeto, eu ainda não estava certa do que fazer. De alguma forma, estava muito presa às minhas percepções sobre o assunto. Por esses motivos, eu busquei algumas pessoas, de idades, trabalhos, rotinas e experiências distintas para que elas pudessem me ajudar a ter um entendimento um pouco mais amplo sobre o universo das manifestações não autorizadas. Essas conversas me ajudaram a entender questões e problemas relacionados aos meus objetivos iniciais de projeto.

Primeiramente, partindo do meu objetivo, eu escrevi: “sensibilizar as pessoas a prestarem atenção nelas” (histórias contadas nos suportes). A primeira pergunta seria então: que pessoas? Qualquer pessoa? Daí, eu esclareço: pessoas que não tenham um interesse prévio no assunto. Esse seria meu recorte. Eu não queria focar em pessoas que já curtissem esse universo, que já notassem e observassem essas manifestações. Por esse motivo, conversei com pessoas que, em sua maioria, não tinham esse interesse.

O grande problema que destaco aqui é que as pessoas já enxergam essas manifestações, especialmente as pichações, de maneira negativa e com bastante preconceito. Entre as justificativas estavam: é esteticamente feio, é um ato de vandalismo e contra a lei, é uma ação desrespeitosa, uma forma de poluição visual que enfeia a cidade e que é associada à sujeira. E todos esses fatores se configuram num problema ainda maior: o preconceito faz que com as pessoas já desconsiderem as mensagens escritas através dessas manifestações, ou seja, as mensagens não são lidas em parte devido ao jeito como são veiculadas. É claro que isso está associado a outros fatores, já apresentados

anteriormente, como o da rotina apressada e da desatenção geral dos passantes nesses espaços, porém, o feedback das pessoas foi bem claro ao evidenciar que as pessoas não prestam atenção naquilo por terem uma repulsa. A questão é que esse tipo de conteúdo, essas opiniões, pontos de vista que eu chamei anteriormente de lado B, encontrado nas ruas e expressos a partir dessas manifestações, não são veiculados nos grandes meios de comunicação. Essas críticas e desabaços encontram nas ruas espaços para existir. As ruas e demais espaços públicos urbanos tornam-se de certa forma espaços democráticos, no sentido de estarem abertos à atuação de qualquer pessoa que queria se manifestar e intervir. É diferente de galerias, museus, outdoors ou até mesmo propagandas televisivas. Nesses existe uma seleção e filtro do que será ou não mostrado.

A partir do feedback das pessoas, eu esclareci outro ponto importante do meu projeto: a minha intenção é veicular as mensagens expressas através dessas manifestações de alguma forma que elas sejam lidas por um número maior de pessoas, ou seja, eu quero que mais pessoas acessem esses relatos, questionamentos, críticas etc. Eu quero mostrar o lado B. Nesse momento, eu fiz uma escolha difícil onde eu priorizei as mensagens em detrimento das manifestações em si. Eu descontextualizaria as manifestações ao levar seus textos para algum contexto diferente no qual mais pessoas tivessem acesso e tivessem mais interesse em lê-los. E por que essa escolha foi tão difícil? No desenvolvimento do meu trabalho eu listei três fatores importantes que constroem o significado de cada manifestação; o primeiro é o que está escrito, ou seja, o texto em si; a segunda é a forma como está escrito (se está impresso em letras de caixa alta num cartaz, se é uma pichação, se é um texto lindamente grafitado etc); e a terceira é onde está escrito (num muro ao alcance da vista, no alto de um prédio,

debaixo de uma ponte, num viaduto, no bairro x, no bairro y). Mudando qualquer um desses três fatores haveria uma mudança no significado ou na percepção daquela manifestação. Ao escolher que minha prioridade seria as mensagens textuais e que eu tiraria os textos de seus contextos, eu tive que entender e assumir a consequência de que uma parte da relevância e do significado seria perdido. O que significa estar nas ruas e ser das ruas? O que se perde quando a mensagem não está mais no muro físico? Qual a diferença de ver a manifestação na rua e ver uma foto da manifestação? Como eu apresentei no início desse relatório, um dos fatores que eu mais considero interessante é exatamente o fato dessas manifestações interferirem na rotina das pessoas e invadirem nosso cotidiano naturalmente. Eu estaria perdendo esse aspecto e tantos outros, de alguma forma, pelo menos a princípio. Esse é o porquê da escolha ser tão difícil. Porém, eu acredito que de alguma forma e através do meu projeto, eu conseguiria ampliar as chances desses textos serem lidos, ajudando a expor as histórias e provocando uma nova percepção a cerca dessas manifestações. O que quer que eu fizesse seria uma semente que poderia sim gerar frutos e ir além. Não tenho a intenção de transformar as pessoas em ativistas, manifestantes ou que elas passem a gostar do assunto como eu, mas de provocar as pessoas a prestarem atenção nessas mensagens, sensibilizando-as por despertar sua curiosidade.

## 2.6 Materializando o projeto: primeiras ideias

Comecei então a pensar de que formas eu poderia atuar para conseguir meus objetivos. Eu ainda estava num processo de definição do projeto e era necessário continuar e materializar a ideia. Abaixo, estão as primeiras ideias que tive a respeito de como encaminhar o trabalho.

- Uma exposição de rua que conteria textos formados a partir das mensagens expressas nessas manifestações e as fotografias dessas manifestações nas ruas, associando os dois. A ideia seria criar uma comparação entre ambos na qual um despertaria interesse no outro. Os passantes teriam, assim, acesso tanto ao texto em si, quanta às mensagens em seu local original através das fotos, num contexto que valorizaria as manifestações.

- A criação de um jornal/tablóide que relacionaria as imagens de manifestações de protesto a matérias e textos que tratassem do assunto abordado na imagem. Esses textos seriam oriundos de mídias alternativas, expondo sempre opiniões que fossem de encontro àquelas apresentadas na fotografia. Os jornais seriam veiculados gratuitamente nas ruas, e existiria a possibilidade de ser fazer edições diferentes para ruas ou bairros diferentes. Esse material faria uma associação direta entre os relatos contidos nas manifestações e os fatos recorrentes na sociedade carioca/brasileira, tentando mostrar como as manifestações não são apenas um ato de transgressão, mas que também evidenciam um lado das histórias que não está sendo contado.

- A criação de folders contendo tanto as imagens das manifestações quanto os textos soltos, além de informações sobre o contexto daquelas manifestações, talvez um mapa que mostraria onde foram tiradas e quando. Também veiculado gratuitamente nas ruas, a ideia seria criar um material atraente visualmente para que as pessoas pudessem ter acesso fácil e de fato ler o conteúdo apresentado, despertando o interesse para a observação das manifestações em geral.

- A criação de posters que veiculariam as mensagens contidas nas manifestações, de forma diferente e atraente visualmente e que poderiam ser veiculados nas ruas ou até na internet. A princípio, não gostei muito

dessa ideia porque achei que de alguma forma poderia banalizar o assunto e chamar atenção pro estético. Por outro lado, achei interessante o contraste que poderia ser criado entre mensagens críticas, irônicas e de protesto, por exemplo, e um visual completamente sofisticado.

- Criação de cartões que teriam de um lado a imagem registrada da manifestação na rua e do outro lado poderiam ter ou apenas um texto formado a partir de manifestações contidas no mesmo espaço, ou matérias (trechos) que se relacionassem com o conteúdo das fotografias, ou chamadas de impacto. Esses cartões seriam veiculados em espaços públicos, poderiam ser deixados nas ruas para serem encontrados ao acaso e poderiam ser veiculados via Correios. A ideia era ter um material que poderia se espalhar e pulverizar pela cidade, causando um questionamento das pessoas e chamando atenção para o assunto.

- Uma exposição que conteria as fotos das manifestações e textos criados por pessoas a partir das mensagens veiculadas nas manifestações apresentadas. A ideia era coletar e expor percepções de diferentes pessoas a respeito do que está sendo dito nas ruas.

Após pensar nessas alternativas iniciais, eu reuni um novo grupo de pessoas, reduzido porém ainda significativo por conter pessoas de opiniões divergentes sobre o assunto, para que pudesse expor o problema enfrentado, a escolha que tinha feito e as possibilidades de caminho que havia pensado. Algumas observações foram feitas, as quais estão listadas abaixo:

- Uma das pessoas, aquela mais radicalmente contra as manifestações, indicou a necessidade de que o material que eu fosse desenvolver tivesse um apelo estético, ou seja, fosse bonito visualmente, para atrair pessoas que, como ela, tinham repulsa pelo assunto.

- Outra pessoa indagou se meu objetivo seria despertar a atenção e curiosidade das pessoas a respeito dessas manifestações de rua ou despertar o interesse

- A ideia do jornal/tablóide poderia ser complicada, pelo fato das pessoas não quererem ler as matérias apresentadas.

- A ideia da exposição talvez fosse mais difícil de executar, de por em prática.

- Pensar em relacionar as fotografias das manifestações à frases de impacto;

- A necessidade de pensar na edição do conteúdo do material: quais imagens, se haveria um recorte, o que entraria, o que não entraria.

- A importância dessas manifestações se deve ao fato delas se encontrarem nas ruas, e invadirem naturalmente nossa rotina.

- A ideia de veicular matérias pode restringir o entendimento e interpretação das manifestações.

- A contradição de veicular um assunto que é considerado feio visualmente num material “bonito”; entre o que parece ser e o que significa. Como exemplo, foi dado o caso do Congresso Nacional, que possui uma arquitetura atraente, mas está associado à grande corrupção do país.

-Que conteúdo seria veiculado: será que imagem e texto são suficientes para sensibilizar as pessoas?

Discuti essas alternativas e as observações acima com a orientadora e os demais alunos do meu grupo de orientação e eles me fizeram enxergar que seria melhor e mais interessante fazer algo que mobilizasse

mais as pessoas, que fosse mais participativo, dinâmico e até mesmo lúdico. A ideia era engajar as pessoas de um jeito diferente e não ser apenas um projeto expositivo e passivo.

## 2.7 Mais pesquisa: projetos participativos

A partir desse feedback do grupo de orientação, comecei uma pesquisa buscando projetos que fossem participativos, colaborativos e/ou interativos. Abaixo, alguns dos projetos que achei interessante.

### *I Wish this was*

Esse é um projeto da artista Candy Chang que consiste em adesivos com um espaço em branco para que as pessoas completem a frase “I wish this was” (algo como “eu queria que isso fosse”). O projeto é um experimento para ver o que poderia acontecer se nós pudéssemos facilmente dizer o que nós quiséssemos nesses espaços.

Os adesivos podem estar colados pela cidade ou podem ser encontrados em caixas para serem distribuídos livremente. As pessoas podem inclusive fazer o download no site da artista para espalhar por onde quiserem. O objetivo do projeto é estabelecer uma conversa casual pela cidade.<sup>15</sup>



*I wish this was*  
New Orleans, 2010

### *Wall People*

Este é um projeto de arte colaborativo que convida as pessoas a criar, num determinado espaço público urbano, um mural de imagens (e às vezes até outros objetos em geral) que relaciona-se com aquele lugar específico, explorando a relação das pessoas com aquele lugar, a ideia de pertencimento e propondo maior interação entre os cidadãos. Cada mural é único e feito por um grande número de pessoas. O projeto, que já aconteceu em mais de 40 países do mundo, propõe o retorno da arte às ruas e o uso do espaço público como lugar para os cidadãos interagirem e se expressarem.



*Wall People*  
Cidade do México, 2010

### *Tracing Public Space*

Esse é um projeto de pesquisa que busca desenvolver um registro dos espaços públicos, o qual contribui para definir a identidade do lugar em diferentes contextos urbanos. O projeto se dá através de um workshop voltado para crianças entre 12 e 18 anos de idade, no qual elas têm uma introdução a fotografia digital e ao mapeamento cognitivo como ferramentas para registrar espaços públicos que reflitam a identidade cultural de sua região.



*Tracing public space*  
Mumbai, 2013

### *Collective Story*

Collective Story é um projeto do designer Rae Milne que visa conectar pessoas através de histórias. Ele se dá através de um kit para realizar intervenções para promover o engajamento dos cidadãos, o pensamento crítico e a criação de histórias pluri-autorais em espaços públicos, filas e áreas de espera.



*Collective Story*  
New York, 2013

### *Before I Die*

Este é outro trabalho da artista Candy Chang, que inspirou o projeto “Liberte seus sonhos” apresentado anteriormente. Consiste num projeto de arte interativo que se dá em espaços públicos e que convida pessoas a compartilhar seus anseios e vontades, completando a frase “Before I die I want to” (algo como “Antes de morrer eu quero”). A ideia, além do compartilhamento, é proporcionar um novo entendimento das pessoas que estão a nossa volta. O que começou como uma experimentação no bairro em que a artista morava, tomou proporções maiores e hoje, as pessoas podem acompanhar o projeto em diversas cidades e países e até mesmo descobrir como fazer seu próprio mural, através do site do projeto.



*Before I die*  
New Orleans, 2011

## 2.8 A proposta

Todo o processo de pesquisa, idas a campo, conversas com pessoas e as orientações em si me levaram a definir meu projeto e todos os pontos contidos nessa sessão do relatório. Algumas dessas definições foram apresentadas anteriormente no item 2.3 deste relatório, mas repito-as aqui por fins de organização. Este seção é, na verdade, uma compilação, conclusão e definição dos diversos pontos estudados até aqui.

### 2.8.1 Definição

Aspas Urbanas é um projeto colaborativo que busca estimular o diálogo entre as pessoas e a cidade. Através do registro e divulgação de imagens de manifestações predominantemente textuais presentes no espaço público urbano, o projeto convida as pessoas a pensar, discutir e dar opiniões sobre as histórias e pontos de vista expressos nesses espaços. Para este recorte do projeto - como trabalho de conclusão de curso - baseei-me na cidade do Rio de Janeiro.

### 2.8.2 Contexto

Vivemos num mundo em que, infelizmente, a maioria das pessoas consome uma informação massificada oriunda dos grandes meios de comunicação, que controlam e manipulam as opiniões e atuam como verdadeiros mestres de marionetes. Poucos têm a consciência dessa realidade e muitos só digerem o que lhes é oferecido, sem questionar ou pensar criticamente sobre isso. Ao mesmo tempo e de forma relacionada, somos bombardeados diariamente por uma quantidade absurda de (des)informação, e estamos inseridos numa rotina de ruídos

e tumulto, onde o excesso de mensagens e estímulos são responsáveis pela ineficiência e quebra da comunicação. Nesse cenário estão inseridas as cidades, que contam histórias através de suas ruas, sua arquitetura, seus habitantes, seus limites etc. Muitas dessas histórias são contadas por manifestações não autorizadas presentes no espaço público urbano, como o grafite, a pichação, stencils, cartazes, o que possibilita sua ‘leitura’ pelos próprios habitantes da cidade, mesmo que por um tempo incerto. Estes desenhos e escritas contidos nos diversos suportes desse espaço (muros, postes, fachadas, por exemplo) são muitas vezes relatos, desabaços ou opiniões de uma parte da população que almeja ser ouvida e que devolve para a cidade uma resposta às experiências vividas dentro da própria, uma espécie de feedback. Também é comum essas manifestações serem dizeres bem humorados ou irônicos, frases soltas e questionamentos que, da mesma forma, travam um diálogo com os transeuntes e representam vozes contidas na cidade. Juntas, essas manifestações podem compor pequenas narrativas e ser responsáveis por contar um ‘lado B’ das experiências vividas na cidade, difundindo mensagens com opiniões muitas vezes contrárias ao que é veiculado pela grande mídia e pontos-de-vista diferenciados, o que demonstra, a meu ver, o papel importante que elas podem assumir.

Porém, não são todas as pessoas que prestam atenção nestes gritos mudos e relatos espalhados. A rotina apressada das pessoas e a verdadeira enxurrada de informações que disputam seu olhar e atenção são duas das responsáveis pela desatenção e superficialidade do olhar do transeunte quando nas ruas, ou seja, muitas dessas manifestações passam despercebidas ou são apenas um borrão que é visto, porém não é notado.

### 2.8.3 Público Alvo

O projeto é focado em pessoas que não possuem um interesse prévio pelo meu universo de interesse - as manifestações não autorizadas, presentes no espaço público urbano. O que não significa que ele seja restrito a essas pessoas, mas sim que as algumas decisões projetuais foram tomadas tendo como base a intenção de despertar o interesse e sensibilizar essas pessoas.

### 2.8.4 Ponto de Partida: o problema

As pessoas, em geral, enxergam essas manifestações, especialmente as pichações, negativamente e tem bastante preconceito:

As pessoas associam essas manifestações a atos de vandalismo, a algo contra a lei;

Elas consideram as manifestações esteticamente feias e acreditam que enfeiam a cidade;

Também associam as manifestações à sujeira e as vêem como uma ação desrespeitosa.

O preconceito, aliado à rotina apressada das pessoas, ao excesso de estímulos e informações presentes nas ruas e à desatenção geral dos transeuntes faz com que as pessoas desconsiderem as mensagens veiculadas através dessas manifestações. Em resumo, as mensagens muitas vezes não são lidas devido meio onde são veiculadas.

### 2.8.5 Objetivos

Partindo dos problemas apontados na sessão anterior, os objetivos do projeto são:

1) Expor e proporcionar maior visibilidade às mensagens expressas através dessas manifestações. A intenção é fazer com que mais pessoas leiam essas mensagens;

2) Despertar o olhar/atenção dos transeuntes para essas manifestações;

3) Sensibilizar as pessoas para o que está sendo “dito” nas ruas da cidade;

4) Provocar discussões, diálogos e despertar reflexões a cerca do que a cidade está comunicando;

5) Ser uma centelha que possa resultar no entendimento de que essas manifestações não são apenas um ato de transgressão, mas também são um espelho das experiências vividas pelos cidadãos, suas opiniões e pontos de vista, assim como uma forma de diálogo entre a cidade e seus moradores.

### 2.8.6 Limitação do escopo

Não faz parte do escopo deste trabalho validar ou não as opiniões expressas nas mensagens e nem julgá-las previamente. O projeto deseja expor as mensagens e fomentar a discussão, o diálogo e a reflexão por parte das pessoas, dando a esses textos visibilidade. A comunicação é o ponto desse projeto.

Também não é intenção do projeto julgar se está certo ou errado utilizar o espaço público como suporte para essas manifestações.

### 2.8.7 Recorte

Existem diferentes tipos de manifestações não autorizadas presentes no espaço público urbano, quanto à técnica e meio utilizados (stencil, grafite, pichação, adesivação, lambe-lambe etc) e quanto ao tipo de conteúdo (propagandas, avisos, político, protesto, crítica, questionamento, dizeres e frases soltas, religiosos etc). O trabalho não tem restrição quanto à técnica e meios utilizados, porém prioriza o registro e divulgação de mensagens de questionamento, crítica (social, política, econômica) e protesto. Participarão também do projeto, mensagens com dizeres e frases soltas, de cunho mais poético, a fim de criar empatia com o público ao conferir humor e leveza ao projeto.

### 2.8.8 Desafio e estratégia

A partir dos problemas expostos no item 2.8.4 e dos meus objetivos de projeto, o meu desafio é veicular e expor as mensagens de alguma forma que faça com que elas sejam lidas por um número maior de pessoas, ou seja, aumentar a visibilidade dessas mensagens. Para isso, a estratégia é descontextualizar as mensagens e manifestações através do registro fotográfico, expondo-as de outra forma e em outro contexto.

### 2.8.9 Os postais

#### E que outra forma e contexto seriam esses?

Uma vez estabelecido o que seria o meu projeto e seus objetivos, faltava definir como este iria se materializar. Conforme mencionado anteriormente, eu estava na busca por uma ideia que envolvesse mais as pessoas, algo que fosse mais interativo e até mesmo lúdico.

A pesquisa realizada no início dessa seção do relatório me ajudou a enxergar novas possibilidades que fugissem do comum, mas, no geral, os projetos que analisei atuavam com um número grande de pessoas propondo uma construção coletiva, mesmo que se iniciasse a partir de um input individual. Repensando diversas questões do início do projeto e refletindo sobre alguns dos pontos do texto-proposta, decidi que gostaria de atuar num nível mais pessoal e um estabelecer uma relação um pouco mais profunda com as pessoas. Daí, veio a ideia dos postais.

#### O que é a ideia?

O projeto se dá através da distribuição de uma série de cartões postais, cada um com uma imagem-registro de uma manifestação não autorizada inserida no espaço público urbano. Cada pessoa que recebe o postal é convidada a dar a sua opinião sobre a mensagem contida nessa imagem.

#### E por que usar cartões postais?

O cartão postal é uma forma de correspondência clássica e tradicional que estabelece a comunicação entre duas pessoas - o remetente e o destinatário. Para esse projeto escolheu-se agir num nível mais pessoal, estreitando a comunicação entre pessoas que não se conhecem - o cidadão anônimo que ‘escreveu’ a mensagem e um outro cidadão desconhecido - por acreditar-se que desta maneira se criaria um vínculo mais significativo, numa conversa de cidadão para cidadão, de pessoa para pessoa. Responder ao postal significa parar e refletir e dedicar um tempo para dialogar com o outro, ‘ouvir’ o que está sendo dito. Faz parte de um entendimento maior de que essas mensagens representam vozes e opiniões de outros moradores da cidade, outros pontos de vista, outras realidades e vivências.

#### Qual o circuito?

1. Tudo começa no registro das manifestações não autorizadas presentes no espaço público urbano;
2. Após o registro, as imagens serão recontextualizadas e configuradas em cartões postais;
3. Quando prontos, os postais serão distribuídos para as pessoas;
4. Uma vez respondido, o postal deverá ser devolvido a mim.

#### E por que pedir o retorno dos postais?

O meu projeto é, na verdade, uma grande dinâmica comunicativa e seu objetivo primário é fazer com que as pessoas parem para refletir sobre a mensagem contida no postal que elas receberam. Esse é o grande ponto: parar e pensar sobre. Então, por que essa necessidade de retornar os postais?

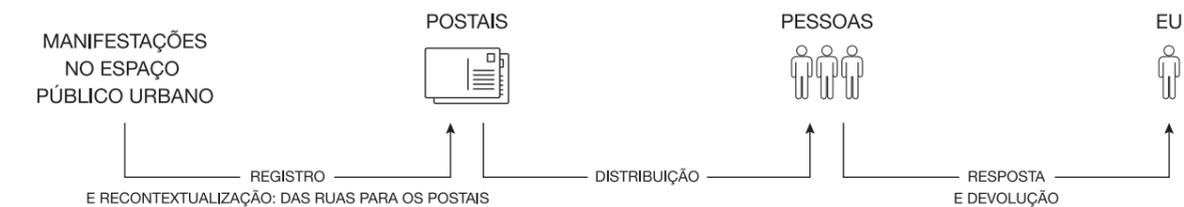
A dinâmica dos postais é, na verdade, um meio criado para envolver as pessoas, causar essa reflexão e materializá-la. Ao pedir que as pessoas dêem sua opinião e retornem os cartões, procuro incentivá-las a parar para pensar - é um convite. E é esse convite e essa necessidade de retorno que motivam a pessoa a dar sua opinião, mesmo sem

saber exatamente para que e para quem ela está escrevendo. Caso eu não tivesse pedido que as pessoas retornassem os postais, qual seria o incentivo que elas teriam para respondê-lo? Será que elas responderiam? Será que elas parariam para refletir sobre a mensagem e escreveriam sua opinião sobre ela? Por que escrever num postal se você não vai enviá-lo a ninguém?

O postal e a dinâmica criam, de certa forma, um vínculo afetivo entre a pessoa que recebeu o postal e um cidadão por ela desconhecido, estimulando essa correspondência e essa reflexão.

#### E depois que a pessoa responde o que acontece?

Tente imaginar um cartão postal cujo preenchimento é o fim em si mesmo e que, após preenchido, não tem necessidade de ser lido por alguém. Esses são os postais do meu projeto. Cada postal é um fragmento/ recorte da cidade e em cada postal preenchido podemos encontrar um questionamento e uma resposta a este mesmo questionamento. Eles existem para causar uma reflexão a respeito de uma mensagem e materializá-la. Existem para envolver as pessoas numa ideia e proporcionar uma troca e diálogo simbólicos entre o sujeito e a cidade.



Circuito dos postais

### Os elementos da comunicação

O meu projeto, como sistema comunicativo, possui três momentos.

#### Momento 1

As manifestações no espaço público urbano.

Contexto inicial das manifestações, sem minha interferência. Meu ponto de partida.



#### Momento 2

Distribuição dos postais.

Primeira etapa da dinâmica.



#### Momento 3

Resposta e retorno dos postais

Etapa final da dinâmica.



### 2.8.10 Justificativa de relevância no campo do design

Eu acredito que o designer, assim como outros profissionais, possui um papel importante na construção de uma sociedade melhor e de uma cidade mais humanitária e que pode, através de seus conhecimentos nos campos da linguagem e da comunicação, agregar novos significados aos objetos e espaços. Faz-se necessário que ele pense além das questões inerentes a nossa economia capitalista, com sua lógica de venda e lucro, e além das questões inerentes até mesmo ao próprio entendimento inicial e ultrapassado de sua profissão, como atividade industrial, e que use suas habilidades de forma consciente e para outros fins, se tornando um possível agente transformador na sociedade. O design pode ser um instrumento utilizado para pensar, entender e propor novas formas e experiências na cidade e despertar reflexões e novos olhares nos cidadãos.

Meu projeto explora as facetas de um sistema comunicativo, modificando os elementos, propondo novas relações e conferindo um papel mais ativo às pessoas em relação às manifestações, tornando-as emissoras de novas mensagens e não apenas receptoras. Ao propor essa certa inversão de papéis, eu abro espaço para reflexão, para o “parar pra pensar”. Considero que cada pessoa que responde a um postal doa, de certa forma, um pouco do seu tempo para pensar sobre questões da cidade e de seus cidadãos (e até mesmo suas); questões essas que muitas vezes ficam camufladas e invisíveis no nosso cotidiano apressado.

Ao expor as mensagens contidas nessas manifestações, visando despertar o olhar e a reflexão das pessoas e sugerindo uma nova visão sobre o assunto, utilizando para isso meus conhecimentos no campo do

design, acredito que posso contribuir para a construção de uma nova mentalidade. É uma pequena semente que será plantada.

### 2.8.11 Justificativa de pertinência ao tema proposto

“O design do silêncio ou a ausência da forma. O invisível: uma política da ausência” é um tema/texto que aborda diversas questões e que pode gerar muitas discussões e se abrir por múltiplos caminhos. No início do ano, ao ler e reler o texto, eu tive dúvidas em diversos pontos e algumas das questões abordadas ainda martelam na minha cabeça.

Durante uma etapa do projeto, eu me questioneei se a minha proposição iria ao encontro das ideias apresentadas no texto ou se ela seria uma proposição anti-silêncio. Como abordado anteriormente, eu me indagava como seria possível seguir a linha do silêncio se a minha vontade era de gritar. Gritar, pois vejo uma série de problemas e absurdos na minha cidade, gritar porque por vezes parece que o mundo está andando para trás. Mas hoje eu percebo que não existe uma única vertente que una o meu projeto ao tema.

Eu posso afirmar que ele, por um lado, quer quebrar esse silêncio de forma literal ao convidar as pessoas a dar sua opinião sobre um determinado assunto, rompendo a inércia e apatia de uma sociedade que se move rápido, consome muito e reflete pouco. É também um projeto que quer fazer ver, que quer dar voz à ideias e mensagens presentes nas ruas, que não quer silenciar. Pretende-se provocar discussões e diálogos.

Já por outro lado, penso que essa quebra de silêncio que eu propus apresenta uma faceta silenciosa, primeiro porque uma opinião escrita

num postal pressupõe um momento em que a pessoa parou, silenciou, pensou e escreveu, e segundo porque esse processo de comunicação invertido onde a pessoa que recebe o postal torna-se emissora de uma nova mensagem não se destina, a princípio, a propagar essa nova mensagem. Não existe um novo receptor, que não eu. A reflexão é o objetivo e o postal respondido é a materialização dessa reflexão. Trata-se de um meio, como explicado anteriormente, de envolver as pessoas nessa dinâmica lúdica para que elas reflitam e respondam às mensagens. Não existe a intenção de comunicar, de gritar essa resposta aos quatros ventos. Existe a intenção de parar e pensar.

Outra questão levantada no texto diz respeito ao excesso de informação que invade nossas rotinas. O cenário no qual vivemos é extremamente saturado, há um excesso de comunicação que entope os próprios canais até o ponto em que a comunicação se rompe. E o pior de tudo é que grande parte dessa quantidade absurda de informação é oriunda das mesmas fontes ou um eco delas.

Através dos postais, eu consigo ampliar a visibilidade dessas manifestações e das ideias e mensagens expressas nelas. É o uso de outro canal numa descontextualização (da rua para o postal) pensada estrategicamente para driblar a cegueira que existe no nosso cotidiano, que torna invisível o que está a nossa volta e que torna a rua muitas vezes um borrão. Meu projeto evidencia o espaço público urbano como uma fonte valiosa para entendermos melhor a cidade na qual vivemos, com seus contrastes e nuances. Espaço esse que apresenta inúmeras facetas, e inúmeras realidades que coexistem e que muitas vezes se chocam. Neste mundo onde a informação é tão massificada é importante expor pontos de vista e opiniões diferenciados, veiculados através dessas manifestações que são, na verdade, uma resposta às

experiências vividas dentro da própria cidade. É necessário diversificar as fontes, repensar as informações que consumimos passivamente, refletir e provocar o diálogo. Ouvir mais o que a cidade tem a dizer para então entendê-la melhor e conseguir humanizá-la.



### 3. desenvolvimento

Essa parte do relatório contém todo o processo que se deu após a conceituação e definição da proposta, incluindo desde o desenvolvimento das dinâmicas envolvidas no projeto, seu conteúdo textual e imagético, até escolhas referentes ao universo visual, gráfico, incluindo a criação da identidade visual (que iniciou-se com o naming do projeto) até a impressão e distribuição dos postais.

#### 3.1 Identidade e naming do projeto

Com a definição do que seria o projeto, iniciou-se o processo de criação de sua identidade visual, o que incluía o próprio nome do projeto. Esses elementos são de suma importância, pois ajudam a reforçar no público, as ideias e intenções do projeto.

##### 3.1.1 Nome do projeto

O processo de naming do projeto se deu basicamente em três etapas. Na primeira, comecei a rascunhar todos os nomes que vinham na minha cabeça, sem julgar as opções – um brainstorming individual. Na segunda etapa, eu fiz uma lista das opções, excluindo alguns dos nomes gerados anteriormente e, na terceira, partindo de critérios objetivos e subjetivos, eu defini o nome que meu projeto teria.

##### Etapa 1: brainstorming

A imagem ao lado, uma fotografia do meu caderno, mostra bem como é essa primeira etapa: livre, desordenada e aleatória. Pode-se observar que o processo não inclui apenas uma lista de nomes, mas também pequenos rabiscos e esquemas, a até mesmo textos.

##### Etapa 2: filtrando as opções

A lista abaixo contém alguns dos nomes da primeira etapa, aqueles que considere mais relevantes.

- ConTexto Urbano
- Poética Urbana
- Aspas Urbanas
- A rua me disse
- Ditos Urbanos

- Diálogos Urbanos
- Discursos Urbanos
- Conexões Poética-urbanas
- Lado B: histórias da cidade pela própria cidade
- E se minha rua falasse?
- Relatos Urbanos
- VivaCidade Poética



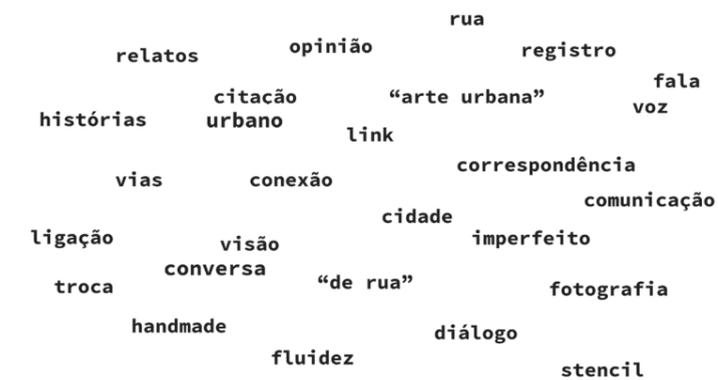
### Etapa 3: a escolha

Alguns dos nomes acima foram eliminados por serem muito comuns, outros por não serem tão relacionados com a ideia do projeto. Acabei escolhendo o nome Aspas Urbanas.

Esse nome foi escolhido porque faz referência às mensagens encontradas nos espaços públicos urbanos, encarando-as como falas de pessoas/moradores da cidade. As aspas são sinais de pontuação, marcas que indicam uma citação. No caso, é a citação dessas falas, desses dizeres. O uso de aspas também indica que algo foi tirado do seu contexto original, o que é o caso do meu projeto, que faz o registro de manifestações e veicula elas através de outro meio – os postais.

### 3.1.2 Logotipo

Após definido o nome do projeto, comecei a pensar em como seria o logotipo. O processo de criação do logotipo, inclui desde uma listagem de palavras-chave que me ajudaram a ter ideias, até pesquisa de referências, como pode ser visto abaixo.



### Pesquisa de referências visuais: fala, diálogo, comunicação

Partindo de algumas das palavras citadas acima, comecei uma pesquisa de imagens que remetessem a esse universo da comunicação, da fala e do diálogo.

### Pesquisa de referências visuais: manifestações

Para a criação do logotipo Aspas Urbanas, defini que seria interessante trazer algum elemento típico do universo das manifestações não autorizadas. Por essa razão, fiz uma pesquisa visual de manifestações que utilizavam a técnica do stencil, por essa ser uma técnica amplamente utilizada e que proporciona a aplicação e reprodução rápida e em série de diversos textos e imagens nos diferentes suportes do espaço público urbano.



### Primeiras experimentações do logotipo

Abaixo, estão as primeiras ideias que tive para o logotipo.



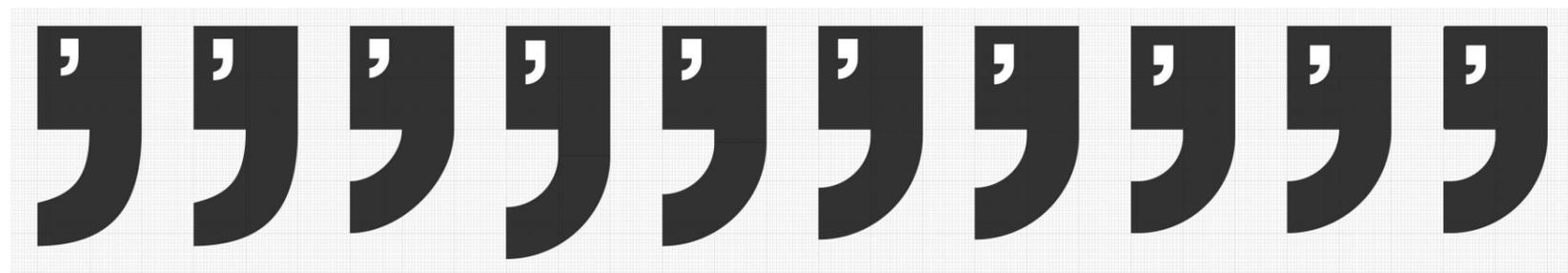
### Desenvolvimento do logotipo

A partir das experimentações acima, comecei um processo de refinamento de algumas das opções apresentadas. Já partindo da ideia de que o logotipo seria um dos elementos dos cartões postais, defini trabalhá-lo como selo em sua versão principal. O selo-logotipo transmitiria a ideia de correspondência, de comunicação.



Desenvolvimento de algumas ideias, tendo o selo como base para o logotipo.

Neste ponto, defini que trabalharia com as aspas como personagens.  
Assim, continuei o refinamento de algumas das opções.



*Evolução do desenho das aspas-personagem. Definindo a proporção e estrutura.*

Por fim, defini que também incluiria no logotipo o elemento do balão de fala, que deixaria mais clara a questão do diálogo, muito importante para o meu projeto.

O logotipo Aspas Urbanas remete à ideia do diálogo e da conversa criando personagens a partir do símbolo das aspas. É divertido e foi pensado assim para criar empatia com as pessoas. Os olhos das aspas-personagens

também são criados a partir da forma da aspas, sendo que o da esquerda tem as aspas de abertura e o da direita, as aspas de fechamento.

Para o nome usei uma tipografia stencil, que é uma técnica amplamente utilizada nas ruas, numa tentativa de remeter às manifestações, trazendo para o logo algum elemento desse universo.





ASPAS DE ABERTURA  
E FECHAMENTO



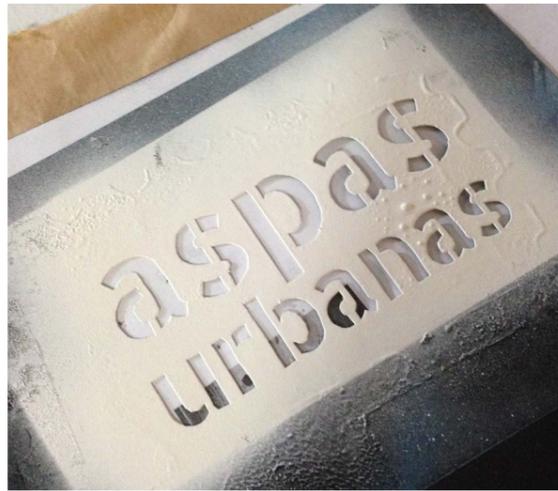
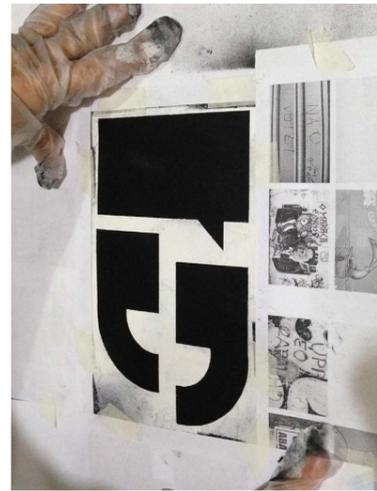
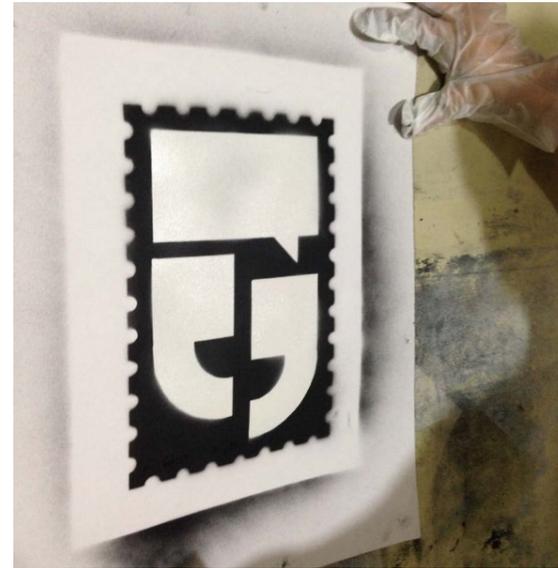
### 3.1.3 Criação/confeção do stencil

A fim de trazer mais proximidade entre o logotipo e o universo das manifestações, decidi criar uma versão stencil que utilizaria nos postais. Esse processo acabou sendo realizado duas vezes, a primeira, no início de setembro, na qual realizei algumas experimentações em papel, e a segunda, em meados de novembro, na qual além de realizar novos testes em papel, pude finalmente aplicar o stencil numa parede.

O processo de confecção do stencil não foi simples, pois além de não ter experiência, o logotipo era composto de duas partes e por essa razão foi necessário a criação de um stencil de mais de uma máscara: uma para os elementos em branco e outra para aqueles em preto. Isso porque eu não queria interferir no resultado com a criação de pontes, elementos utilizados para conectar as ilhas da imagem, - (partes internas que seriam cortadas, como a parte interna da letra O, por exemplo). No final das contas, acabei criando três máscaras na primeira etapa, e para a segunda criei uma terceira para a confecção do stencil na parede.

A primeira experiência não deu muito certo, por uma questão de disponibilidade de materiais. O branco não funcionou sobre o preto, e o que aconteceu foi que tive que fazer os stencils separados para depois escanear e montá-los no computador. Já a segunda vez, foi bem mais tranquila e bem sucedida, comprei tintas específicas para grafite e organizei melhor o processo.

A seguir, algumas imagens do processo e dos resultados obtidos.





### 3.2 A primeira dinâmica dos postais

Após a definição de que meu projeto se configuraria como uma dinâmica de cartões postais, uma série de decisões precisavam ser feitas. Como seriam esses postais, como seriam distribuídos, que conteúdo teriam, quais as imagens que seriam utilizadas etc. Essa dinâmica era o cerne do projeto e precisava ser muito bem estruturada.

#### 3.2.1 Pesquisa sobre o universo dos postais

Antes de pensar na dinâmica em si, realizei uma pesquisa para conhecer melhor quais os elementos que faziam parte desse amplo universo de cartões postais, quais eram os tamanhos mais comuns etc.



#### Elementos de um cartão postal

- Frete:
- 1) Imagem(ns)
  - 2) Legenda da imagem – Mais comum no verso do postal mas também pode vir na frente

Verso:

### 1) Selo

Usado para indicar o pagamento da prestação do serviço postal.

Existem diferentes tipos de selo<sup>16</sup>, entre eles o selo comemorativo (tiragem limitada, feito para comemorar alguma data importante a nível nacional ou internacional), o selo especial (“selo temático não relacionado a comemorações de eventos específicos”, também com tiragem limitada), o selo regular (selo permanente, de tiragem ilimitada, normalmente auto-adesivos), selos promocionais (“destinado a estimular a divulgação de idéias, fatos ou campanhas promocionais específicas, em âmbito nacional, sem caráter comemorativo”) e selos personalizados (formados a partir de imagens escolhidas pelo cliente).

Os elementos básicos de um selo postal são o país e ano em que ele foi emitido e seu preço. Alguns elementos extras são: o nome da série a qual ele pertence, o nome do autor do postal, algum texto explicativo caso seja um selo comemorativo ou temático entre outros.

Quanto às dimensões, não existe um tamanho padrão. Há uma variação de alturas e larguras, existindo inclusive selos horizontais e selos verticais.

Atualmente, ao enviar um cartão postal, é comum a substituição do selo e do carimbo por uma impressão em máquina, como a mostrada abaixo:



### 2) Carimbro

O carimbo é um importante elemento que indica o local, o país e a data onde o postal foi enviado. Ele também é utilizado para evitar a reutilização do mesmo selo para reenvio do postal.

Existem três tipos de carimbos postais<sup>17</sup>: o de expedição (“instrumento datador existente em todas as agências de correio, destinado a obliterar (carimbar) os selos aplicados nas correspondências postadas e registrar a data de expedição.”), o de primeiro dia de circulação ( que possui o objetivo de registrar o dia em que o selo que o acompanha foi lançado, ou seja, só pode ser utilizado num dia específico e sobre o selo ao qual se refere) e o comemorativo (usado na comemoração de eventos importantes ou com o fim de homenagear personalidades).

### 3) Legenda da imagem

Normalmente traz informações sobre o lugar registrado na imagem da frente do postal, como o nome, a cidade, estado e país. Pode contemplar também informações adicionais sobre o lugar.

### 4) Créditos e afins

Informações a respeito do crédito da imagem, contendo não só o nome da pessoa ou empresa que possui os direitos da imagem, como também as informações de contato, como site, telefone, email etc.

### 5) Espaço para endereço

Como o nome já diz, este é o espaço onde a pessoa escreverá o endereço do destinatário do postal. Geralmente encontra-se do lado direito do verso.

### 6) Espaço para mensagem

Espaço, geralmente à esquerda do verso, destinado ao remetente para escrever a mensagem.

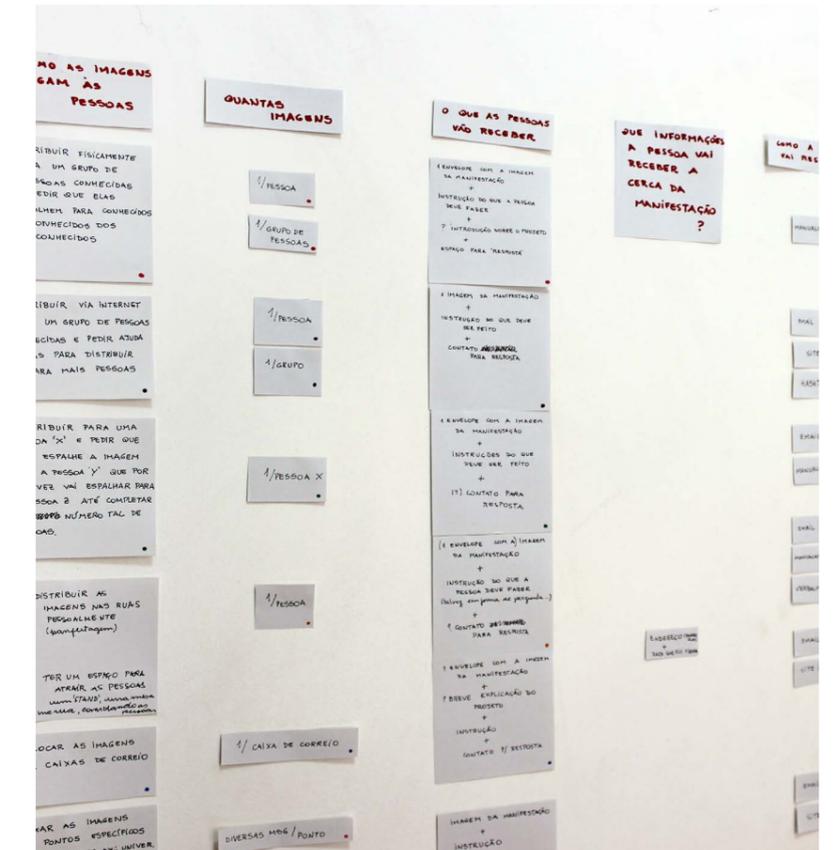
Quanto aos tamanhos, existem opções variadas, mas os mais comuns são 15x9 cm e 15x10 cm.

### 3.2.2 Considerações iniciais sobre a dinâmica

Uma vez definido que meu projeto seria uma dinâmica com cartões postais, precisa definir como ela se estruturaria. Para isso, comecei a pensar em algumas variáveis, listadas abaixo.

- Como os postais/imagens chegarão as pessoas
- Quantas imagens a pessoa irá receber
- O que a pessoa era receber
- Que informações a pessoa vai receber a cerca da manifestação
- Como a pessoa vai responder o postal e como será essa resposta
- Como será a instrução que ela receberá
- Qual será a chamada.

A partir dessas variáveis, construí um esquema, pensando em opções para cada uma delas. A ideia era ser aberto a possibilidades diferentes.



COMO AS IMAGENS CHEGAM ÀS PESSOAS	QUANTAS IMAGENS	O QUE AS PESSOAS VÃO RECEBER	QUE INFORMAÇÕES A PESSOA VAI RECEBER A CERCA DA MANIFESTAÇÃO	COMO A PESSOA VAI RESPONDER	TIPOS DE RESPOSTA POSSÍVEIS	OPÇÕES DE CHAMADAS
Distribuir fisicamente para um grupo de pessoas conhecidas e pedir que elas espalhem para conhecidos e conhecidos dos conhecidos.	1/ pessoa 1/grupo de pessoas		Nenhuma ou Local onde foi tirada a foto + data	Manualmente	Texto escrito desenho, rabisco	Você ouviu o que a rua diz? Que tal dar uma resposta?  Comece um diálogo com a sua cidade  Dê uma resposta para sua cidade.  E se você pudesse dar uma resposta a um questionamento da sua cidade? Escreva aqui  O que você daria como resposta a essa mensagem?  Como você se sente em relação a essa mensagem?  O que você acha sobre essa mensagem?  Certas opiniões você só encontra nas ruas, Escreva aqui uma resposta a essa mensagem.  Escreva uma resposta para essa mensagem.  Sua cidade tem inúmeras vozes, que tal dar uma resposta a uma delas?  Sua cidade está cheia de histórias, que tal interagir com uma delas?
Distribuir via internet para um grupo de pessoas conhecidas e pedir ajuda para distribuir para mais pessoas.	1/ pessoa 1/grupo de pessoas	1 imagem Chamada/ Instrução Contato para resposta		Email ou Site ou (?) hashtag	Texto digitado	
Distribuir para uma pessoa X e pedir que ela espalhe a imagem para a pessoa Y, que por sua vez vai espalhar para a pessoa Z até completar um número tal de pessoas.	1/ pessoa X	1 envelope com a imagem Chamada/ Instrução (?) Contato para resposta		Email ou manualmente	Texto escrito desenho, rabisco texto digitado	
Distribuir as imagens nas ruas pessoalmente ("panfletagem").	1/ pessoa			Email ou manualmente ou verbalmente	Texto digitado ou escrito desenho, rabisco respostas oral gravada	
Ter um espaço fixo nas ruas para atrair as pessoas, uma espécie de stand ou mesa na rua, convidando as pessoas a participarem.	1/ pessoa	1 imagem Chamada/ Instrução (?) Contato para resposta		Email ou (?) Site		
Colocar as imagens em caixas de correio.	1/ caixa de correio	1 envelope com a imagem (?) Breve explicação do projeto Chamada/ Instrução... Contato para resposta				
Deixar as imagens em pontos específicos (universidades, museus) para as pessoas pegarem.	diversas mensagens por ponto	1 imagem Chamada/ Instrução (?) Contato para resposta		Email ou (?) Site	Texto digitado	
Veicular as imagens junto a algum produto/serviço (ex.: bicicleta do itaú, revistas, jornais).	1/ unidade					
Criar um suporte na rua para armazenar as imagens, convidando as pessoas a pegá-las	diversas mensagens por suporte	1 envelope com a imagem (?) Breve explicação do projeto Chamada/ Instrução... Contato para resposta		Email		
Parceria com algum comerciante que distribuirá as imagens para seus clientes (ex.: padaria, taxis)	diversas mensagens por comerciante	1 imagem Chamada/ Instrução... (?) Breve explicação do projeto Contato para resposta		Email ou site ou escrever e reposicionar no suporte	Texto escrito desenho, rabisco texto digitado	
Distribuir as imagens como Micas	1/ suporte de Mica					

O ponto de partida foi o primeiro tópico, o que dizia respeito a distribuição dos postais. Das diversas opções pensadas, escolhi trabalhar em duas vertentes: a primeira entregando os postais para um grupo de pessoas conhecidas e pedir que elas espalhassem pra outras pessoas e a segunda distribuindo os postais nas ruas, como panfletagem. A decisão sobre os seguintes tópicos desenrolou-se após a definição de como seriam os métodos de distribuição (seção seguinte do relatório). Mas eu já havia decidido dois pontos: trabalhar apenas com o postal, sem envelope; e disponibilizar as informações de data e local do registro. O uso de envelope descaracterizava o cartão postal como meio diferenciado de correspondência em relação a carta. A ideia do postal é exatamente ser enviada independente e com selo e carimbo aplicados diretamente nele.

### 3.2.3 Métodos de distribuição

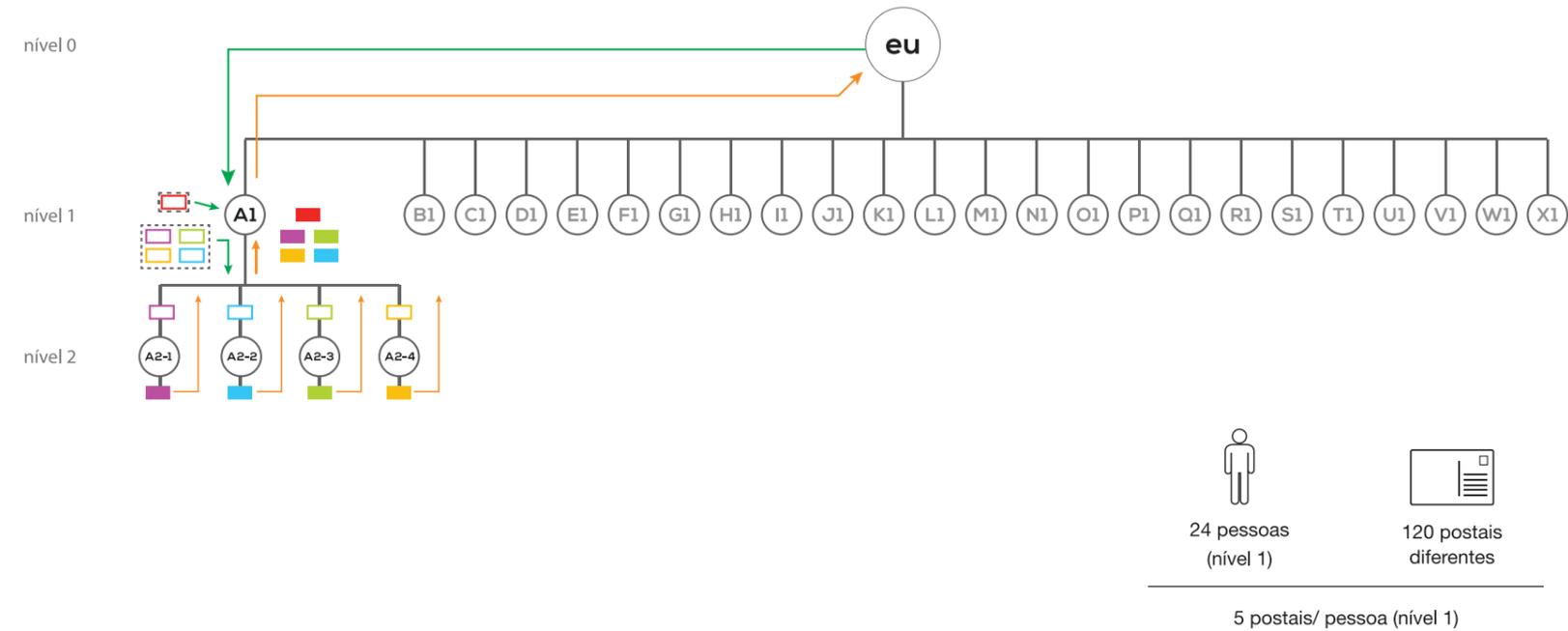
A distribuição dos postais partiu das duas vertentes comentadas acima. A partir delas, defini como seria cada método de distribuição e suas especificidades.

#### Vertente 1

Distribuir fisicamente os postais para um grupo de pessoas conhecidas e pedir que elas, através de instruções específicas, espalhem as mensagens.

Inicialmente pensei em cinco opções diferentes de distribuição partindo dessa vertente. As opções diferiam quanto ao número de participantes, a quantidade de postais, o esquema de distribuição em si, como as diferentes pessoas interagiriam (e se interagiriam) entre outros aspectos. Para cada opção pensada, eu já havia definido preliminarmente como seriam as instruções que as pessoas receberiam. No final, defini usar duas opções diferentes para essa vertente.

## MÉTODO 1



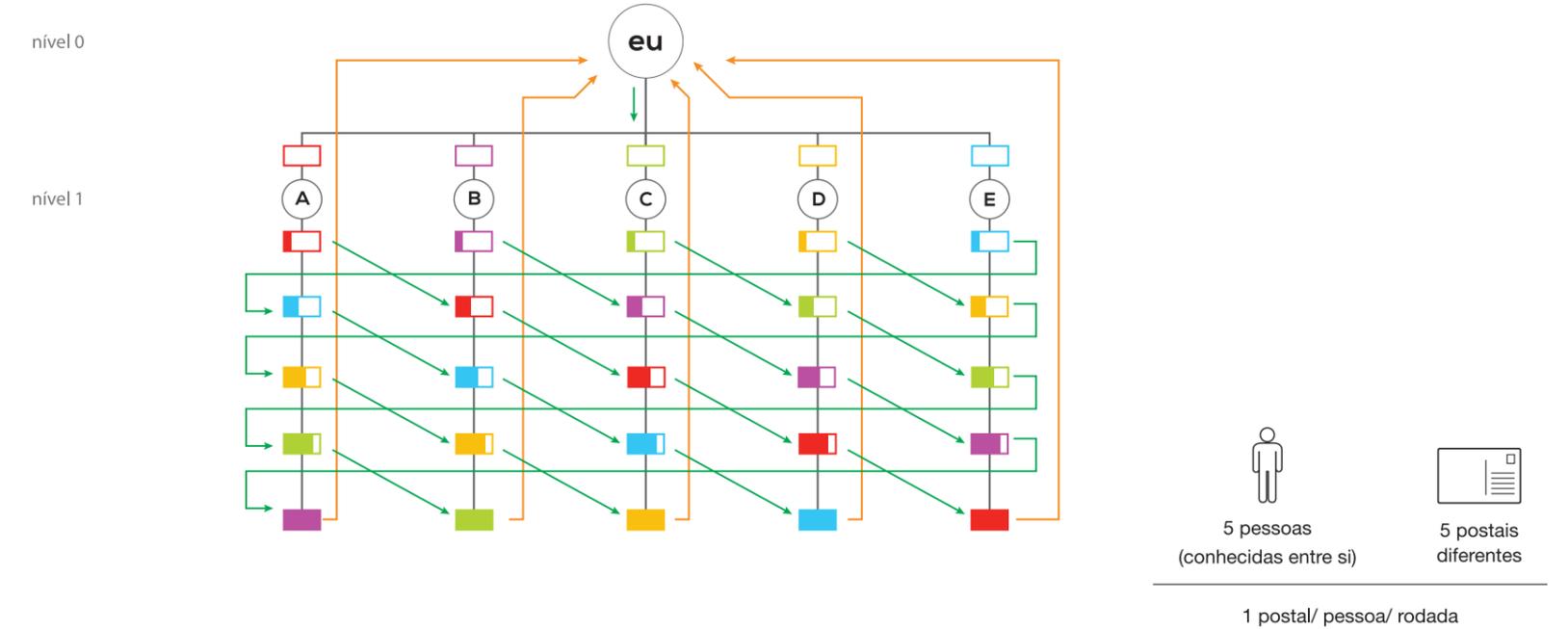
1  
Eu espalho 120 postais diferentes para 24 pessoas, cada 1 recebe 5 postais. Dos 5 postais recebidos, 1 é diferente dos demais e deverá ficar com a pessoa. Este postal possui instruções diferentes.

2  
Cada uma das 24 pessoas (nível 1) ficará com o seu postal e passará os 4 restantes para 4 pessoas a sua escolha, sendo 1 postal por pessoa.

3  
Essas 4 pessoas (nível 2) deverão responder ao postal e devolver para a pessoa que lhes entregou.

4  
Cada pessoa de nível 1 deverá retornar o seu postal respondido e os demais que recebeu de volta a mim.

## MÉTODO 2



1  
Eu entrego 5 postais diferentes para 5 pessoas conhecidas entre si, um para cada.

2  
Cada pessoa seguirá uma instrução específica em cada postal recebido e passará o postal para outra pessoa do grupo numa ordem estipulada por mim. Isso se repetirá até que cada pessoa tenha recebido e escrito nos 5 postais.

3  
Quando o ciclo se fechar, tendo todas as cinco pessoas respondido aos 5 postais, cada uma das pessoas deverá retornar o postal a mim.

### Características do método 1:

- Nenhuma das pessoas que participa da dinâmica retém o postal, este deverá ser devolvido a mim;

- Existem dois tipos de verso: o verso para as pessoas de nível 1 e o verso para as pessoas de nível 2. Portanto, as pessoas de nível 1 – chaves de grupo – não escolhem que postal irão responder, pois seu postal é diferente dos demais e possui instruções específicas;

- As respostas são manuais;

- As pessoas de nível 1 são todas conhecidas por mim, já as de nível 2 podem ou não ser conhecidas.

### Características do método 2:

- Nenhuma das cinco pessoas que participa da dinâmica retém os postais, estes deverão ser devolvidos a mim;

- As cinco pessoas são conhecidas entre si e atuam em conjunto para preencher todos os postais inteiramente;

- Cada postal tem cinco passos ou instruções para o preenchimento e cada pessoa será responsável por preencher uma etapa específica e diferente em cada postal;

- As etapas são encadeadas, ou seja, com exceção da primeira instrução, as demais dependem do que foi respondido na instrução anterior;

- Todos os cinco postais serão preenchidos uma vez por cada uma das cinco pessoas;

- As respostas são manuais;

### Vertente 2

Distribuir fisicamente os postais nas ruas, como panfletagem.

### Características do método 3:

- As pessoas que receberem os postais nas ruas, ficarão com os postais;

- Nesse método, eu lido com pessoas desconhecidas por mim;

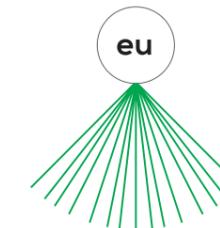
- As respostas serão enviadas por e-mail, através de um conta criada especificamente para o projeto. Por essa razão, cada postal terá um código único, o qual deverá ser mencionado no e-mail. Desse modo, eu consigo identificar a que postal a resposta está se referindo.

- As respostas são digitadas, a princípio;

- Defini que usaria 150 imagens diferentes, ou seja 150 postais, com quantidades diversas de impressão, resultando em um total aproximado de 460 postais para este método.

### MÉTODO 3

nível 0



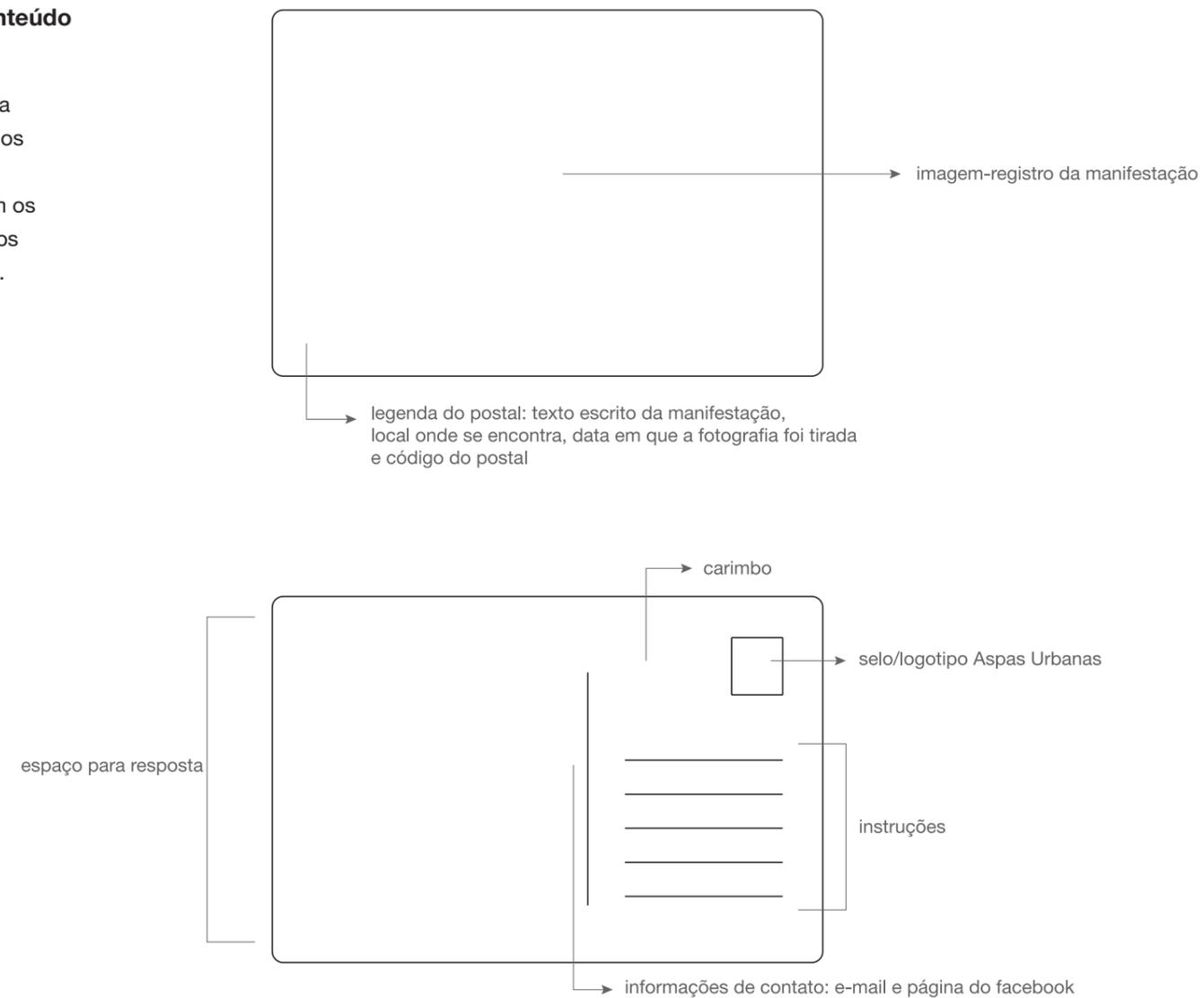
nível 1



1  
Distribuir os postais nas ruas, como panfletagem.

### 3.2.4 Estrutura de conteúdo dos postais

Após realizada a pesquisa e definidos como seriam os métodos de distribuição, pude decidir quais seriam os elementos que eu teria nos postais e sua localização.



A frente do postal, possui apenas a imagem-registro da manifestação e a legenda. Inicialmente, as informações da legenda constavam no verso, mas, no decorrer do projeto, por motivos práticos de impressão, decidi colocá-las na frente. Como cada imagem da frente do postal possui uma legenda única, isso faria com que eu tivesse um número muito maior de artes finais, o que poderia não só aumentar o preço das impressões, como também aumentar a chance de erros com a impressão de frentes e versos não correspondentes.

A legenda agrupa três informações. A primeira é o texto escrito na imagem-registro. Como algumas das mensagens têm uma leitura difícil, achei importante ter essa legenda. A segunda é o local onde a manifestação foi registrada, ou seja, onde ela se encontra, e também a data em que foi realizado o registro. É importante datar esses registros, pois as manifestações aparecem e desaparecem todos os dias, e muitas daquelas que registrei, inclusive, já não existem mais no espaço público. A informação do local faz-se importante pois serve como um pista para o entendimento daquela mensagem, uma vez que estou recontextualizando a manifestação. A última informação é o código do postal. Como num dos métodos a pessoa receberá o postal na rua e irá enviar a resposta por e-mail, fez-se necessário a criação desses códigos para que eu pudesse saber qual resposta era de qual postal.

No canto superior direito do verso, localiza-se o selo-logotipo do projeto e um carimbo marcando a data em que os postais foram impressos, a cidade onde acontece o projeto (no caso desta primeira edição, o Rio de Janeiro), e o texto “via livre” numa analogia ao texto “via aérea” (comum em carimbos postais), brincando com a ideia de que aqueles postais e mensagens circulam livremente no espaço. O uso do carimbo foi

mais uma maneira de reforçar a ideia de correspondência, ao trazer um elemento do universo dos postais.

Na parte esquerda, há o espaço para a pessoa escrever sua opinião sobre a mensagem da frente do postal (método 1) ou o espaço para ela preencher o postal seguindo as instruções específicas (método 2). Já na parte direita, onde normalmente consta o endereço do destinatário, ficam as instruções referentes a cada método de distribuição, assim como uma chamada.

No centro, posicionado verticalmente, está o texto com e-mail e o endereço da página do facebook, criada para divulgar o projeto.

### 3.2.5 Mais registros e seleção de imagens

Até esse momento do projeto, eu já havia realizado inúmeros registros fotográficos, abrangendo os bairros do Centro, Maracanã, Botafogo e Lapa. Havia manifestações incríveis para usar nos postais, mas como no desenrolar do trabalho, ficou definido que meu palco seria o Rio de Janeiro, e não um bairro ou região específicos, eu tive liberdade de efetuar outros registros em diversos outros lugares da cidade, e até mesmo utilizar algumas imagens que já houvesse fotografado e achasse interessante. Assim, realizei outros registros em alguns pontos diferentes da cidade, entre eles no Jardim Botânico, no Méier, na UniRio e Mangueira. Também ocorreram registros avulsos em outros bairros. No total, foram quase 300 fotos a mais.

A partir do número final de fotos tiradas, tive que começar uma seleção de quais seriam utilizadas nos postais e quais não. Como mencionado anteriormente, defini que usaria 150 imagens-registro diferentes.

Primeiramente fiz uma seleção de 235 imagens, com manifestações de crítica, questionamento, dizeres políticos, e também palavras e frases soltas. A ideia era balancear diferentes tipos de manifestação quanto ao conteúdo. Comecei, então, a eliminar as manifestações com frases iguais ou parecidas, e, depois de um processo de seleção muito difícil, consegui chegar a 150 imagens.



### 3.2.6 Criação do conteúdo

Com a estrutura de conteúdo pronta e a definição de como seriam os diferentes meios de distribuição dos postais, comecei a refinar os textos das instruções e chamadas. Quando estruturei cada um dos métodos de distribuição, já havia planejado como seriam as instruções, porém o texto ainda estava muito cru, com informações não muito claras que precisavam ser refinadas. Com a ajuda da minha orientadora, começamos um processo minucioso de refinamento de cada um dos textos, alterando frases, sequência de instruções e também palavras e pontuação. Conseguimos definir os textos finais de cada método, porém, ainda havia um detalhe importante a ser considerado: o tom das instruções. Concluímos que os textos precisavam ter uma linguagem um pouco mais amigável, e, a partir daí, foram feitas as últimas modificações nas instruções e chamadas. Abaixo, os textos finais.

#### Método 1 – Postal para pessoas de nível 1:

A sua cidade está repleta de mensagens e você acaba de receber algumas. Que tal interagir com elas?

1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.

2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.

3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu – já preenchidos – para mim.

Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 05/10/2014.

#### Método 1 – Postal para pessoas de nível 2:

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?

1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.

2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.

Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

#### Método 2:

Vamos começar um diálogo entre você, seus amigos e sua cidade.

1) Se você for a 1ª ou 2ª pessoa a receber este postal, escreva, no campo 1 ou 2, respectivamente, 5 palavras que reflitam sua opinião sobre a mensagem deste postal.

Se você for a 3ª pessoa, escreva, no campo 3, uma palavra do campo 1 e outra do campo 2, que reflitam a sua opinião sobre a mensagem deste postal.

Caso você seja a 4ª pessoa, escreva, no campo 4, uma frase com a sua opinião sobre a mensagem do postal, usando as duas palavras do campo 3.

Se você for a 5ª pessoa, escreva, no campo 5, uma frase que responda ao que foi escrito no campo 4 e que reflita o que você acha sobre a mensagem deste postal.

2) Já fez a sua parte? Então passe este postal em até 2 dias para a pessoa cujo nome é o seguinte ao seu na lista abaixo.

Não esqueça! Se você for o quinto e último a preencher este postal, devolva-o para mim até o dia 05/10/2014.

### Método 3

A sua cidade tem inúmeras vozes.

Que tal interagir com uma delas?

É bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito e/ou a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com).

Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.

Não se esqueça de escrever, no campo “assunto” do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.

Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos

As instruções foram feitas para serem o mais claras o possível, mas é claro que, em relação aos métodos 1 e 2, eu poderia auxiliar no esclarecimento de quaisquer dúvidas que surgissem por estar lidando com pessoas conhecidas.

### 3.2.7 Estudos de tipografia

Nessa etapa do projeto, com a estrutura de conteúdo dos postais já definida, assim como as instruções, eu comecei a fazer uma pesquisa de tipografias que pudesse utilizar para os diversos textos do cartão postal.

Parti de uma amostra variada, com fontes bem diferentes entre si, e depois fui refinando até escolher a final.

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Caecilia

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Daxline pro

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Today shop

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Itc officina sans

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Scala sans

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Letter gothic

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Source code pro

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Agenda

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Aleo

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Asap

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Dlt prokyon Light

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Insider Medium

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
King

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Prestige elite

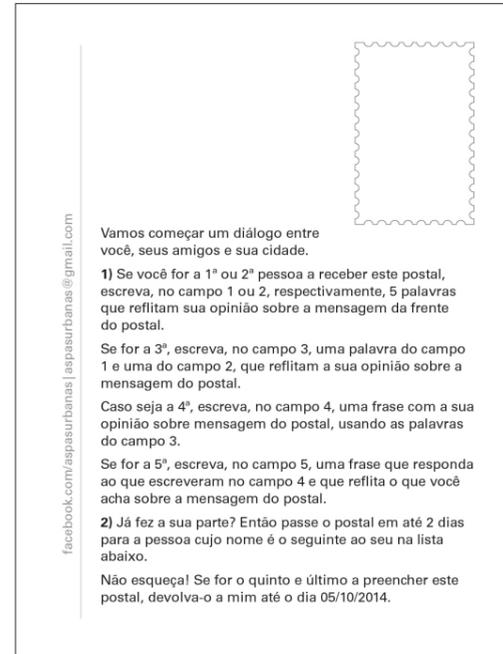
abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Lucida sans unicode

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @  
Allerta stencil

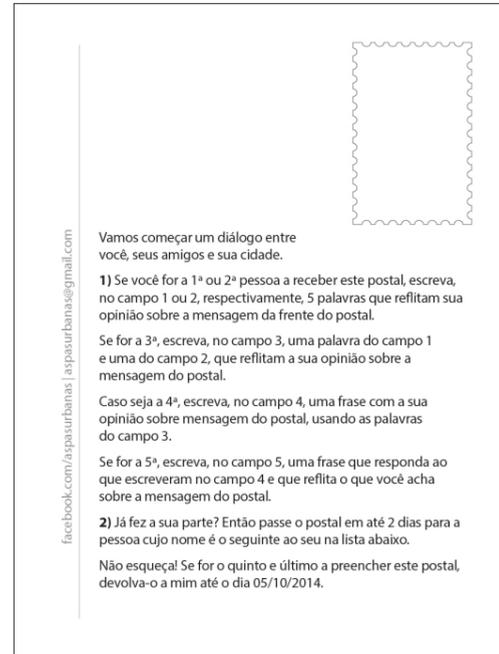
Todos as fontes estão com corpo 15 pt e entrelinha 22 pt.

Como pode ser observado, a maioria das fontes apresentadas acima possui formas e traços diferentes e acabavam chamando muita atenção do layout para si. Nesse ponto, a orientadora sugeriu que buscasse outras fontes que fossem mais neutras e com menos personalidade.

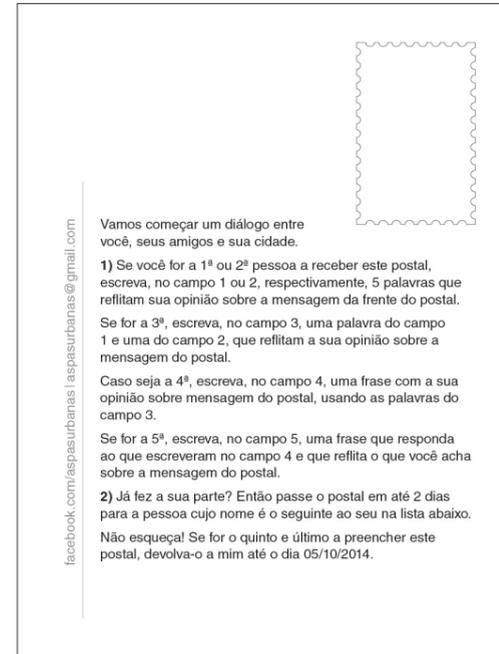
Para ter uma ideia de como o volume de texto se comportava com diferentes tipografias, realizei os testes com um dos textos reais (na época, ainda sem o refinamento) na própria estrutura do postal.



Univers Lt Std  
5.9/7 pt



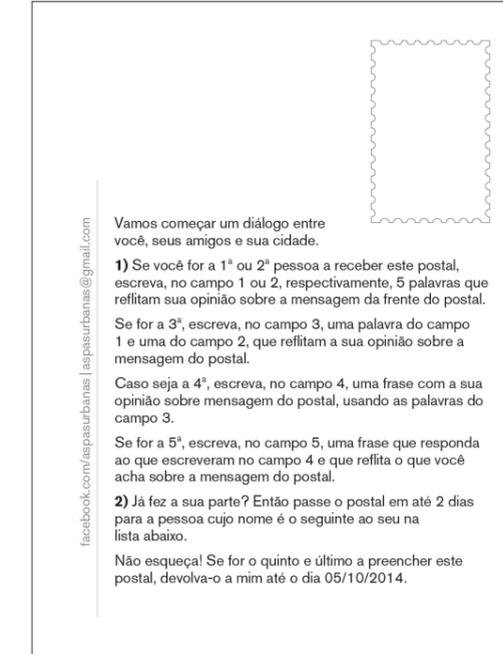
Myriad Pro  
6.2/7.5pt



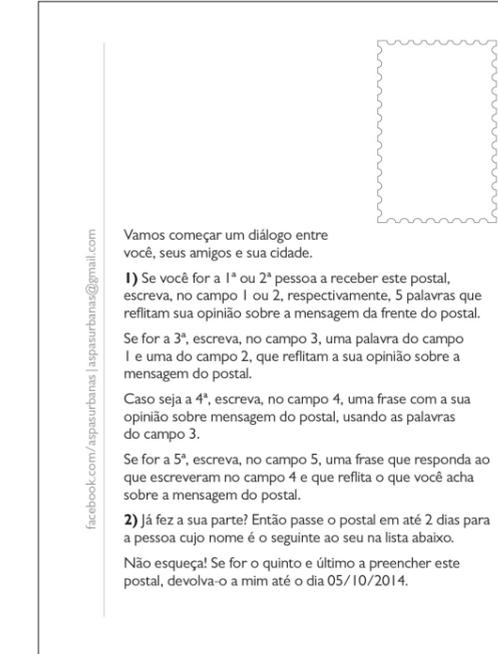
Helvetica Lt Std  
5.9/7.4pt

A partir desse testes, decidi utilizar a tipografia HelveticaLt Std, nos pesos Roman, Bold e Oblique. Como a ideia era criar postais que fossem o mais semelhante o possível com um postal de verdade, a tipografia

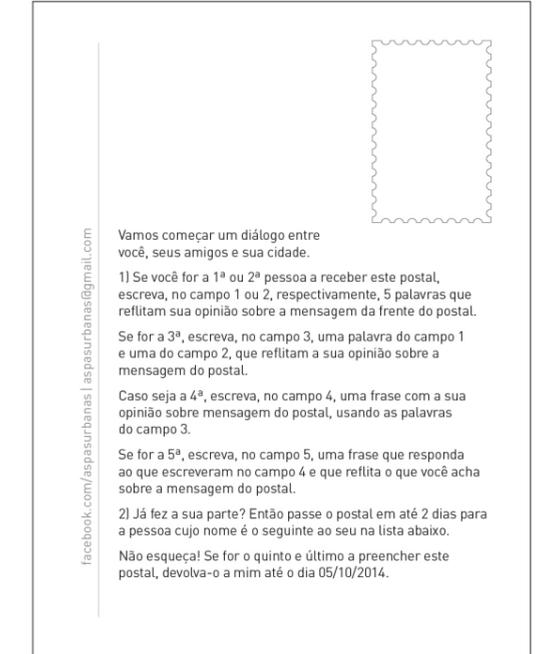
Helvetica foi uma ótima escolha, pois geralmente o que se observa nesses cartões postais é o uso de tipografias neutras, que não chamam muita atenção.



Akzidenz-Grotesk BQ  
6.5/7.4pt



Gill Sans Mt Pro  
6.7/7.6pt



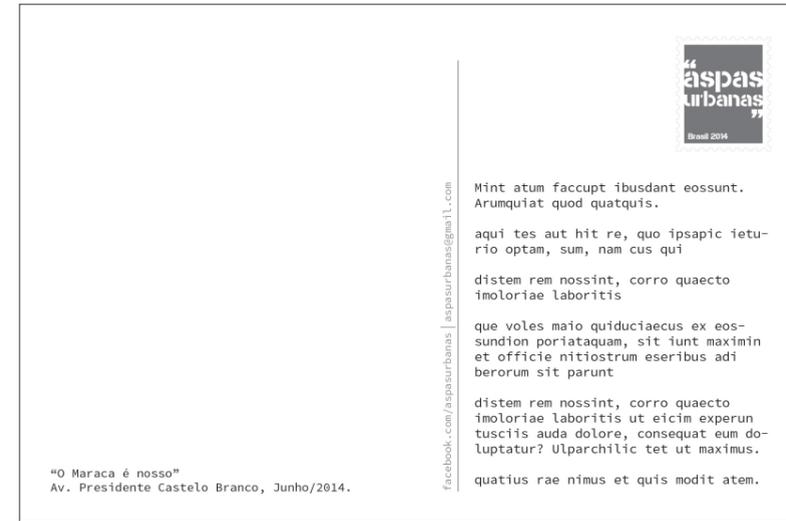
Din Pro  
6/7.3pt

### 3.2.8 Mapeamento das manifestações

Conforme comentado anteriormente, decidi mapear a localização de todas as manifestações para colocar como legenda da imagem. A ideia era informar o nome da rua onde cada manifestação se encontrava, dando uma pista para o entendimento daquela mensagem.

Apesar de lembrar onde a maioria das fotos tinha sido tirada, o nome de algumas ruas me escaparam, então comecei um processo que incluiu desde passeios pelo Google Street View até pesquisas no localizador de imagens do celular. O mais difícil foi localizar as fotos tiradas ao acaso durante algum passeio pela cidade.

Já para as datas dos registros, o processo foi mais fácil. Uma ou outra imagem que foi mais difícil de identificar a data em que foi tirada.

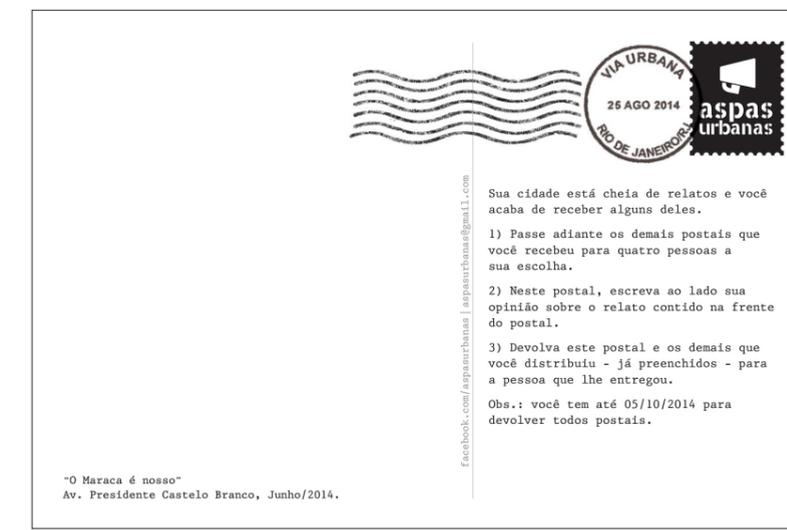
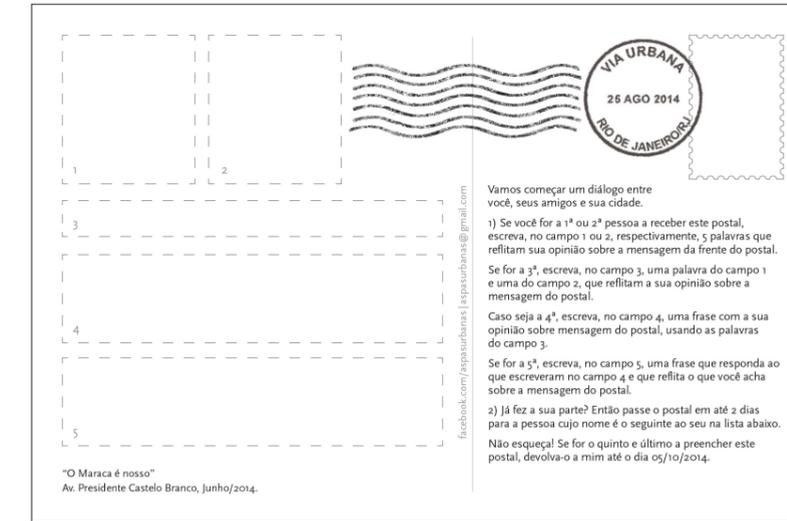
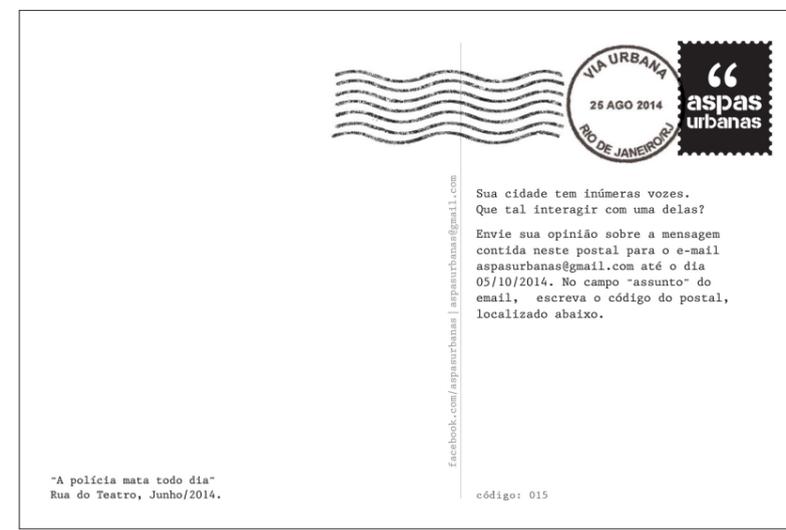


### 3.2.9 Layout dos postais

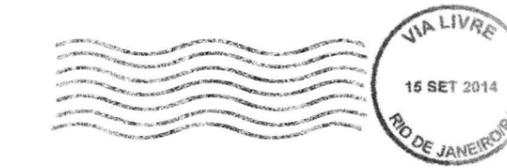
Concomitantemente ao desenvolvimento dos itens acima, ocorreu o desenvolvimento do layout dos postais. A estrutura de conteúdo já estava definida, então o processo foi mais um ajuste fino.

Nesta página, acima: primeiro esboço de layout, ainda sem o uso do carimbo e com a legenda no verso.

Ao lado e na próxima página: layouts com o carimbo e selo/logotipo. Legenda e código dos postais no verso.



Carimbro final:



A data de 15 de setembro foi escolhida por ser a data na qual os postais foram impressos.

Selo final:

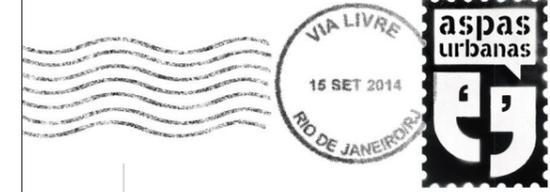


## Layouts do verso finais

### Método 1 – Postal para pessoas de nível 1 e 2

	 <p>facebook.com/aspasurbanas   aspasurbanas@gmail.com</p> <p>A sua cidade está repleta de mensagens e você acaba de receber algumas. Que tal interagir com elas?</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.</li><li>2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.</li><li>3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu – já preenchidos – para mim.</li></ol> <p>Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 05/10/2014.</p>	 <p>facebook.com/aspasurbanas   aspasurbanas@gmail.com</p> <p>Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.</li><li>2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.</li></ol> <p>Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.</p>
--	--	---

### Método 2

 <p>facebook.com/aspasurbanas   aspasurbanas@gmail.com</p> <p>Vamos começar um diálogo entre você, seus amigos e sua cidade.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1) Se você for a 1ª ou 2ª pessoa a receber este postal, escreva, no campo 1 ou 2, respectivamente, 5 palavras que reflitam sua opinião sobre a mensagem deste postal.</li></ol> <p>Se você for a 3ª pessoa, escreva, no campo 3, uma palavra do campo 1 e outra do campo 2, que reflitam a sua opinião sobre a mensagem deste postal.</p> <p>Caso você seja a 4ª pessoa, escreva, no campo 4, uma frase com a sua opinião sobre a mensagem do postal, usando as duas palavras do campo 3.</p> <p>Se você for a 5ª pessoa, escreva, no campo 5, uma frase que responda ao que foi escrito no campo 4 e que reflita o que você acha sobre a mensagem deste postal.</p> <ol style="list-style-type: none"><li>2) Já fez a sua parte? Então passe este postal em até 2 dias para a pessoa cujo nome é o seguinte ao seu na lista abaixo. Não esqueça! Se você for o quinto e último a preencher este postal, devolva-o para mim até o dia 05/10/2014.</li></ol>	 <p>facebook.com/aspasurbanas   aspasurbanas@gmail.com</p> <p>A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?</p> <p>É bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito e/ou a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail <a href="mailto:aspasurbanas@gmail.com">aspasurbanas@gmail.com</a>. Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar. Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.</p> <p>Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!</p>
---	---

### Método 3

### Layout Frente Final

Os layouts da frente eram simples, apenas a legenda e a imagem-registro. No caso da legenda, havia duas possibilidades: uma para imagens verticais e outra para imagens horizontais.



### 3.2.10 Fechamento dos arquivos e impressão

Com as artes dos postais todas prontas, era o momento de pensar em como esses arquivos seriam enviados para impressão e quais seriam as quantidades impressas de cada um.

Após pesquisar orçamentos em algumas gráficas, inclusive gráficas online, decidi imprimir numa gráfica no centro do Rio, que, além de apresentar um bom preço, incluía no serviço a montagem dos arquivos para impressão e o corte, o que era muito conveniente. Eu só precisava mandar os arquivos organizados por versos diferentes e especificar as quantidades.

O tamanho final dos arquivos era 15 x 10 cm e a impressão seria à laser.

Decidi que gostaria de imprimir uma quantidade aproximada de 600 postais, e, após organizar as quantidades e arquivos, fiquei com um total de 615, organizados segundo o esquema abaixo:

Arquivo 1: 24 postais referentes ao método 1, uma impressão de cada.

Arquivo 2: 96 postais referentes ao método 1, uma impressão de cada.

Arquivo 3: 15 postais referentes ao método 2, uma impressão de cada.

Arquivo 4: 120 postais referentes ao método 3, três impressões de cada.

Arquivo 5: 30 postais referentes ao método 3, quatro impressões de cada.

Desse modo, todas as imagens-registro seriam impressas no mínimo quatro vezes.

Concomitantemente ao fechamento das artes finais, questões referentes ao processo de impressão começaram a surgir. Comecei a pesquisar

tipos de papel, gramatura e, como mencionado acima, fazer orçamento em algumas gráficas.

Um papel bastante comum na impressão de cartões postais é o papel supremo, um tipo de papel cartão de maior qualidade que o papel triplex, que possui um dos lados revestidos (lado que fica a imagem) e o outro não (mais adequado para as pessoas escreverem). Em relação a gramatura, é comum o uso de papéis com a gramatura entre 250 e 300g/m<sup>2</sup>.

Porém, ao começar a pesquisar preços e gráficas me deparei com o seguinte problema: a baixa tiragem. A minha situação era a seguinte: eu tinha um grande número de artes diferentes, 150 frentes e 5 versos combinados e que resultavam em 600 postais aproximadamente. Uma parte das gráficas que pesquisei trabalhavam com uma tiragem mínima de 30 a 50 impressões por original, o que seria inviável para mim. E foram exatamente essas gráficas que trabalhavam com mais opções de papel, inclusive o papel supremo. Portanto, acabei tendo que buscar outras opções de papel e encontrei o offset e o couché. Apesar do papel offset ser mais adequado para a escrita, os testes de impressão no couché foram mais satisfatórios, inclusive por ser disponível em maiores gramaturas. Escolhi a gramatura 300g/m<sup>2</sup> para conferir maior rigidez ao postal, fiz os testes finais e enviei para impressão.

### 3.2.11 Distribuição

No dia seguinte à impressão dos postais, comecei a distribuição. Para o método 1, no qual distribuía o postal para pessoas conhecidas, a distribuição foi mais gradual pois encontrei as pessoas aos poucos. Já para o método 3, distribuí a maioria dos postais em dois dias de panfletagem nas ruas. No primeiro dia, escolhi a entrada da Uerj

Maracanã, na rua São Francisco Xavier, e, no segundo, escolhi a Gávea, perto da entrada da PUC. A escolha desses dois lugares levou em conta questões práticas como a facilidade de acesso, e por acreditar que panfletar perto de universidades daria um bom resultado.

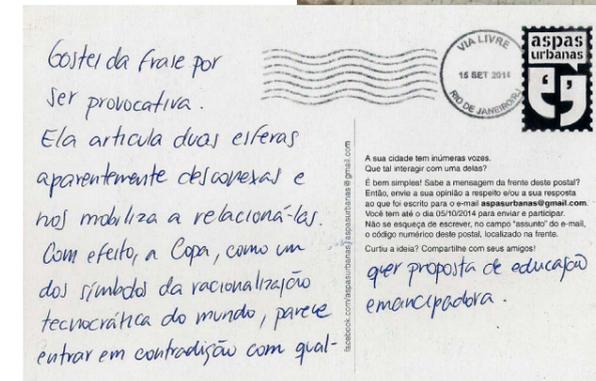
Em relação ao método 2, acabei não dando continuidade e fiz a dinâmica apenas uma vez. Ao realizá-la, percebi que os resultados não seriam tão interessantes quanto os dos outros métodos, e que, as pessoas, apesar de interagirem e curtirem, acabavam ficando presas às regras e preocupadas com o que iriam responder, uma vez que todas as pessoas veriam as respostas e que uma resposta dependia da outra. As respostas acabaram sendo meio engessadas. No fim das constas, esse método quebrou um pouco a minha intenção de criar um vínculo mais pessoal e estreito entre o sujeito que responde ao postal e o autor da manifestação.

Ao longo do processo de distribuição, surgiram duas oportunidades interessantes. A primeira foi a ajuda de uma prima minha que, além de distribuir os quatro postais que eu lhe ofereci (como integrante da dinâmica do método 1), dispôs-se a fazer uma distribuição mais ampla no colégio onde estuda – Pedro II unidade centro – e que gerou uma resposta/interação muito positiva. Ela levou para o colégio tanto postais da dinâmica 1, quanto da 3, e a maioria das respostas vieram com a devolução de postais preenchidos manualmente. A outra oportunidade partiu do meu tio, professor do Cefet, que se ofereceu para distribuir postais para colegas e funcionários da unidade. Também tive um retorno muito positivo.

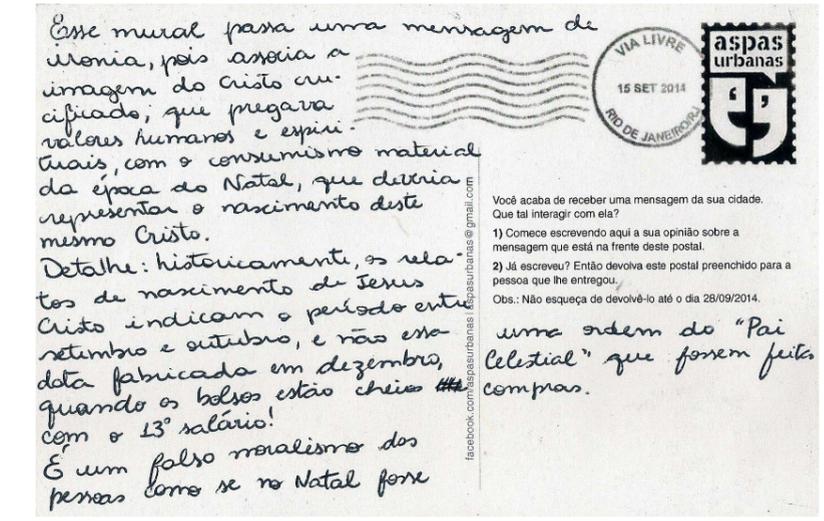
### 3.2.12 Resultados, considerações e pós-experiência

#### Resultados numéricos

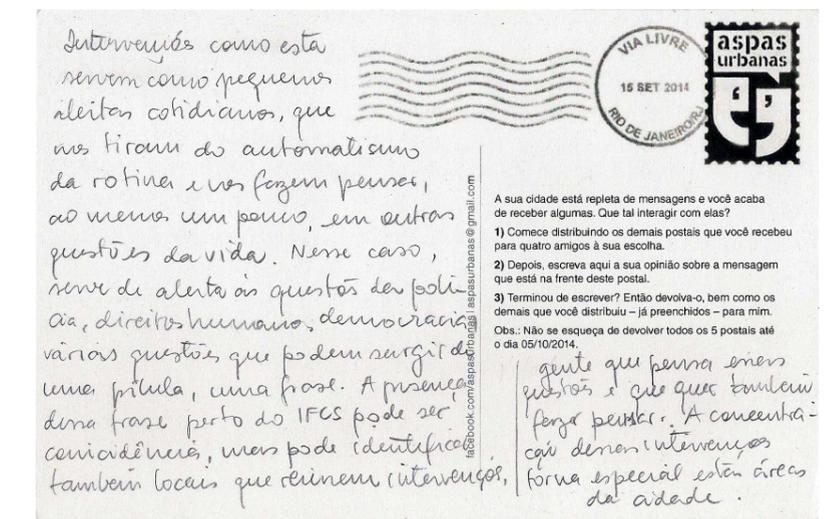
Antes de entrar nas considerações, mostro os resultados numéricos gerais do projeto. Ao todo, obtive 119 postais respondidos, incluindo todos os métodos. Dos 120 postais distribuídos no método 1, 80 foram respondidos. Como resultado da panfletagem só obtive 5 respostas por e-mail, mas como alguns postais do método 1 foram distribuídos por outros meios, citados acima, acabei obtendo mais 29 postais. Para o método 2, tive 5 postais devolvidos, resultados da única experiência que realizei. Levando em consideração os 3 métodos de distribuição, das 150 mensagens veiculadas, 55 não obtiveram nenhuma resposta, e 18 obtiveram mais de uma. Abaixo, os três postais/mensagens mais respondidos e algumas das respostas



"Em verdade vos digo: façam compras e deem presentes em meu nome." Av. Presidente Castelo Branco (Radial Oeste), Junho/2014. Código do postal: 014



"A policia mata todo dia." Rua do Teatro, Junho/2014. Código do postal: 004



### Resultados e considerações pós-experiência

As respostas que recebi foram maravilhosas e incluíram não só mensagens escritas, mas também desenhos, colagens e outras interferências nos postais. (Todos os postais respondidos podem ser vistos no anexo B). O nível de envolvimento de algumas pessoas foi incrível e foi interessante observar que apenas em poucos postais ocorreram críticas às manifestações não autorizadas. Em alguns postais, o projeto foi elogiado.

Em relação ao método 1, faço algumas observações. Uma sensação que tive, a partir da reação de algumas pessoas, foi que algumas sentiram como se tivessem que concordar com o que estava sendo dito na mensagem e, apesar de ter pedido simplesmente a opinião das pessoas, penso se não deveria ter elaborado mais o texto para deixar mais evidente que a ela não necessariamente tinha que achar correto o que estava escrito. Afinal, o objetivo não era concordar com a mensagem, e sim conversar e discutir ideias.

Outro feedback interessante: algumas pessoas apontaram que gostariam de ter ficado com os seus postais, pois gostaram das imagens e mensagens. Além disso, algumas pessoas de nível 1 (aquelas responsáveis por distribuir para outras pessoas) ficaram chateadas de não poderem escolher qual dos cinco postais iriam responder, uma vez que o postal delas era diferenciado.

Já em relação ao método 3, a primeira observação que gostaria de fazer é a respeito da distribuição de postais nas ruas – panfletagem – que foi realizada na semana de 15 de setembro. Por ser uma data já muito próxima às eleições de 2014, a quantidade de pessoas nas ruas realizando atividades panfletárias era enorme e eu senti uma certa

indisposição das pessoas por essa razão. Nos dois dias que panfletei, havia pessoas panfletando materiais partidários próximas a mim, bem próximas na verdade. As ruas da cidade estavam cheias e as pessoas pareciam estar cansadas de receber papéis nas ruas. Isso me fez pensar se os resultados teriam sido mais positivos ou a recepção melhor se tivesse panfletado em outra época do ano.

Outra observação em relação a distribuição do método 3, diz respeito ao meu contato com as pessoas durante a panfletagem. No geral, as pessoas estavam muito apressadas, então eu não tinha muito tempo para explicar ou falar sobre o projeto. Uma ou outra parava e perguntava o que era, então eu explicava; e duas pessoas acharam que eu estava pedindo uma contribuição financeira para o projeto, portanto observou-se uma falha na comunicação.

Como visto acima, a resposta para a panfletagem de postais nas ruas não foi positiva: de 400 postais (aproximadamente) que distribuí, apenas 5 pessoas responderam, o que me fez pensar nas possíveis razões para isso ter ocorrido. Talvez a questão das eleições, apontada acima, esteja relacionada de alguma forma. Talvez eu devesse ter elaborado mais a distribuição através do uso de camisetas, cartazes ou da criação de um pequeno stand para que as pessoas pudessem saber mais sobre o projeto e se interessassem mais.

### Feedback das pessoas

O feedback das pessoas em relação as dinâmicas como um todo foi bem positivo. Recebi alguns comentários elogiando a ideia e transcrevo a seguir alguns elogios encontrados nos próprios postais.

“Boa ideia de representar os grafites da cidade e transformá-los em postais. Gostei de você(s) terem colocado o local de origem dos desenhos, o que mostra que são geográficos, pois a ideia transmitida pelas imagens tem, muitas vezes, relação com o espaço onde estão inseridos.”

“Oi gente, curti o postal que “encontrei” na PUC. Parabéns pela iniciativa do projeto, pela ideia. Parei para refletir.”

“Fico pensando em como iniciativas como essas, deste postal, podem ser iniciativas na área escolar e provocar (des)estabilização que façam os seres humanos mais sensíveis aos demandas da humanidade. Parabéns! Orgulho de jovens neste país como você!”

## 3.3 Definindo os próximos passos

Depois de concluída a primeira parte do meu projeto - a distribuição dos postais com as dinâmicas e envio de respostas - e até mesmo antes disso, estive na busca de uma definição de como meu projeto se concluiria. Cabe aí uma ressalva: não pretendo que o projeto se encerre por completo, pelo contrário, ele continuará, sendo essa etapa de conclusão apenas um marco de encerramento e conclusão do curso. Dei muitas voltas até chegar a uma definição e entender de fato o cerne da questão. Algumas pessoas que participaram do projeto me perguntaram o que eu faria com as respostas ou demonstraram curiosidade e interesse por saber mais, saber sobre o todo. Várias apontaram ter gostado do fato de cada imagem do postal, ou seja, cada manifestação/mensagem, ter sua posição geográfica registrada, quase um endereço e qua talvez fosse interessante pensar por aí. A interação das pessoas

através das mensagens que escreveram foi bastante interessante e o empenho de algumas foi maravilhoso. O ‘material’ que recolhi foi tão incrível por si só, que a sensação que tive foi como se o ponto máximo do projeto já tivesse sido alcançado. Mas eu tinha que encerrar meu projeto. Enquadrá-lo, de certa forma.

Na terceira apresentação, mostrei algumas possibilidades que vieram na época, listadas abaixo:

- Fazer uma intervenção urbana expondo os postais respondidos ao lado das próprias manifestações;

- Fazer um registro fotográfico unindo os postais respondidos e as manifestações nas ruas e enviar às pessoas que participaram da dinâmica;

- Criar novos postais a partir das opiniões escritas pelas pessoas. Cada novo ‘postal’ teria de um lado a foto da manifestação e do outro a resposta reproduzida utilizando-se a mesma técnica da manifestação. Esses novos postais seriam devolvidos para as pessoas que os preencheram;

- Criar uma mapa interativo onde seria marcada cada manifestação, aquelas que receberam respostas e aquelas que não receberam. Tudo poderia ser acessado e inclusive poderia haver interação com as mensagens através dessa plataforma.

- Escolher um muro da cidade e expor os postais respondidos. Uma exposição do projeto no próprio espaço público urbano;

- Criar um vídeo-registro do projeto: mostrar o que já tinha sido feito e convidar as pessoas a participarem.

Independente de como o projeto se desdobrasse, eu tinha alguns parâmetros. O que eu queria era:

- Fazer algo que pudesse ser acessado por um público fora da Esdi. Eu não queria que meu projeto ficasse restrito aos muros da universidade e aos meus colegas de turma. Queria algo que fosse além, que pudesse ser espalhado pelo mundo;

- Fazer algo de verdade, que saísse do papel;

- Dar, de alguma forma, um retorno para as pessoas participantes;

- Disseminar a importância do diálogo e do conversar com a cidade. Queria ressaltar que a conversa é entre os cidadãos e a cidade.

A partir disso, escrevi: “é preciso parar para pensar no que está sendo dito e que essas mensagens representam vozes, opiniões de outros moradores da nossa cidade, outros pontos de vista, outras realidades. É preciso olhar para o lado e dialogar com essas vozes e desfazer-se de barreiras e preconceitos. Ver além.”

Então, comecei a pensar nas possibilidades apresentadas e, de início, pensei que a melhor forma seria a criação de um mapa interativo. Algo através do qual as pessoas pudessem navegar e acessar o conteúdo e que instigasse as pessoas a enviarem seus registros e seus diálogos. Se por um lado eu tinha o receio a respeito de ser uma solução virtual, por outro, ser virtual me proporcionaria uma esfera de atuação maior e uma diversidade de pessoas alcançadas e a interação seria infinita uma vez que a plataforma estivesse disponível online. Eu tinha clara a intenção de divulgar as mensagens e incentivar as pessoas a dialogarem com elas. Todas as pessoas, as que responderam aos postais manualmente,

as que responderam online e qualquer pessoa com acesso a internet, poderiam ver todo o conteúdo, ler as respostas etc.

A grande questão e o maior porém desse caminho é que ele trata os postais e as mensagens de uma forma muito numérica. Explico: visualizar pontos no mapa, por mais que estes pontos representem mensagens e diálogos, traz o foco para a quantidade de pontos existentes por região e pode ser uma maneira cansativa de visualizar as informações. Cada postal é um dado novo que poderia se perder num mar de outros postais. Além disso, pensar um mapa cheio de pontos traz uma vertente muito mais expositiva/contemplativa do qualquer outra coisa, e pouco fala sobre o que está por trás do projeto, o mapa por si só não conta a história/trajetória do projeto. E que história é essa que eu queria contar?

Esses questionamentos a respeito do mapa me fizeram repensar o projeto. O que eu queria mostrar? Qual era o meu ponto, o cerne da questão? Pensei em mais possibilidade e quanto mais eu pensava, mais eu sentia que alguma coisa estava faltando.

Neste momento do projeto, comecei a ler um livro chamado “O ponto da virada. *The tipping point*: como pequenas coisas podem fazer uma grande diferença.” No livro, o autor Malcolm Gladwell aborda como ideias, mensagens, comportamentos e produtos atingem um determinado ponto – chamado de ‘*tipping point*’ onde viram verdadeiras epidemias. Gladwell discorre sobre o assunto, apontando diversos fatores que podem ser responsáveis por esse contágio e disseminação em escala geométrica. Uma das questões levantadas por ele e que quero expor aqui está no trecho abaixo:

“Se uma pessoa não se lembra do que eu digo a ela, por que vai mudar o seu comportamento, comprar o meu produto, ou ver o meu filme?” (GLADWELL, p. 31)

A passagem acima, apesar de ter um viés marqueteiro, me fez questionar se estava claro para as pessoas qual era a principal mensagem do meu projeto. O que elas receberam foi um postal com uma mensagem e uma instrução que pedia que elas dessem suas opiniões sobre o que estava sendo ‘dito’. A única dica era uma pequena frase, ou duas, no início do texto das instruções, que remetia ao diálogo com a cidade. Como, então, essas pessoas poderiam saber do todo? Meu projeto não era sobre o mapeamento das manifestações e, apesar de ter como dois dos objetivos expor as mensagens contidas nos espaços públicos urbanos e despertar o olhar/atenção dos transeuntes, essas não eram as principais questões. Meu projeto é focado no diálogo e tem como objetivo principal provocar o entendimento de que essas manifestações são muito mais que atos de transgressão: elas são um retrato de experiências vividas por pessoas dentro da cidade, com seus pontos-de-vista diferenciados. A questão, como foi falado anteriormente, não é julgar se pichar etc está certo ou errado, e sim, parar para dialogar.

Com as pessoas mais próximas, que sabiam sobre o projeto e que vinham conversar comigo, tive a oportunidade de deixar isso um pouco mais claro: não existe resposta certa, existem opiniões, existe debate, conversa. A cidade está falando e é muito importante que as ideias sejam discutidas.

Existem muitas iniciativas que num primeiro instante são parecidas com o meu projeto. Mas nenhuma delas, que eu conheça, propõe a ideia do diálogo, de entender as manifestações como vozes e opiniões de pessoas com as quais precisamos conversar. No geral, elas são muito

mais um catálogo das ruas do que qualquer outra coisa. Então, é muito importante destacar esse diferencial que eu tenho, e deixar claro a que o projeto veio.

A ideia de uma exposição ao ar livre nas ruas parecia bastante atraente, porém ainda assim fiquei na dúvida se seria a melhor opção. Ai, entra outra passagem do livro citado acima:

“Muitos executivos de agências de publicidade acham que, exatamente por serem os esforços de marketing hoje em dia tão onipresentes, o apelo da propaganda boca a boca se tornou a única forma de persuasão a que a maioria de nós ainda responde.” (GLADWELL, p. 37)

Independente da afirmação acima estar ou não correta, ela me fez refletir que eu não devo subestimar a importância que cada pessoa que participou da dinâmica tem. Essas pessoas poderiam ser agentes importantes para espalhar a ideia. O que eu pude perceber com a dinâmica de distribuição dos postais foi que a pessoa responsável por distribuir o postal para mais 4 pessoa no método 1, tinha um papel decisivo e quanto mais ela acreditava na ideia, mais eficiente o retorno era. Houve pessoas, dentre as 24 pessoas do método 1, que não retornaram nenhum postal. E sobre seus motivos, eu só posso supor. Talvez elas não tenham acreditado na ideia, ou não tenham se envolvido com a minha causa, por assim dizer, e/ou não viram valor no que eu estava fazendo. Por outro lado, outras pessoas pediram mais postais e foram responsáveis por uma contribuição muito significativa ao projeto.

Apesar da minha vontade de mostrar os postais respondidos para o mundo ser grande, eu pensei que mais importante do que isso seria espalhar a ideia, eu queria falar sobre, mostrar para as pessoas o

tal do todo. Tornar visível esse ponto de vista para que as pessoas entendessem e lembrassem.

Então, percebi que o que quer que eu decidisse fazer, eu não deveria desviar a atenção do foco principal. Os postais, no final das contas, eram a resposta desde o início. O mais valioso é cada um dos diálogos que eles contêm, é o momento único em que cada pessoa dá sua opinião sobre uma das mensagens. Não era o caso de criar nada a mais que competisse com eles, ou de criar distrações. O cerne da questão estava e está exatamente nessa troca simbólica, nesse diálogo. E nesse momento, eu recordei as palavras do orientador Pedro, quando ele disse que era necessário pensar em origens e principalmente em essências. Foi um clique. Eu passei semanas buscando uma solução mirabolante, algo a mais para fazer, algo que gritasse pro mundo sobre o meu projeto, mas não era nada disso. Meu projeto se dá, de fato, nessa relação de pessoa para pessoa, nessa troca individual, única e difícil de mensurar.

Pensei em agir em duas frentes, uma que conectasse ainda mais as pessoas que responderam aos postais com a ideia do projeto e outra que dessa a oportunidade a outras pessoas de participar da dinâmica dos postais. Daí, cheguei as seguintes definições:

#### **Frente número 1: publicação**

Criar uma compilação de conteúdo textual e imagético que possua uma breve explicação sobre o projeto e que possa ser enviado para as pessoas que participaram. A ideia é deixar claro a que o projeto veio.

#### **Frente número 2: dinâmica**

Propor uma nova dinâmica de postais, diferente da primeira, que se inicie em participantes da dinâmica anterior (método 1).

### **3.4 A publicação**

A ideia de criar uma publicação partiu da intenção de explicar um pouco mais sobre o projeto para as pessoas que participaram das dinâmicas, dando um retorno para elas, uma explicação. Como mencionado anteriormente, eu não tinha informado os participantes, salvo exceções, sobre o propósito do meu projeto e sobre as questões envolvidas. Apesar de, num primeiro momento, isso se justificar, pois a ideia de ‘responder’ ao postal era o objetivo/foco em si, considerei que era importante nessa segunda etapa, transmitir mais claramente a mensagem.

#### **3.4.1 Considerações iniciais**

A ideia dessa publicação era, além de informar e explicar para as pessoas sobre os propósitos do projeto, conectá-las ainda mais com a ideia. Afinal, a pessoa espalha uma ideia porque acredita nela.

Antes mesmo de tomar a decisão de fazer a publicação, o primeiro parâmetro já estava definido: eu queria criar algum tipo de material que eu pudesse imprimir e distribuir para as pessoas, mesmo que fossem poucas, ou seja, eu tinha clara a meta de sempre tornar o projeto real, nem que fosse numa pequena escala. Por essa razão, partindo do pressuposto de que eu gostaria de fazer algo físico e não digital – num primeiro momento – eu tinha que pensar numa solução economicamente viável. Além disso, eu tinha em mente algum tipo de material pocket, enxuto e direto ao ponto, e pensei até que ele pudesse ser um tipo de material que pudesse ser repassado de pessoa pra pessoa.

#### **3.4.2 Estrutura de conteúdo**

Mais importante, ou tão importante quanto, decidir que meio eu usaria para espalhar a ideia do meu projeto – o que acabou sendo uma publicação – foi decidir qual o conteúdo ele teria. A ideia era ser sucinto: não queria disponibilizar uma grande quantidade de conteúdo textual que pudesse acabar não sendo lido. Assim, pensei nos seguintes tópicos gerais:

- Apresentação do projeto/introdução

- A importância do diálogo: porque conversar com a cidade

- A dinâmica dos postais: intro + as respostas recebidas

- Registros fotográficos: postais mais manifestações correspondentes

- Depoimentos de pessoas que participaram: traçar algumas perguntas e recolher opiniões e feedbacks

- Conclusões

Ao longo do desenvolvimento do projeto, percebi que essa lista, apesar de curta, requeriria bastante espaço, ou pelo mais do que eu consideraria viável, então comecei a pensar em como ser mais direta e certa. O primeiro tópico que eliminei foi o de depoimentos, por acreditar que ele mais dizia respeito à validação de uma experiência passada do que à promoção da ideia em si. O segundo tópico retirado foi a conclusão, pois me pareceu desnecessário ter a conclusão de um conteúdo tão curto e enxuto. Além disso, acredito que a conclusão parte muito de uma percepção individual e transmite uma ideia de fim, que era exatamente o que eu não queria. O objetivo era regar uma

semente pensando em futuras e novas percepções. Quanto ao conteúdo imagético, defini que usaria as imagens de alguns postais preenchidos, para ilustrar e facilitar o entendimento de como o projeto acontece.

Assim, defini que o conteúdo da publicação seguiria a estrutura abaixo:

- O que é o projeto;

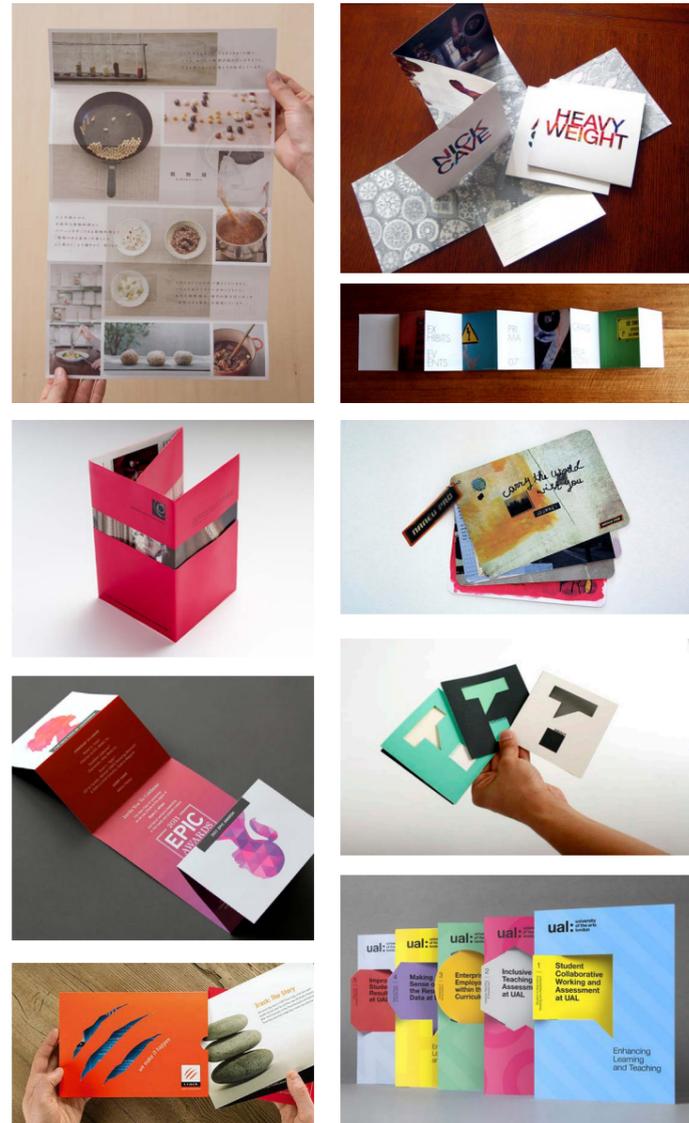
- A importância de dialogar com a cidade;

- A dinâmica dos postais.

#### **3.4.3 A escolha do formato**

A escolha do formato da publicação não foi uma tarefa simples pois os parâmetros que eu tinha – ser um material pequeno e com custo viável de impressão – eram limitantes. Mas, uma vez que o conteúdo já havia sido definido – também pensando nesses parâmetros – a tarefa era mais fácil.

O processo de escolha desenvolveu-se de uma maneira bastante prática, e o que eu fiz foi pensar em ideias diferentes, pesquisar pequenas brochuras e folder com formatos, cortes ou projeto gráficos diferentes e partir para a confecção de diversos modelinhos, muitas vezes fora de escala, só para estudar proporções, dobras e ordem de leitura do material.



Essas imagens foram apenas algumas das que pesquisei e foram importante para que eu começasse a pensar sobre alguns aspectos em relação ao formato.

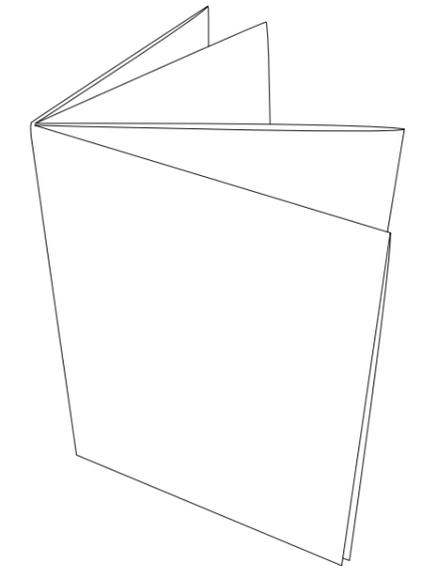
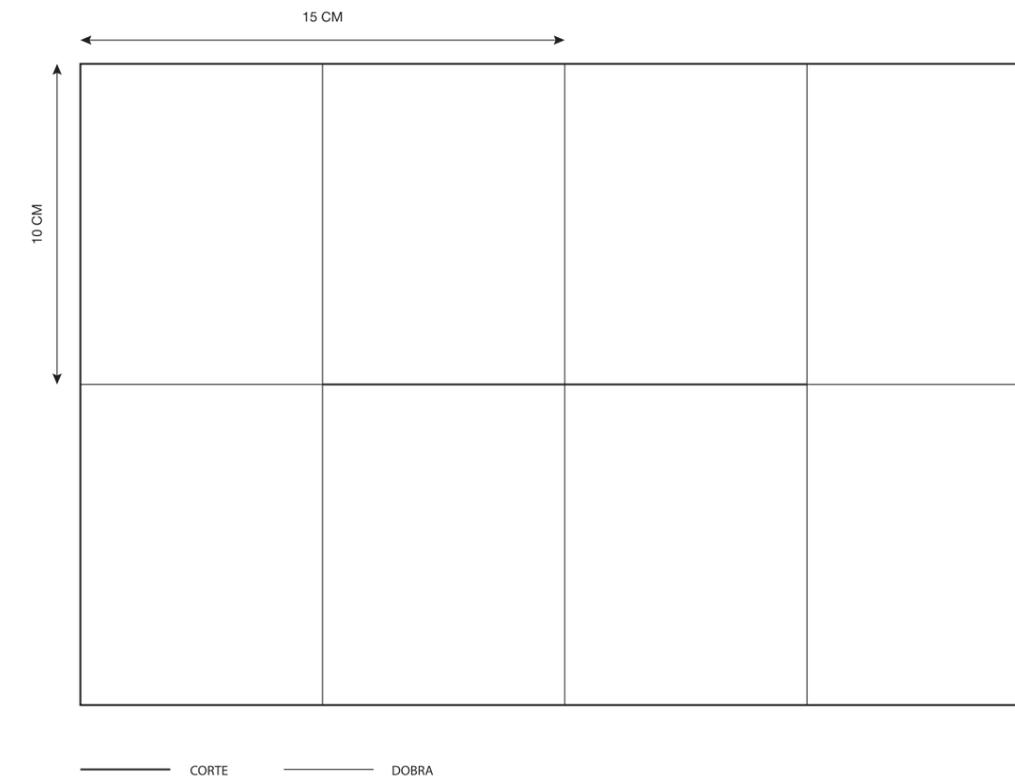
A primeira coisa que defini foi que o formato deveria ter uma estrutura retangular. Isso porque a base do meu projeto – os postais – é um retângulo, então eu não via razão para trazer um novo tipo de corte e elemento para o projeto. As formas triangulares, por exemplo, são muito pregnantes e seus ângulos e especificidades não dialogam bem com os postais e registros fotográficos, e nem com o logotipo.

A partir daí, comecei a fazer alguns modelos para testar ideias e estudar formatos. Comecei com modelos em escala, e depois selecionei alguns e fiz no que seria o tamanho 1/1.



Tive a ideia de usar o tamanho do postal – 15cm por 10cm – como base para estruturar as dobras e divisões de conteúdo. Depois de realizados diversos teste e de pedir opinião para algumas pessoas, inclusive pedindo que elas manuseassem os modelos, escolhi seguir com o formato abaixo. O tamanho aberto é de 30 por 20 cm, e o fechado é de 7,5 por 10cm. O corte no centro do folder planejado, permite uma dobra diferente, na qual o material adquire um formato de livreto.

Defini que o material seria estruturado da seguinte forma: o conteúdo textual entraria nas páginas do livreto - que junto com a capa e contra capa, configuram um lado de impressão - e o verso seria uma espécie de poster com uma única imagem.



### 3.4.4 Conteúdo textual e imagético

A estrutura de conteúdo da publicação já estava definida, e a partir dela, comecei a organizar os textos que fariam parte de cada seção. No decorrer do projeto, eu escrevi diversos textos, que constam inclusive nesse relatório, então, era mais uma questão de selecionar os pontos principais e enxugar o texto. Abaixo, os textos finais da publicação:

#### Sobre o projeto

Aspas Urbanas é um projeto colaborativo que busca estimular o diálogo entre as pessoas e a cidade. Através do registro e divulgação de imagens de manifestações predominantemente textuais presentes no espaço público urbano, o projeto convida as pessoas a pensar, discutir e dar opiniões sobre as histórias e pontos de vista expressos nesses espaços. O projeto está em sua primeira edição, que acontece na cidade do Rio de Janeiro.

#### E por que dialogar com a cidade?

Acreditamos que, num mundo onde a informação é tão massificada, é importante expor pontos de vista e opiniões diferenciados expressos através dessas manifestações que são, na verdade, uma resposta às experiências vividas dentro da própria cidade. É necessário provocar o diálogo, a reflexão e o fazer pensar. Ouvir mais o que a cidade tem a dizer para então entendê-la melhor e conseguir humanizá-la.

#### A dinâmica dos postais

O projeto se dá através da distribuição de uma série de cartões postais, cada um com um registro de uma manifestação não autorizada inserida no espaço público urbano. Cada pessoa que recebe o postal é convidada a dar a sua opinião sobre a mensagem contida na imagem.

Mas por que usar cartões postais?

O cartão postal é uma forma de correspondência que estabelece a comunicação entre duas pessoas - o remetente e o destinatário. A ideia é agir num nível mais pessoal, estreitando a comunicação entre pessoas que não se conhecem - o cidadão anônimo que ‘escreveu’ a mensagem e outro cidadão - por acreditarmos que desta maneira criaríamos um vínculo mais significativo, numa conversa de cidadão para cidadão, de pessoa para pessoa. Cada postal é um fragmento/recorte da cidade e em cada postal preenchido podemos encontrar um questionamento e uma resposta a este mesmo questionamento.

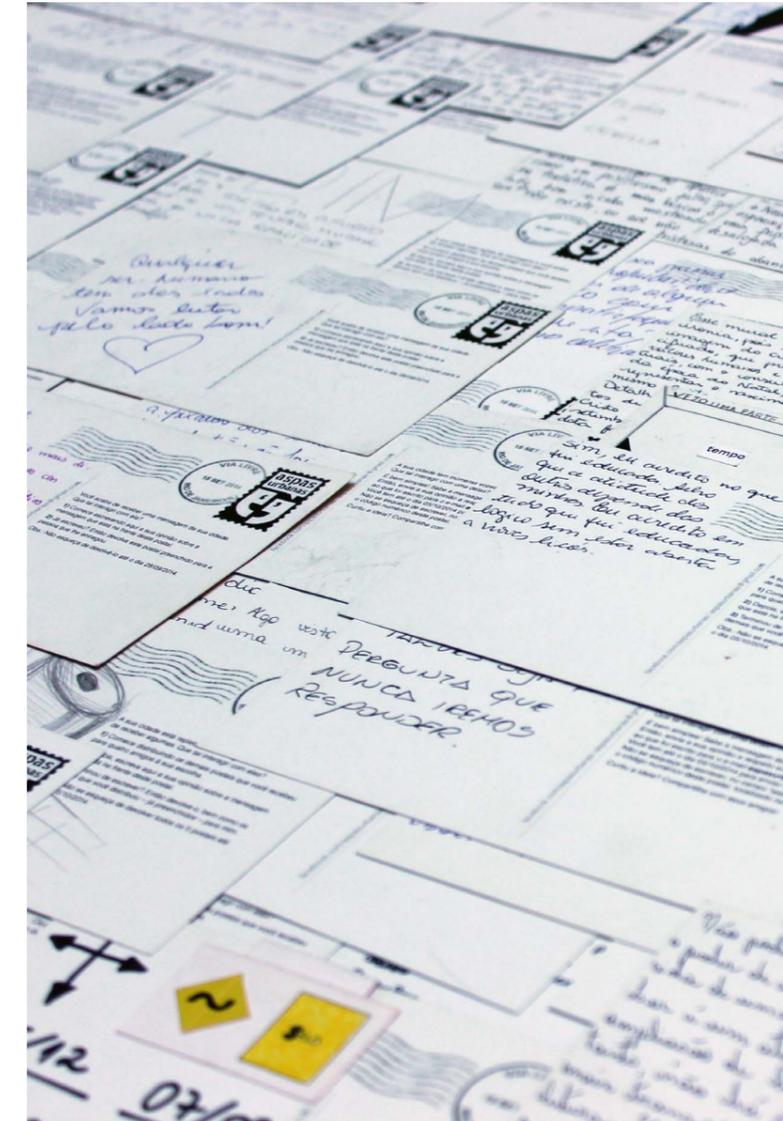
#### Conteúdo imagético

Como definido anteriormente, um dos lados do material, seria uma espécie de poster. E, antes de definir que eu trabalharia com as imagens dos postais preenchidos, cogitei algumas alternativas.

Realizei uma breve ida a campo a fim de fazer alguns registros fotográficos dos postais juntos de suas respectivas manifestações. O resultado foi bastante interessante pois as fotos que tirei ajudam a conectar os postais com as manifestações. Porém, por motivos de espaço, acabei achando mais relevante colocar as fotos dos postais preenchidos.

Também cheguei a cogitar o uso de imagens mais gráficas ou experimentações.

Em relação às fotos dos postais, fiz algumas composições diferentes até definir qual seria a melhor. Testei fotos apenas dos versos e depois dos versões com as frentes, em enquadramentos diferentes. Abaixo, algumas das imagens fotografadas.



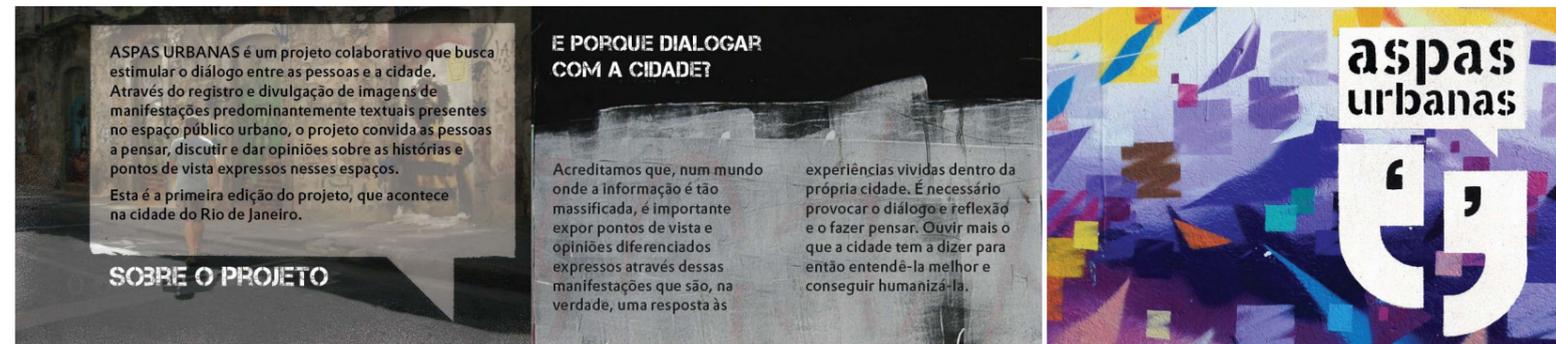
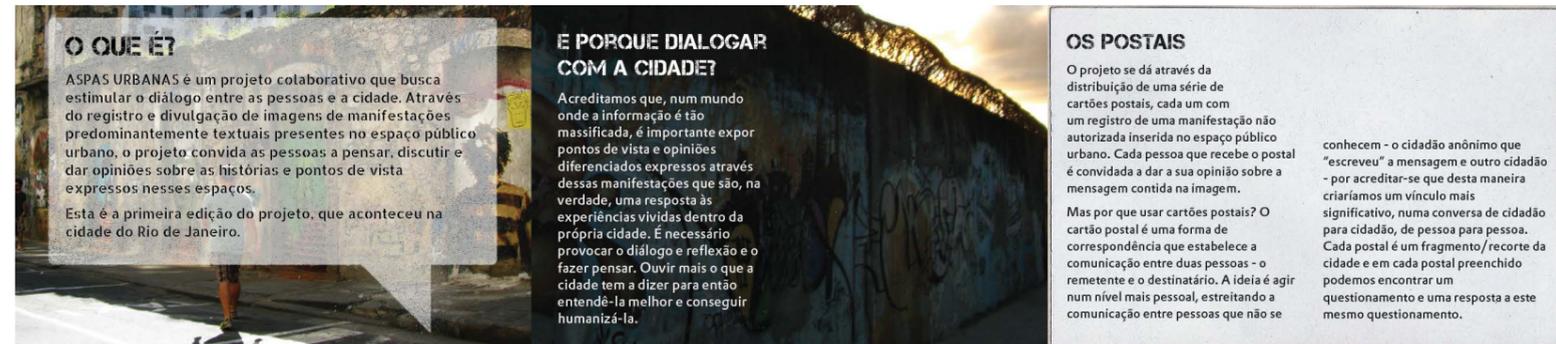
### 3.4.5 Estudos de layouts

Uma vez que o formato estava definido, fiz algumas investigações e testes de layout a partir de diferentes imagens e composições, tanto para a parte do livreto, quanto para a do pôster.

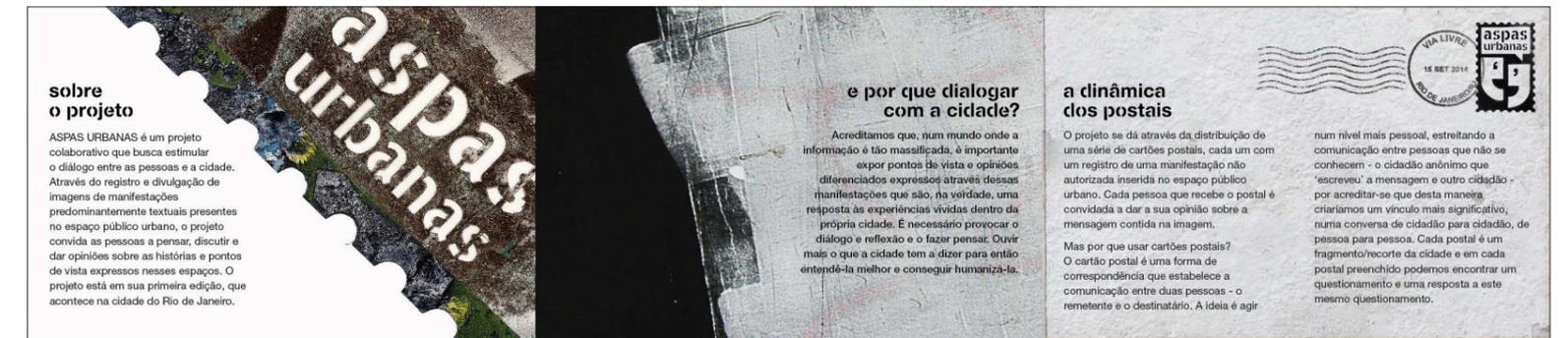
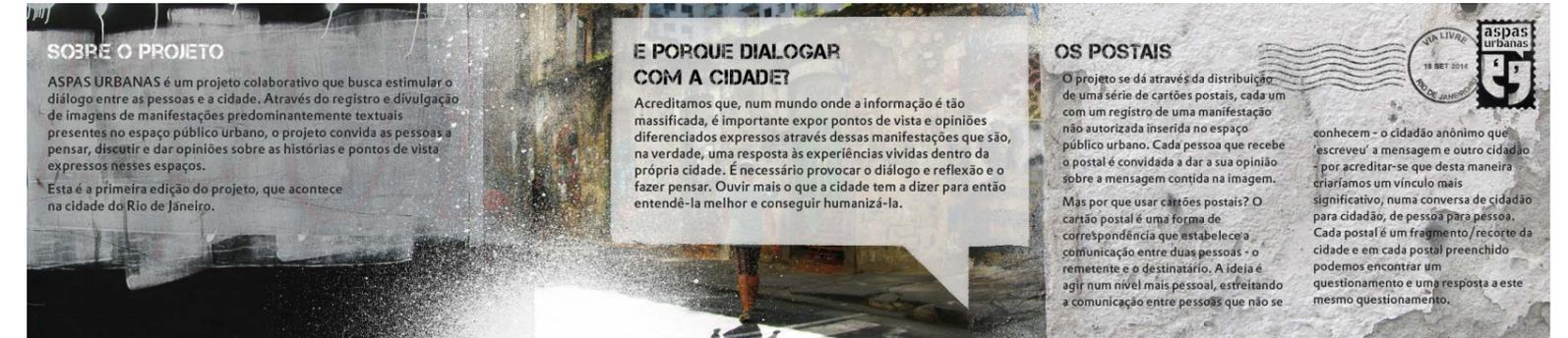
É importante ressaltar que, como mencionado anteriormente, a ideia era criar algo que não competisse com os postais; assim, o material foi pensado e desenvolvido para ser simples e modesto, e não para ser chamativo. Obviamente, o material deveria sim ser interessante, apesar dessas restrições.

No livreto – que é composto de três partes - testei tanto a ideia de mesclar as imagens, suavizando a transição de uma para outra, como a de criar uma separação mais nítida entre os diferentes spreads. Experimentei o uso do ‘balão de fala’ como elemento e também de texturas e imagens das manifestações e da cidade, todas registradas durante idas a campo. Ao longo do desenvolvimento, criei uma estrutura para a diagramação do conteúdo a fim de tornar o layout menos poluído.

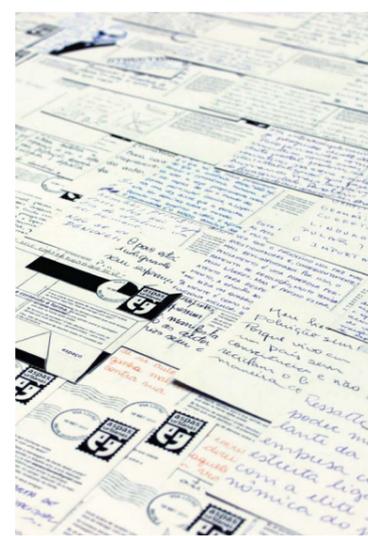
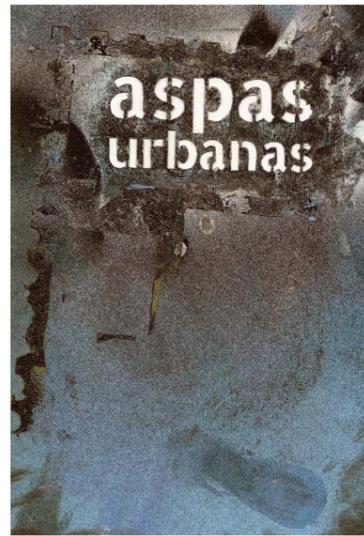
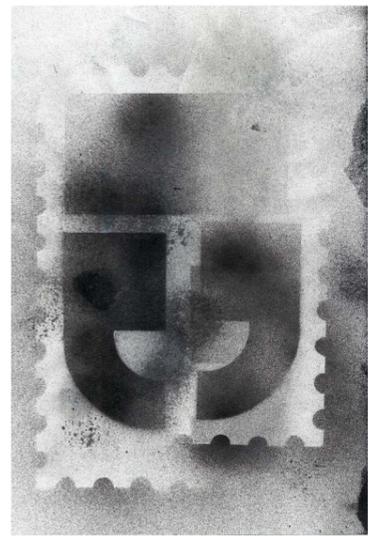
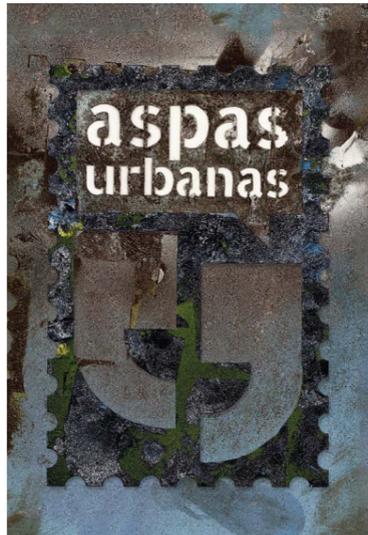
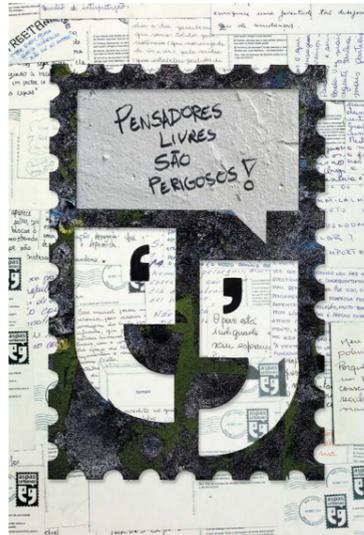
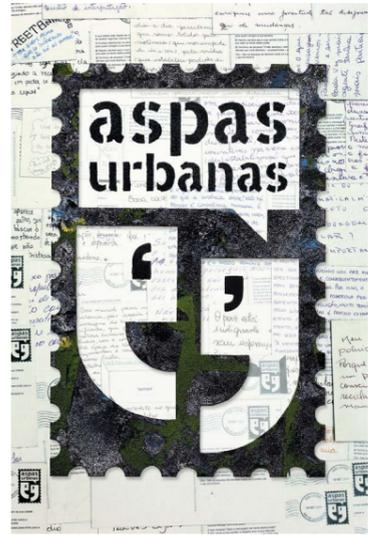
Já para o pôster, como mencionado anteriormente, fiz algumas experimentações diferentes, até chegar às imagens dos postais. Duas questões foram importante no desenvolvimento desta etapa. A primeira foi que eu considerava muito importante que o verso contivesse imagens dos postais preenchidos, uma vez que a parte do livreto não conteria. A segunda foi que, quando decidido que eu trabalharia com imagens dos postais, foi necessário pensar na escala em que eles apareceriam. O ideal seria mantê-los o mais próximo possível da escala real, mas por outro lado, ter uma amostragem maior de postais na imagem/poster também era interessante. Assim, optou-se pelo meio termo, no qual os postais estariam em escala reduzida.



Estudos de layout para a parte do livreto



Estudos de layout para a parte do livreto



Estudos de layout para o verso (pôster)

### 3.4.6 Tipografia

A estrutura de texto da publicação era bem simples: três títulos e seus respectivos textos. Assim, quanto à tipografia, pensei inicialmente em usar duas famílias tipográficas. Para o texto, considerei usar uma tipografia stencil, mas acabei seguindo a mesma linha dos postais e busquei uma tipografia neutra, o que ajudou a organizar o layout e torná-lo menos caótico. Optei pela tipografia Helvetica Neue.

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXY  
0123456789 “” ! # & ( ) \* + , - . / : ; = ? @

Helvetica Neue - 55 Roman

Já para os títulos, considerei diversas fontes stencil por acreditar que era necessário uma diferenciação maior em relação ao texto e algo que quebrasse um pouco a neutralidade da Helvetica Neue. Porém, ao experimentar as diferentes fontes, percebi que elas não funcionavam bem, estavam deslocadas. Desse modo, partindo da fonte Helvetica Neue Bold, construí alguns caracteres versão stencil, como observado a seguir. O resultado ficou muito mais harmônico e ajudou a quebrar a seriedade desta tipografia.

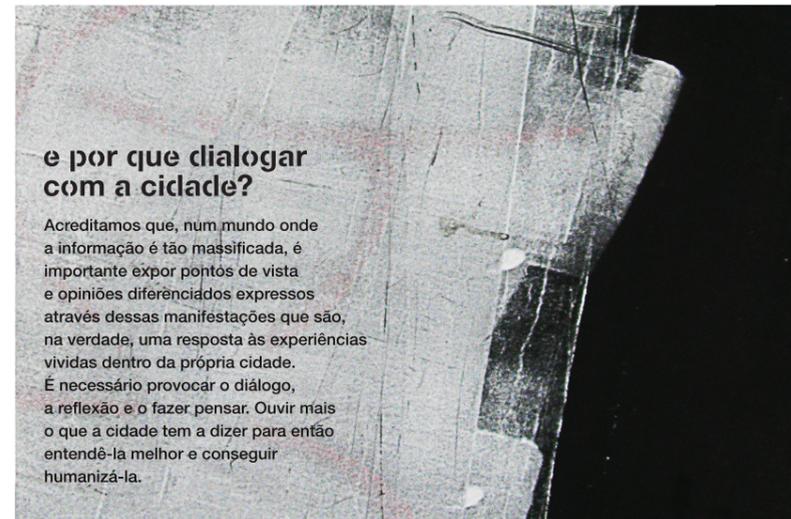
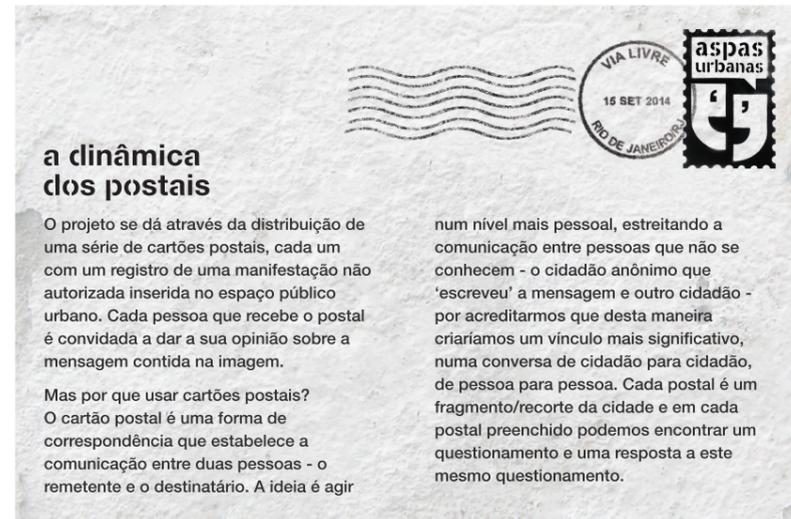
## a dinâmica dos postais

### 3.4.7 Layouts finais

A seguir, os layouts finais da publicação. Para o pôster, optou-se por utilizar uma composição horizontal, pois assim, além de mais postais aparecerem na imagem, o material como um todo ficaria com uma orientação horizontal.

Nas próximas páginas: layouts do verso, spreads, capa e contra capa do livreto (em escala)





### 3.4.8 Impressão

Para a impressão da publicação, pensei em usar algum tipo de papel Reciclato a fim de adicionar ao layout uma textura leve que remetesse às superfícies imperfeitas e texturizadas dos muros e demais suportes. Procurei por dois papéis: o papel Reciclato branco e o tradicional. A minha dúvida quanto ao papel Reciclato tradicional foi devido a sua coloração creme, que poderia interferir no layout, além de eliminar as áreas brancas, pois como a impressão seria feita a laser, o branco seria conferido apenas pelo uso de papel branco. E, assim como aconteceu com os postais, tive uma restrição a oferta de papéis oferecidos pelas gráficas, que não trabalhavam com o Reciclato branco. Desse modo, fiz os testes em papel reciclato e papel offset comum, e acabei optando

pelo primeiro. A cor do papel conferiu uma aquecida nos tons de impressão e tornou o material mais interessante.

Quanto a gramatura, era necessário usar um valor baixo, pois como o material tem várias dobras, um papel mais grosso interferiria no resultado do material montado. Testei a impressão em papel 90g/m<sup>2</sup> e 120g/m<sup>2</sup>, e escolhi a gramatura inferior.

Após finalizar o layout e fechar as artes finais, realizei a impressão e montagem do folder.





### 3.5 A nova dinâmica dos postais

#### 3.5.1 Considerações iniciais

A dinâmica dos postais era o cerne do meu projeto e, no primeiro momento, ela se deu através da realização de três métodos distintos de distribuição. O meu objetivo era continuar essa distribuição, com uma nova estratégia, considerando os feedback das pessoas que participaram da primeira rodada.

Além disso, eu queria dar um retorno às pessoas que participaram mais ativamente da dinâmica do método 1, e aumentar sua participação. A ideia era tornar a dinâmica mais envolvente, divertida e livre.

#### 3.5.2 Distribuição

Eu já havia definido que os agentes de distribuição seriam participantes da dinâmica do método 1, mas ainda assim era necessário pensar em como a dinâmica ocorreria e em como as respostas seriam enviadas. Partindo da ideia de espalhar os postais pela cidade – tentando fugir de uma nova ação panfletária – pensei em criar uma dinâmica mais lúdica, como um jogo onde eu daria para as pessoas pequenas missões para que elas distribuíssem os postais pela cidade.

Para participar dessa nova dinâmica, escolhi 12 pessoas e defini que cada uma receberia 4 postais para distribuir. Para cada pessoa, haveria estímulos ou missões diferentes, num total de 48. Dessa vez, a pessoa não seria responsável por retornar os postais. A ideia era espalhá-los pela cidade para que alguém os encontrasse. E, ao invés de dar um postal para a própria pessoa responder, seria sugerido que ela fizesse

um registro de alguma manifestação que encontrasse, desse a opinião e enviasse para o endereço de uma caixa postal, criada para receber todos os postais das novas dinâmicas que viriam.

#### 3.5.3 Conteúdo textual: instruções e missões

Com a criação da caixa postal, o processo de retorno ficou muito mais simples, assim como as próprias instruções. Abaixo, os textos finais das instruções e da série de 48 estímulos/missões diferentes, já divididos em grupos de 4.

##### Instruções

“Você acaba de encontrar um postal com uma mensagem das ruas da sua cidade e é convidado a participar de um grande diálogo aberto. Basta escrever ao lado a sua opinião sobre a mensagem contida na frente deste postal e enviá-lo para o endereço abaixo.

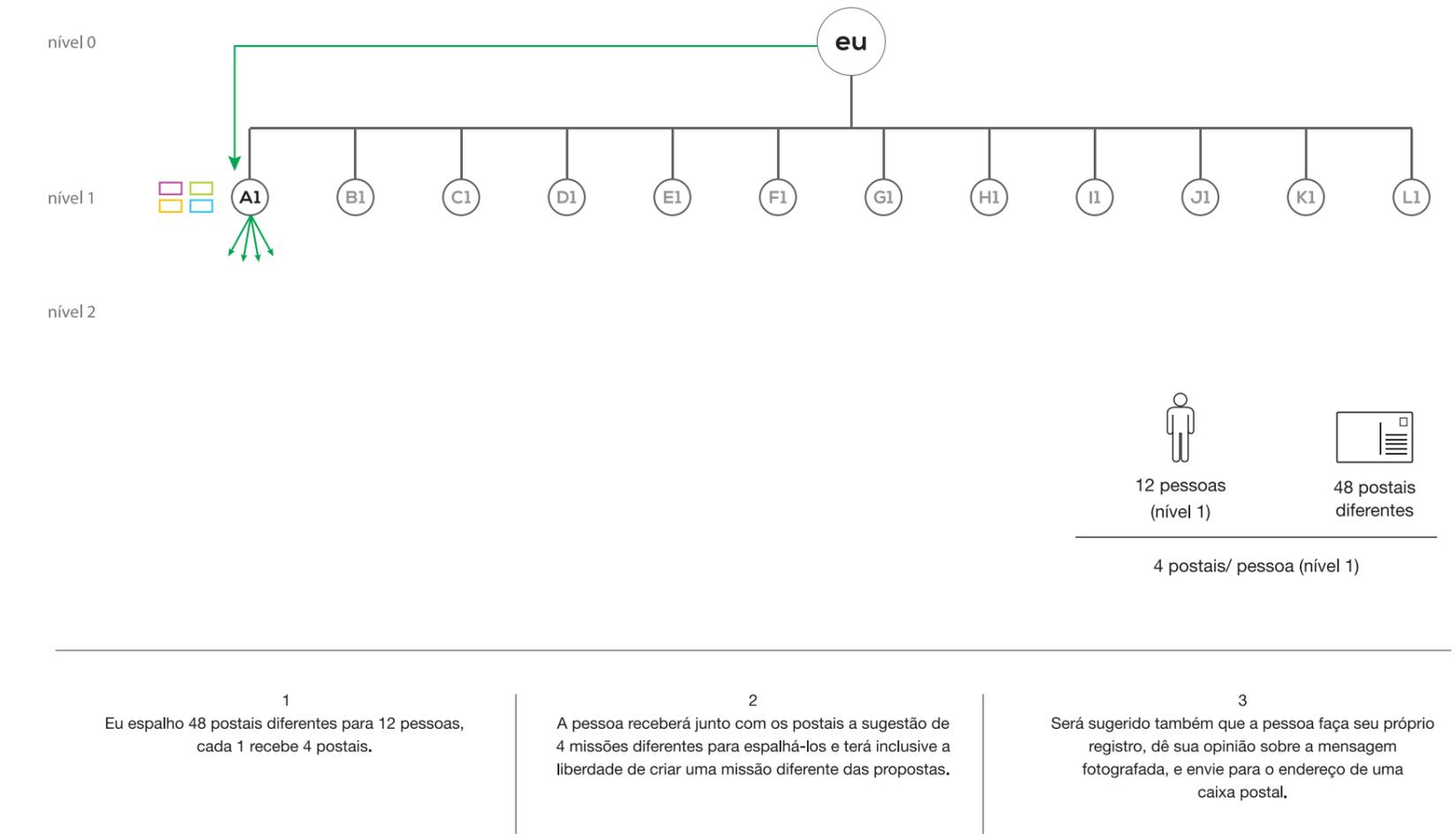
Caixa postal: 31915  
Rio de Janeiro – RJ  
CEP: 20775–972”

##### Missões

Deixe um postal preso na janela de um ônibus.  
Pegue seu postal favorito e dê para um amigo.  
Deixe um dos postais num banco de uma praça.  
Deixe um dos postais no seu local de trabalho.

Coloque um dos postais na caixa de correios de um desconhecido.  
Dê um dos postais para um estranho na rua.  
Perca um postal - de propósito - num bar/restaurante da cidade.  
Desapegue-se: escolha um postal e deixe numa prateleira de mercado.

### NOVA DINÂMICA: DISTRIBUIÇÃO



Escolha um postal para colocar dentro de um livro a sua escolha numa livraria.  
Dê um dos postais para a segunda pessoa que você encontrar no dia de amanhã.  
Deixe um postal no próximo táxi que você pegar.  
Seja rápido: esconda um dos postais nas coisas de um amigo.

Deixe um postal numa loja à sua escolha.  
Coloque um dos postais no porta guardanapo de um restaurante.  
Busque, você mesmo, uma resposta para esse postal, e envie para o endereço abaixo.  
Deixe um dos postais dentro de um elevador.

Esqueça um postal em um orelhão.  
Vá até um jornaleiro, abra uma revista a sua escolha e coloque o postal dentro.  
Escolha um dos postais e dê para seu irmão/irmã responder.  
Seja criativo: escolha um lugar qualquer no qual o postal possa ser encontrado por outra pessoa.

Deixe um dos postais com o porteiro do seu prédio.  
Um dos postais pertence a uma pessoa chamada Carolina. Encontre-a e entregue o postal.  
Dê um dos postais para a pessoa mais comunicativa que você conhece.  
Deixe um dos postais em um banco do metrô.

Prenda um dos postais em um quadro de avisos.  
Dê um dos postais para uma criança responder.  
Esqueça um dos postais num quarto de hotel: deixe junto com um recado seu.  
Vá até uma loja de eletrodomésticos e coloque um dos postais dentro de um liquidificador.

Esqueça um dos postais no meio de transporte que você mais usa.  
Procure uma pessoa chamada Pedro, e dê um dos postais para ele.

Escolha um postal e passe por debaixo da porta do seu vizinho.  
Escolha um endereço qualquer, e envie um dos postais pelo correio.

Coloque um dos postais no porta-retrato de uma pessoa que você conhece.  
Entregue um dos postais para uma pessoa de camisa roxa.  
Coloque um dos postais preso ao espelho de um banheiro público.  
Prenda um postal no vidro de um carro.

Encontre um Gabriel. Um dos postais é dele.  
Entregue um dos postais a um garçom gente boa.  
Amarre um dos postais a uma árvore.  
Coloque um dos postais entre as cordas de um violão de um conhecido.

Coloque um dos postais dentro do notebook de alguém que você conheça.  
Esqueça um dos postais na casa de um amigo.  
Deixe um dos postais num caixa eletrônico.  
Vá até um supermercado, e coloque um dos postais dentro do encarte.

Troque um marcador de livro de alguém que você conheça por um dos postais.  
Coloque um dos postais dentro de uma geladeira de supermercado.  
Entregue um dos postais à primeira pessoa que te fizer um elogio nos próximos dias.  
Um dos postais deverá ser entregue a uma pessoa com mais de 60 anos de idade.

Para esse novo postal, defini que daria mais destaque para a página criada no facebook. Apesar de não ser o foco do projeto, apenas um suporte, e de ter um caráter muito mais expositivo, a página não deixa de ser um meio de espalhar a ideia do projeto, além de ser também uma maneira das pessoas visualizarem os postais respondidos.

### 3.5.4 Layout

Os postais da nova dinâmicas era basicamente iguais aos primeiros, a mudança mais importante foi a retirada do selo e do carimbo, pois como eles seriam enviados pelos Correios, aquele espaço deveria estar ficar vazio. Por essa razão, e para evitar confusões, decidi utilizar a outra versão do logotipo – aquela sem a borda do selo – como uma assinatura na parte inferior.

Na parte da frente, a única mudança que ocorreu foi a retirada do texto com os códigos dos postais, não mais necessário. Para essa dinâmica,



aspasurbanas@gmail.com

Você acaba de encontrar um postal com uma mensagem das ruas da sua cidade e é convidado a participar de um grande diálogo aberto. Basta escrever ao lado a sua opinião sobre a mensagem contida na frente deste postal e enviá-lo para o endereço abaixo.

Caixa postal: 31915  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 20775-972

**aspas urbanas**

Acompanhe os diálogos:  
[facebook/aspasurbanas](https://www.facebook.com/aspasurbanas)

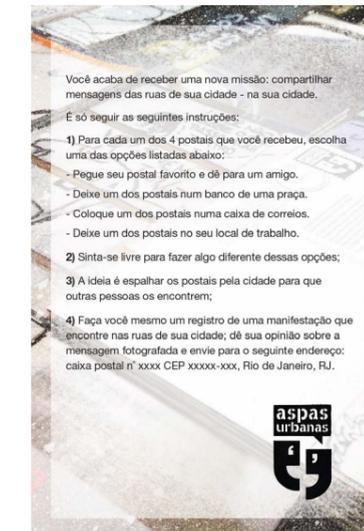
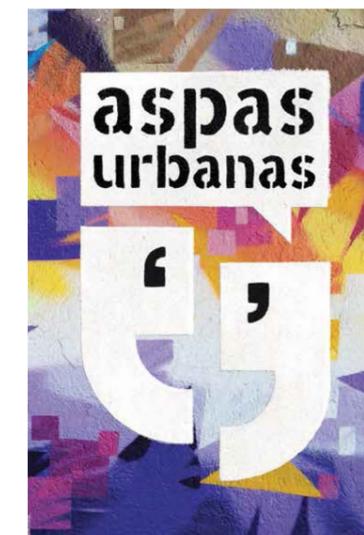
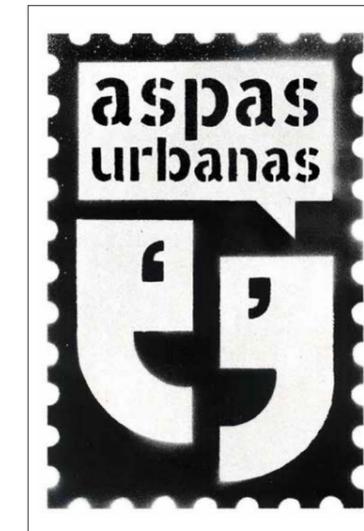
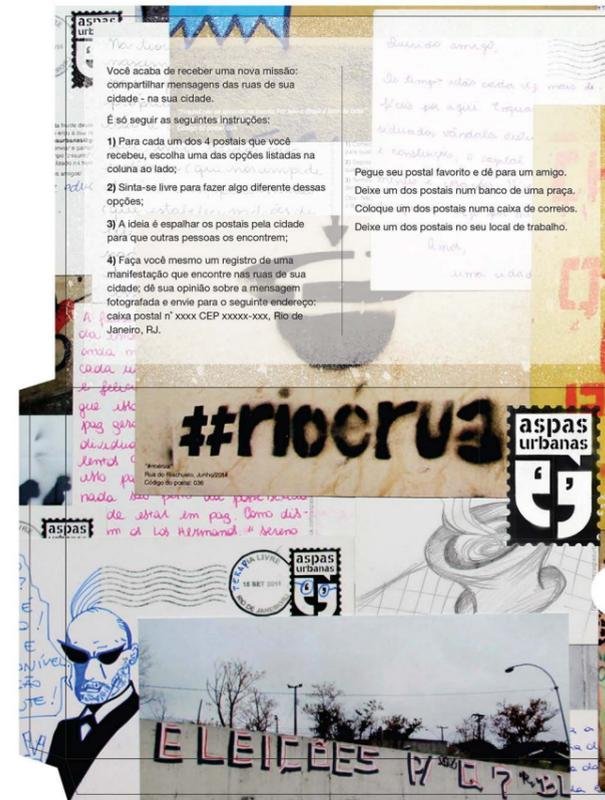
além dos postais em si, resolvi fazer um pequeno invólucro para guardar os postais e dar para as pessoas. A ideia era diferenciar essa dinâmica da anterior, destacando esses novos postais como parte de algo novo e criar algo que pudesse ficar com a pessoa. Defini então que haveria três partes: o invólucro, os postais a serem distribuídos e um postal com as instruções. No desenvolvimento do projeto, acabei deixando as instruções no próprio invólucro e usei esse postal extra para falar um

pouco sobre o projeto, usando os textos da publicação. Cabe lembrar que apesar da pessoa receber tanto a publicação quanto esse invólucro com os postais, a ideia era que ela passasse a publicação adiante, não ficando, portanto, com as informações. Por essa razão, faria sentido repetir esse conteúdo.

Abaixo, um pouco do desenvolvimento da criação desse invólucro.



Layouts para o invólucro e para o cartão de instruções





### sobre o projeto

Aspas Urbanas é um projeto colaborativo que busca estimular o diálogo entre as pessoas e a cidade. Através do registro e divulgação de imagens de manifestações predominantemente textuais presentes no espaço público urbano, o projeto convida as pessoas a pensar, discutir e dar opiniões sobre as histórias e pontos de vista expressos nesses espaços. O projeto está em sua primeira edição, que acontece na cidade do Rio de Janeiro.

### e por que dialogar com a cidade?

Acreditamos que, num mundo onde a informação é tão massificada, é importante expor pontos de vista e opiniões diferenciados expressos através dessas manifestações que são, na verdade, uma resposta às experiências vividas dentro da própria cidade. É necessário provocar o diálogo, a reflexão e o fazer pensar. Ouvir mais o que a cidade tem a dizer para então entendê-la melhor e conseguir humanizá-la.

### a dinâmica dos postais

O projeto se dá através da distribuição de uma série de cartões postais, cada um com um registro de uma manifestação não autorizada inserida no espaço público urbano. Cada pessoa que recebe o postal é convidada a dar a sua opinião sobre a mensagem contida na imagem.

### 3.5.5 Impressão

A impressão dos postais – incluindo o postal com as informações sobre o projeto – seguiriam as mesmas especificações anteriores – papel couché 300g/m<sup>2</sup>. Já para o invólucro, teste alguns papéis diferentes e gramaturas. Como ele possui um corte especial, acabei escolhendo um



papel mais rígido, e, para diferenciá-lo dos outros materiais, optei por um papel diferente – o Alta Alvura. Realizei alguns testes de impressão para definir o tamanho do invólucro e conferir o encaixe dos postais com a janela. Após os testes, fechei os arquivos finais e imprimi.



## 4. resultados e conclusão

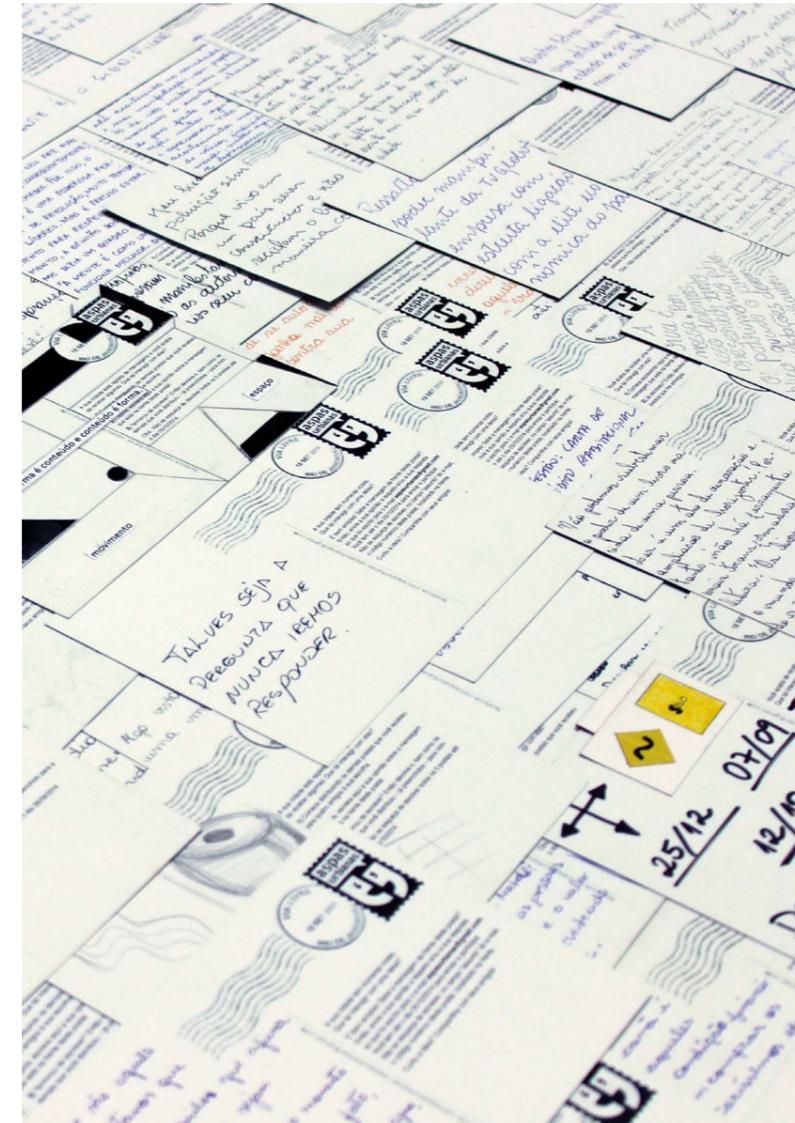
Essa parte do relatório expõe os resultados finais do projeto, suas conclusões e indica também possibilidades futuras e oportunidades de continuidade do projeto.

### 4.1 Registro dos materiais

Abaixo, registros fotográficos dos materiais criados para o projeto.







#### 4.2 Os próximos passos

Desde o momento em que desenvolvi a primeira dinâmica dos postais, eu já tinha a intenção de que o projeto pudesse assumir maiores proporções e, na época, imprimir um grande número de postais (dentro dos meus limites de orçamento) para poder vê-lo acontecer. O desenrolar do projeto e as respostas obtidas nessa primeira etapa de distribuição só fizeram aumentar essa vontade e me animar com as possibilidades futuras. Como mencionado anteriormente, uma das diretrizes que me guiou durante esse ano foi sempre a possibilidade de tornar o projeto real, ou seja, eu não queria criar algo que ficasse no plano das ideias, que se iniciasse e morresse dentro dos muros da universidade. Quando elaborei a segunda dinâmica dos postais e criei a publicação, a ideia era a mesma: criar meios de pulverização do projeto pela cidade. E essa é a minha intenção para o futuro: fazer novos registros, novos postais, e espalhá-los pela cidade. Quero aumentar a escala, ramificar o projeto pela cidade e receber centenas de postais. E quero também fazer outras edições, em outras cidades. Porém, é necessário ser realista e entender que não é só de vontades que se move o projeto, mas também de recursos. Por essa razão, acredito que esse processo será gradual e talvez até lento, com a impressão de postais aqui e acolá. Nesse cenário, é preciso pensar também em novas possibilidades para os meios digitais, e em como eles podem me ajudar a espalhar a ideia do projeto e reforçar o que está sendo feito nas ruas. O importante é que o projeto não pare.



### 4.3 Conclusões

“Aspas Urbanas” é um projeto que foi me surpreendendo aos poucos, me instigando e me envolvendo. Foi diferente de tudo o que eu imaginei que meu projeto de conclusão de curso pudesse se tornar e com certeza foi um divisor de águas na minha profissão, pois me fez enxergar, juntos com outros projetos realizados por colegas de turma, novas possibilidades de atuação para meu futuro como designer. Posso agir para promover ideias-projeto; posso criar meios, estratégias e pensar e propor novas formas de percepção. E, acima de tudo, posso utilizar o meu trabalho para construir algo relevante para a sociedade, algo além. O projeto também me fez pensar em como, muitas vezes, são essas pequenas ações – que agem a nível mais pessoal - que mais se aproximam das pessoas e que podem promover mudanças de mentalidade. Faz-se necessário pensar em essências, como disse o orientador.

Em relação aos resultados, o que posso dizer é que estou extremamente feliz e acredito ter realizado algo diferente, nunca feito antes. Partindo da ideia do registro, pude pensar nessas manifestações de outro modo, e propor uma nova percepção em relação a elas. Alcancei os meus objetivos e só espero poder crescer o raio de atuação do projeto e plantar a semente em cada vez mais pessoas.

## 5. notas

### **Página 13:**

1 O texto-proposta pode ser encontrado no anexo A deste relatório.

2 SOUZA, Pedro Luis P. **Design do silêncio ou a ausência da forma. O invisível: uma política da ausência.** O texto na íntegra pode ser encontrado no anexo A deste relatório.

3 Trecho do anexo enviado por email a mim pelo orientador no dia 22/03/2014.

### **Página 14:**

4 Trecho do texto em anexo no email enviado pelo orientador a mim no dia 22/03/2014.

### **Página 15:**

5 Texto do email enviado pelo orientador a mim no dia 22/03/2014.

### **Página 16:**

6 “linguagem.”. Dicionário Michaelis. (2009.) Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=linguagem>. Acesso em: 23/04/2014.

### **Página 23:**

7 Entrevista completa disponível em: [http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16\\_art\\_entrevista.htm](http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16_art_entrevista.htm)

### **Página 25:**

8 Trecho de entrevista disponível em: <http://www.soma.am/noticia/entrevista-guga-ferraz>.

### **Página 26:**

9 Trecho de entrevista disponível em: [http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16\\_art\\_entrevista.htm](http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16_art_entrevista.htm)

10 Site do artista: <http://www.eduardosrur.com.br/>

### **Página 27:**

11 Disponível em: <https://www.facebook.com/curativosurbanos/info>

12 Disponível em: <https://www.facebook.com/curativosurbanos/info>

13 Trecho contido na série “interações urbanas” do Canal Futura, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=EHPB1G4\\_jQg](https://www.youtube.com/watch?v=EHPB1G4_jQg)

### **Página 29:**

14 Disponível em <https://www.facebook.com/coletivotransverso/info>

### **Página 52:**

15 Disponível em: <http://candychang.com/i-wish-this-was/>

### **Página 76:**

16 Classificação de acordo com o Correios, disponível em: <http://blog.correios.com.br/filateria/filateria/selos-principais-conceitos/>

17 Classificação de acordo com o Correios, disponível em: <http://blog.correios.com.br/filateria/produtos-filatelicos/carimbos/>

## 6. anexos

### Anexo A - Texto/proposta do projeto de graduação

Proposta para projeto de graduação de 2014.

Design do silêncio ou a ausência da forma. O invisível: uma política da ausência.

*Rester calme. Tranquille. Gagner moins, dépenser moins, manger moins, remuer moins, travailler moins. Plus de plaisir à concentrer dans peu de quantité. Charlotte Perriand, 1942.*

Manter-se calmo. Silencioso. Ganhar menos, gastar menos, comer menos, mover-se menos, trabalhar menos. Mais prazer concentrado em uma pequena quantidade.

Acostumamo-nos a alguns lugares comuns na história do design, uma história curiosamente escrita em tempo real, ou seja, os fatos eram de imediato, transpostos para lendas e fantasias, e que, por essa razão, incorporou muitos slogans e também um número significativo de preconceitos e falsas tradições. Octavio Paz em um breve e belo ensaio (Ver e usar: arte e artesanato, in *Convergências*, Rocco, 1991), disse: “O desenho industrial contemporâneo tentou encontrar por outros caminhos –os seus próprios –um compromisso entre a utilidade e a estética. Às vezes o conseguiu, mas o resultado foi paradoxal. O ideal estético da arte funcional consiste em aumentar a utilidade do objeto em proporção direta à diminuição de sua materialidade. A simplificação das formas se traduz nesta fórmula: ao máximo de rendimento corresponde o mínimo de presença. Estética, sobretudo de ordem matemática: a elegância de uma equação consiste na simplicidade e na necessidade de sua solução. O ideal do desenho industrial é a invisibilidade: os objetos funcionais são tanto mais bonitos quanto menos visíveis. Curiosa transposição dos

contos de fadas e das lendas árabes para um mundo governado pela ciência e pelas noções de utilidade e rendimento máximo: o designer sonha com objetos que, como os gênios, sejam servidores intangíveis”.

No entanto, essa história do design, que foi exclusivista como tudo o que foi criado no moderno, pautou a maior parte do século XX, impondo alguns conceitos que, coincidindo historicamente com a chamada Guerra Fria, caracterizaram-se quase como gritos de guerra, apelos ao combate, lutas sem fim, a ponto de, já nas duas décadas finais desse século, diante dos fracassos tanto comunistas como neoliberais, poucos imaginarem porque ainda estariam lutando. A reação a essa situação é conhecida: na medida em que se criticaram, muitas vezes adequadamente, algumas restrições razoáveis e um sem número de falsas restrições estabelecido pelos seguidores dos patriarcas do moderno, outro sem número de imagens e produtos, ideias, conceitos e outros preconceitos, criados à margem de qualquer crivo crítico, surgiu como uma enxurrada chinesa, talvez o equivalente a uma onda humana, tática já usada militarmente pelo país na Guerra da Coreia, povoando a vida com todo tipo de produto imaginável, irresistível e invencível tsunami destruidor dos princípios tão bem construído se tão caros aos designers modernos mais ortodoxos através das éticas luteranas e calvinistas que geraram os belos e admiráveis fenômenos dos protótipos nascidos em corporações de ensino e de ofícios, em autênticos laboratórios/mosteiros éticos e morais, posteriormente até reinterpretados e elevados a cultos de consumo, seu justo lugar afinal, como os produtos da Apple, acessíveis ao gosto a ao bolso dos alunos burgueses das escolas burguesas de design, bem como os belíssimos móveis de escritório projetados para a Vitra por Jasper Morrison para igualmente jovens executivos não menos burgueses que pouco precisam trabalhar. Nessa lógica, um lugar ao sol para um jovem designer passou a ser uma premiação num IF Design da vida, uma

menção numa revista de divulgação de segunda ou terceira classe ou num suplemento dominical de um jornal diário, uma premiação qualquer, tão obscura quanto frequente, um artigo publicado numa das centenas de revistas acadêmicas que se multiplicaram exponencialmente como coelhos, um livro prematuro sobre sua própria obra incipiente, um anseio pela glória e pela evidencia que beira também um estranho anseio pela morte, isso quando ele, ao menos, insiste em fazer design. Até porque, uma grande parte desses jovens designers parece estar mais interessada em se preparar para um concurso público que pode capacitá-lo tanto a ser um professor de projeto de design, sem nunca ter feito um projeto, como ser, talvez mais lucrativo, auditor da Receita Federal. Ou seja, a perda de sentido crítico não se limitou mais aos objetos ou ao excesso absurdo de imagens, mas invadiu as mentes voltadas sempre para as possibilidades, compreensíveis talvez, de uma vida burguesa tranquila, insípida e monótona, preferencialmente sem os percalços promovidos por vândalos anarquistas e Black-blocs incômodos.

Mas, esse excesso de produtos, essa visualidade exacerbada e sem fim, parece ser um fenômeno paralelo aos excessos de ruído e de palavras que proliferam mundo afora. Não é um privilégio do design. Pode-se imaginar uma forma de raciocinar sobre isso? Pode-se pensar na hipótese de uma política do silêncio ou uma política da ausência? Alguns conceitos formulados pelo pensamento moderno, em arquitetura e design, foram classificados por essa história supracitada através de adjetivos como minimalismo, laconismo, reticências, sobriedade e outros assemelhados. Incluíam-se aí, como seus portadores, personalidades como Mies van der Rohe, Ludwig Hilberseimer, entre os bauhausianos ilustres, além de outros, práticos, esquerdistas, entre eles Martin Wagner e Ernst May mais Fred Forbat, Karl Schneider, Mart Stam, o pensamento anárquico de Bruno Taut e, com sua criação conceitual extraordinária,

a “forma vazia”, Otto Haesler. Diz a mesma história que Peter Behrens, consagrado como o primeiro designer moderno, fundamentou toda a sua doutrina, também caracterizada por extrema concisão, nos conceitos do neoclássico alemão, particularmente nas ideias de Konrad Fiedler, Hans von Marées e Adolf Hildebrand. Interessa aqui, em particular o primeiro, talvez o mais direto formulador de uma doutrina de contenção e racionalidade, aplicada mais a uma teoria da arte do que a práticas como a arquitetura e o design, mas que, de todo modo, não apenas influenciou nas ideias de Behrens, como também se fundamentou nos trabalhos de arquitetos urbanos alemães do século XIX como Friedrich Schinkel e Friedrich Weinbrenner, seus antecessores. Fiedler, certamente, de toda a linhagem que se possa traçar desde o pensamento neoclássico até o moderno, foi um dos mais prolíficos críticos e teóricos da arte, mas, longe do mundanismo superficial de Adolf Loos, não recebeu da dita história oficial do design uma consideração que não fosse além da citada influência no ensaio *Forma e técnica*, escrito por Behrens em 1910, no qual ele identificava o caminho da nova proposta longe do Arts Crafts inglês ou do romantismo alemão.

A referência para essa proposta estava na arte clássica, especialmente nesse neoclassicismo alemão oitocentista. De todos os até aqui citados, apenas Loos poderia ser visto como dono de uma loquacidade tal que o conduziu sempre a um grau de imprecisão preocupante em suas formulações. Coerentemente com a necessidade de afirmações políticas características de um moderno socializante e autoritário, suas maldições contra o adorno e o ornamento, acabaram sendo consideradas mais importantes de ser repassadas a alunos do que a leitura dos neoclássicos, complexa, que dificilmente poderia ser reduzida a slogans ou palavras de ordem e, mais complicado ainda, obrigaria alguns professores a lerem algo um tanto fora dos padrões sagrados

da soi-disant academia. Dentro da conceituação do moderno talvez a preferência pelas declamações de Loos já trouxesse em si o germe do excesso de palavras aliado à sua suposta síntese através de slogans, o vício do discurso abusivo e autoritário que contaminou durante as décadas seguintes o pensamento do design moderno e de grande parte da arquitetura moderna.

Mas, essa valorização não significa que não se tenha pensado e agido de forma diferente. Deve-se considerar que toda essa história se fez em tempos de guerra e escolhas nessas circunstâncias são sempre assim: radicais nas aparências visando o dia de hoje e ambíguas e equivocadas nas realidades do amanhã. Ao se fazer uma opção pelos discursos e textos de Loos, preferiu-se valorizar o excesso por um lado e a imprecisão por outro. Talvez aise descubra o embrião da crença dos designers em outro slogan, além daquele atribuído a Loos, de que a forma segue a função: aquele que garantia que a quantidade possa se tornar, por si só, qualidade. Tudo pode ser mais bem entendido ao se abrir mão de uma ideia ingênua, de que o design seria uma atividade tão autônoma que prescindiria até mesmo de um sentido político. Portanto faz-se outra vez a pergunta: pode haver uma política do silêncio? No território da política sempre foi necessário apresentar-se através desses meios: palavras de ordem, declarações, manifestações, slogans, gritos de adesão, saudações, hinos e cantos. Sempre se imaginou que, através desses meios seria viável tornar audível sua voz, não ser reduzido ao silêncio. Acusava-se o outro, o adversário ou inimigo, quase sempre no poder, de surdez ao clamor do povo, à vontade da maioria. Como poucos, o Príncipe de Metternich anteviu o que iria ocorrer numa carta ao Czar da Rússia, por volta de 1850, comentando o surgimento e a estabilização da burguesia como classe dominante: “Os governos, tendo perdido o seu equilíbrio, acham-se assustados, intimidados e confusos

com os gritos da classe intermediária da sociedade que, colocada entre os reis e seus súditos, quebra o cetro das monarquias e usurpa o grito do povo” (Memoirs of Prince Metternich, III, pg.468). A burguesia não apenas compreendeu o valor dos gritos; ela conseguiu gritar mais alto que todos. Em resumo, dentro da lógica de Metternich, o ruído e o barulho pareciam pertencer, de direito, àqueles que nada tinham e de tudo precisavam, enquanto a prerrogativa, ou a estratégia, do silêncio deveria pertencer aos que de nada precisavam, salvo do silêncio daqueles que protestavam. Mas, a tática da usurpação da voz popular, demonstrava que essa “classe intermediária” viera para gritar mais do que as outras. Talvez o que se observe hoje, quando as intituladas maltas vândalas pela Rede Globo a impedem de ir às ruas e invadem também os shoppings burgueses, represente apenas e tão somente a vontade de setores excluídos, a quem foi tomada a voz faz tanto tempo, de se fazer ouvir novamente, obrigando, como ocorreu recentemente, a burguesia de Higienópolis em São Paulo, a convocar protestos, contra “o que está aí”, a serem feitos das janelas (“Vem pra janela”) de seus luxuosos apartamentos, “sem os riscos das ruas”. Mais do que a voz, parece mesmo até que algo mais está sendo tomado desses grupos sociais que protestam nas ruas. O Rio de Janeiro é um local onde isto está acontecendo com muita intensidade, mas a especulação privada apoiada pelo Estado e outros fenômenos da ganância também afetam outras cidades. O efeito é a expulsão dos setores de menor renda das áreas mais urbanizadas, com acesso a serviços, oportunidades etc. Há um descolamento em direção a periferias desqualificadas, sem urbanidade, com impactos enormes sobre a mobilidade e as condições de vida da população. Além de gerar, e isso já está claro em São Paulo e no Rio, um aumento na quantidade de pessoas morando na rua e sem teto. Não há um dado estatístico confiável sobre isso, até porque ele não interessa a ninguém, nem mesmo aos setores

autocomplacentes da esquerda oficial, mas já se observa que há um número cada vez maior de pessoas que não tem condições de morar em local algum. É a população que hoje está vivendo nas ruas, portanto tomando esse espaço urbano e sitiando Higienópolis e, nessas mesmas ruas, está promovendo ocupações e protestos.

Mas, na entronização do moderno, a questão ficava resumida a isso: falas e gritos de um lado, silêncios dos surdos de outro e mais um silêncio forçado de forma autoritária de outro. Foi uma ótima ocasião, perdida, para se perceber que nada tinha apenas dois lados. Mas a burguesia soube também herdar a polícia e as formas repressivas do pensamento livre usadas pelas antigas classes dominantes, aperfeiçoando-as até mesmo através de mecanismos democráticos e mais slogans e gritos sobre eleições diretas, liberdades de expressão, imprensa livre, direitos humanos, etc. Aperfeiçoou mais ainda suas crenças ao criar as formas básicas da comunicação e do convencimento em massa. Conseguiu até mesmo convencer seu próprio público interno de que a democracia moderna seria adequada a se tornar um regime universal, mesmo numa sociedade islâmica ou taoísta, não importa. Conseguiu criar a ideia de que os direitos humanos seriam valores essenciais para o julgamento de sociedades, mesmo daquelas que acreditassem que o estágio humano seria apenas um momento em que uma forma de energia estaria viva sobre a Terra, ainda que tais sociedades incorporassem a ideia de que, em outra existência, um ser humano pudesse ter sido um cão, uma serpente, uma pedra, outra forma de energia enfim.

Já em estágios mais avançados de desenvolvimento, as sociedades burguesas, de esquerda ou de direita, apresentaram sua principal arma

comum para prevalecer: uma doutrina que se convencionou chamar de industrialismo. Mas, esse industrialismo não deve ser visto apenas como uma imposição autoritária das classes dirigentes formadas por essas burguesias revolucionária se terroristas. Pense-se bem sobre isso: revoluções e terror são fenômenos políticos criados e tipificados pelas diversas burguesias pelo mundo afora. Não são invenções islâmicas como quer fazer crer a livre imprensa ocidental. O industrialismo é fenômeno complexo, pois tem a cumplicidade, muitas vezes explícita, daqueles a quem, supostamente, é imposto. Operários e sindicatos são, aparentemente, parte de uma classe oposta ao capitalismo. Mas, além de não existirem sem ele, em sua essência lutaram, historicamente, por melhores salários, melhores condições de vida e trabalho, por um Estado mais democrático que lhes permitisse um grau satisfatório de liberdade e outras tantas demandas, muitas delas sem portar mais o seu sentido original na atualidade. Porém, é importante ressaltar que, a exemplo do conceito de propriedade, as forças em questão, capitalistas e trabalhadores, nunca discordaram quanto à necessidade de um Estado. Da mesma forma que se discutiu a possibilidade de uma propriedade coletiva ou a ideia de propriedade privada e aceitou se sua necessária existência, discutiu-se também a natureza de um Estado mais impositivo, mais regulador ou liberal, porém nunca se questionou a sua necessidade. Na verdade, Estado e propriedade são irmãos gêmeos de um difícil parto burguês, que para se estabelecerem, necessitaram de um terceiro irmão chamado trabalho. Esse compromisso para o estabelecimento de uma boa sociedade burguesa envolve uma infinidade de outros conceitos que convivem ora em conflitos, ora em consensos, como liberdade, igualdade e fraternidade, a trilogia de Revolução Francesa que, afinal, pode se perguntar se em algum lugar do mundo chegou a se concretizar, excetuando-se os filmes de Krzysztof Kieslovski.

Outro dado indicativo da concordância entre os regimes políticos que se enfrentaram durante a Guerra Fria em relação ao conceito de Estado, é que ambos, em suas construções históricas, chamaram de primitivas as sociedades que prescindiram da presença de um Estado. Essas sociedades sempre foram tratadas como se, mesmo em seu próprio tempo, estivessem carentes de alguma coisa que lhe seria obrigatoriamente necessária. As civilizações indígenas da América do Norte sempre foram mais valorizadas em relação às suas congêneres do sul, muito menos materializadas e sem nenhuma preocupação com a construção de monumentos, templos ou palácios, com a acumulação de tesouros ou mesmo com ideias muito precisas de propriedades e delimitações de terras. Segundo tais interpretações se poderia concluir que a quantidade de objetos e de artefatos, de técnicas exercidas e outros artifícios materiais, deveriam servir de critério para definir alguma superioridade de uma civilização sobre outra.

São critérios que podem ser interpretados, no mínimo, como tendenciosos. Definem, preliminarmente, as culturas menos materializadas como inferiores e favorecem uma concentração de estudos e pesquisas naquilo que a burguesia qualificou como inevitável, como destino da espécie humana, o caminho do trabalho e do progresso que nunca pode prescindir das noções de Estado e propriedade. É assim que se constroem histórias, princípios, credices, que objetivam marginalizar quaisquer alternativas que não se enquadrem em sua ordem. Segundo essas construções não se deveria chamar propriamente de sociedade um tipo de ordem social que prescinda do Estado. Portanto, o destino de toda sociedade seria necessariamente a constituição de um Estado. E aí se fundamente então o definitivo tripé das sociedades burguesas: Estado, propriedade e trabalho. A precária e ainda incipiente história do design, foi construída de forma a obedecer tal estruturação.

Sempre se valorizou a entrada de países ou de ideias nesse território restrito, quando ela foi feita pela porta da frente, ou seja, através da adoção, quase irrestrita, das teses industrialistas, ainda que com nuances e facetas diferentes.

Porém, o moderno não aconteceu como esperado. É sempre uma boa pergunta: alguma ideia algum dia aconteceu de tal forma? Mas, o moderno foi um período bastante incômodo para o silêncio dos surdo se talvez, por isso seja tão criticado por supostos pecados que não são suas prerrogativas. Examinando ainda outras ideias que não tenham também acontecido como esperado, há algo a seu favor. Não é um conceito como liberdade, por exemplo, e talvez também não seja mais que uma palavra ou quase um slogan, como democracia. Mas, em seu nome foram desenvolvidas tantas manobras e revoluções, tantos intentos políticos e econômicos que aconteceu alguma coisa de interessante em sua consequência: amplificou-se notavelmente a possibilidade de gritar, de produzir ruídos. Esse fenômeno desenvolveu-se coerentemente com as técnicas de comunicação, elementos tidos como indispensáveis ao estabelecimento da democracia. No quadro contemporâneo, em que as vezes se multiplicam cada vez mais, quando as reivindicações surgem livremente e sem censuras ou limites, quando apelos e petições se juntam num fluxo ininterrupto numa frenética mistura de informações, de imagens e de comentários, pode-se ainda ouvir alguma voz? A situação parece ser agora o contrário do que era no início e na metade do século XX. Para se fazer ouvir hoje é provável que se tenha que lutar contra o fluxo de ruídos que torna inaudível qualquer voz, assim como para se perceber alguma qualidade em algum serviço ou produto, talvez seja necessário diminuir a quantidade daquilo que ocupa abusivamente a paisagem urbana, que invade indecorosamente o que ainda não urbanizou, que submete tudo a seus anseios e que já não tem mais nada

de seu sentido e de sua objetividade originais: o próprio capitalismo que, despido de sua ética e de seu espírito inicial, transformou-se apenas num gerador inesgotável de lixo e de tradições, despejadas todos os dias em aterros sanitários, museus e centros culturais burgueses. O design faz parte disso. Quanto maior o fluxo de informações, mais todos se tornam surdos a qualquer voz, até à própria, e se habitua a viver num estado de permanente saturação, de tal forma que se poderia afirmar que é impossível hoje, pensar em informação sem que ela seja autoritariamente imposta a todos através de seu excesso.

Até poucos anos atrás, outros slogans diziam que a informação seria tudo e quem a detivesse teria o poder. Na verdade percebe-se hoje que o verdadeiro valor desse tipo de informação, que supostamente tudo abrange, reside exatamente em nada informar, no fato dela ser ineficaz, de nada dizer, de tornar tudo inaudível de, através da saturação de todos os ambientes materiais e não materiais, tornar até mesmo impossível a percepção das diferenças, logo, do estabelecimento de juízos distintos, o que, pelo menos em tese, contraria fundamentalmente qualquer ideia de democracia. Um dia imaginou-se que o controle da informação seria o fundamento até mesmo do autoritarismo global. George Orwell escreveu então seu 1984. O Big Brother, pastiche global derivado, encontra-se então na caricata imagem de um jornalista que um dia imaginou ter futuro, nas mesmas telas da Rede Globo, a grande inimiga dos vândalos. O que se chama de informação hoje, mais parece o que se chamava de desinformação ou contrainformação nos tempos da Guerra Fria. A maior parte das pessoas parece mesmo padecer de um medo do silêncio e, já antes, padecia de um pânico diante de espaços vazios. Mas, isso não é apenas um problema formal ou comportamental. É um problema geral que a comunicação contemporânea evidencia e ele é, antes de tudo, de natureza política. O medo do silêncio e a angústia da ausência

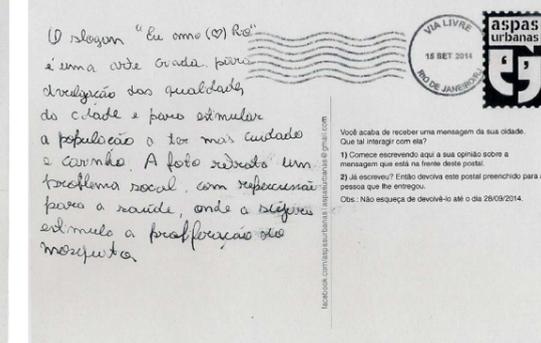
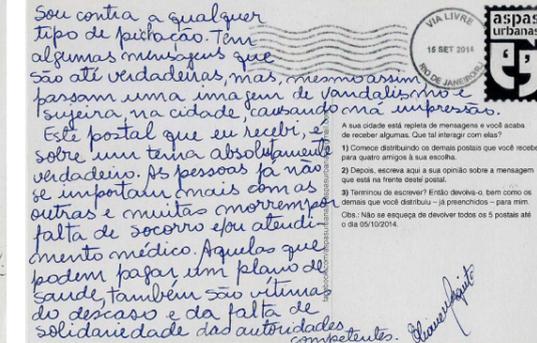
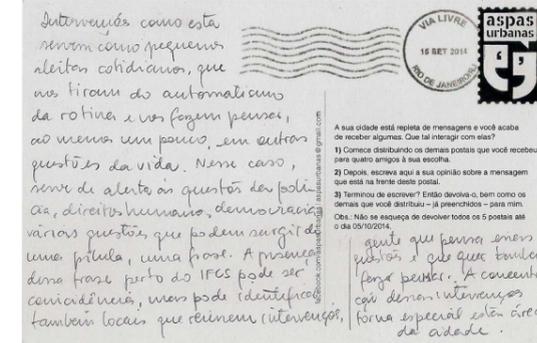
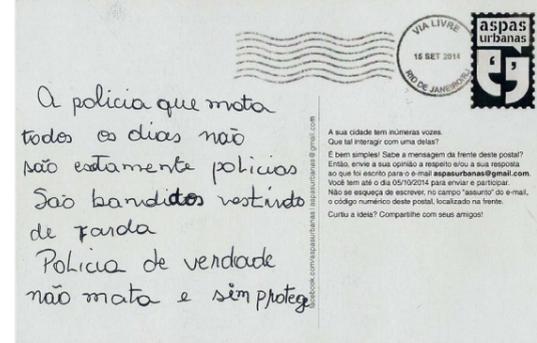
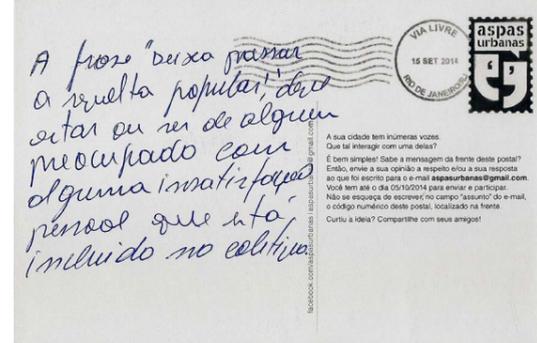
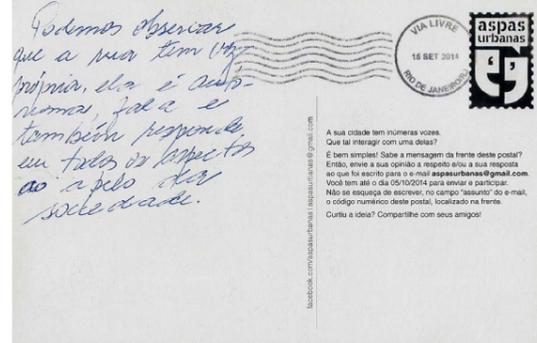
já eram comentados por Merleau-Ponty na década de 1950, mesma época em que Hanna Arendt apontava os sinais de uma verdadeira crise para o gênero humano que, então, anunciava de forma concreta seu desejo e a possibilidade objetiva de sair da Terra. Dizia ele: “Talvez nos encontremos num desses momentos em que a história nos excede. Estamos ensurdecidos pelos acontecimentos e pelos episódios ruidosos da diplomacia. Mas, sob esse tumulto, faz-se um silêncio, uma espera. Porque não será uma esperança?” (Sinais, Minotauro, 1958).

Se o problema é político a questão que resta é saber qual a possibilidade de ser ouvido num mundo saturado de comunicação, qual a linguagem possível de ser utilizada? Deve-se mesmo continuar prisioneiro da ideia de que a função da linguagem é a comunicação, continuar acreditando no enganoso slogan atribuído a Loos de que a forma segue a função, ou deve-se, a exemplo dos postulados de Fiedler relativos à autonomia de linguagem artística em relação à natureza, arrancar a linguagem do fluxo de informações? E o que será uma linguagem que não comunica mais nada, que nada mais tem a comunicar? Parece necessário criar, outra vez, as condições de algum silêncio e deve-se imaginar que tipo de silêncio será esse. Georges Didi-Huberman, historiador, crítico de arte e professor da École de Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris citou uma frase do Diário de Michelet que, em certo sentido indica um caminho para isso: “É preciso ouvir as palavras que nunca foram ditas, que ficaram no fundo dos corações (escavem os vossos, elas estão lá); é preciso fazer falar os silêncios da história, aqueles terríveis momentos de suspensão em que ela nada mais diz e que são justamente seus acentos mais trágicos”. Essa postura pode permitir uma ruptura com os excessos de comunicação que invadiram a Terra, da qual afinal, ao contrário das antevisões de Hanna Arendt, não conseguimos, ou não quisemos sair num sentido prático. Eles invadiram a Terra, nossas mentes

e as mais simples e bem acabadas formas de ordenação de nossas vidas. Talvez seja necessário, contrariando também hábitos e conceitos que se pensavam bem acabados e sólidos, como os movimentos sociais coletivos, opor a individualidade, outra vez, aos comportamentos meramente gregários, buscar um silêncio próprio que se deve conquistar numa solidão povoada, ainda que contrária à enxurrada de ruídos e de produtos que as populações mundiais parecem adorar. A ideia seria propor políticas de silêncio e de ausência, no sentido de não continuar povoando a Terra com o lixo que tanto criticamos quando pertence ao outro e que não vemos ou não ouvimos quando deveríamos considerá-lo nosso. Essa, bem levada a cabo, seria uma tarefa ao mesmo tempo política e poética: fazer ouvir o inaudível e dar visibilidade ao que não é visto. Será também um empenho filosófico, pois pede que se aprenda a ouvir no silêncio “seus acentos mais trágicos” e, ao mesmo tempo, transformá-los “porque não, numa esperança”. É nesse sentido que se pode imaginar uma ruptura com a comunicação, criando os portavozes do inaudível, dando visibilidade ao nunca visto, ouvindo todos os gritos silenciosos que excedem toda a comunicação, vendo todas as imagens que estão nas nossas mentes (perscrutem-nas, elas estão lá), identificando as minorias reduzidas ao silêncio ou a cegueira, cujas vozes e visões são abafadas pelos barulhos sem fim e pela blindagem imagética da linguagem dos grandes comunicadores, do marketing e da propaganda, daquilo que, como se viu nas últimas duas décadas, aproximou-se de tal forma do poder e do Estado que se transformou em sua própria imagem e em seu próprio discurso, seja qual for a nuance ideológica que se lhe aplique como rótulo. David Lapoujade, professor da Sorbonne, diz que Deleuze afirmou em um de seus cursos: “se não ouvirem o grito dos peixes, vocês não sabem o que é a vida.”

## Anexo B - Postais respondidos

### Métodos 1 e 3





As ANIMAS PARA MANUTER  
A ORDEM E O SILÊNCIO DE  
MUITOS, COMO SEMPRE.  
A DESTILADA DO MEIO AMBIENTE  
PARA O ENRIQUECIMENTO DE TODOS  
COMO NUNCA.

VIA LIVRE  
16 SET 2014  
Cidade de Jandira

aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

facebook.com/aspasurbanas | raspasurbanas@gmail.com



Agora visto como  
uma mensagem  
em protesto contra  
o pensamento comum  
relativo a licitação,  
através da própria  
arte.

VIA LIVRE  
16 SET 2014  
Cidade de Jandira

aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

facebook.com/aspasurbanas | raspasurbanas@gmail.com



Este mural passa uma mensagem de  
ironia, pois associa a  
imagem do Cristo crucificado, que pregava  
valores humanos e espirituais,  
com o consumismo material  
da época do Natal, que deveria  
representar o nascimento deste  
mesmo Cristo.  
Detalhe: historicamente, os relatos  
de nascimento de Jesus  
Cristo indicam o período entre  
setembro e outubro, e não em  
data fabricada em dezembro,  
quando os belos dias cheios  
com o 13º salário!  
É um falso realismo dos  
povos como se no Natal fosse  
como comprar.

VIA LIVRE  
16 SET 2014  
Cidade de Jandira

aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

facebook.com/aspasurbanas | raspasurbanas@gmail.com



Bom ideia de repretent os grafis  
da cidade e transformá-  
mos em postais.  
Gostei de você(n) terem colocado o local de  
origem dos desenhos, o que mostra  
que nos geógrafos, pois a  
ideia transmitida pelas imagens  
tem, muitas vezes, relação com  
o espaço onde estão inseridos.  
Ass. Nikolas Zanette  
Prof de geografia  
nikolas@ufrs.br

VIA LIVRE  
16 SET 2014  
Cidade de Jandira

aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

facebook.com/aspasurbanas | raspasurbanas@gmail.com



"Oi gente, curti o postal que "encontrei"  
na PUC. Parabéns pela iniciativa do  
projeto, pela ideia. Parei para refletir.  
Esse fim de semana três sobrinhos  
meus fizeram aniversário. As vezes  
demoro para dar um presentinho,  
porque busco algo especial. :)  
bjó, continuem!"

VIA LIVRE  
16 SET 2014  
Cidade de Jandira

aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

facebook.com/aspasurbanas | raspasurbanas@gmail.com



POR ISSO EM OUTUBRO  
VOU TENTAR MUDAR  
NOSSA REALIDADE

VIA LIVRE  
16 SET 2014  
Cidade de Jandira

aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

facebook.com/aspasurbanas | raspasurbanas@gmail.com



Para alguma realidade, para outras ficção. A vida está repleta de pessoas bandidas e o que li torna necessário dentro delas e a forma como você se conecta a vida.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem e você acaba de receber algumas. Que tal interagir com elas?  
1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 05/10/2014.



A base da sociedade se compreende na produção dos mais necessitados que sobrevivem meio a miséria, permitindo à poucos a riqueza, ou seja gerando-na.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem de sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 28/09/2014.



A mensagem satiriza a ideia do natal. Ela mostra a ideia de que o natal é uma data comercial, baseada em compras. O Papai Noel aparece um pouco demorado, como se estivesse hipotizando as pessoas para comprar presentes. A mensagem "Qual o prepo do seu natal?" traz a questão de que as pessoas mostram o seu valor e o valor de quem está sendo presenteados pelo valor do presente.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem de sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 05/10/2014.



Racismo é crime dentro das causas populares, porque usa a impiedade. Mas leis precisam ser para todos, assim como o respeito.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem de sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 28/09/2014.



Nem sempre concordo com o que vejo escrito pela cidade, mas o senhor burras relata com exatidão a imagem dos empresários que convivem com o Poder Público no Rio. Ambos se importam apenas em lucrar, mesmo que por isso tenham que causar mal a milhões de pessoas. Sr. burras, no Rio seu advogado pode ser cobrado com o governador e os CPT's não investigam empresários! Lucro certo!

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem e você acaba de receber algumas. Que tal interagir com elas?  
1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 05/10/2014.



A educação do Brasil é a falta de vontade de aprender. Fora da escola, aprendem de forma a pessoa com quem convivem. Os melhores aprendem sempre com quem tem a melhor vontade de aprender, não com quem não quer aprender.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem de sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até o dia 28/09/2014.



"Copa pra quem?"  
Raf Wally, Assisi, Junho 2014  
Colégio do Padre, 005

Copa é para  
derrear atenção  
daquelas que não têm  
direito a casa, comida,  
vestuário...

VIA LIVRE 16 SET 2014  
aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"Não Vote!"  
Zé Gomes Faria, Junho 2014  
Colégio do Padre, 005

Não faz nenhuma diferença para mim,  
que não voto nem vou votar,  
o suficiente para votar

VIA LIVRE 16 SET 2014  
aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"O Maracá é nosso?"  
A. Presidente Castelo  
Colégio do Padre, 005

"O Maracá é nosso?"  
Não, o Maracã é do fuba e daqueles com maior condição financeira que podem comprar os ingressos caríssimos sendo na Copa do nosso próprio país. Este Estádio era para ser do povo, já que foi feito com o dinheiro público, porém só as classes mais altas tiveram acesso ao Maracã durante os jogos mundiais.

VIA LIVRE 16 SET 2014  
aspas urbanas

A sua cidade está requisita de mensagens e você acaba de receber algumas. Que tal interagir com elas?  
1) Comece distribuindo as demais postais que você recebeu para quem sempre à sua escolha.  
2) Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
3) Terminou de escrever? Então devolva o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim.  
Obs.: Não se esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"Como celebrar o abandono?"  
Ar. Maria José, Junho 2014  
Colégio do Padre, 005

Ativo que celebrar é aproveitar o lado bom das coisas. Mas onde está o lado bom do abandono? Sendo pelos pais, namorada (a) ou conhecido vai ser sempre ruim.

VIA LIVRE 16 SET 2014  
aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

\* Nessa tentativa a esperança se vai a sobre uma frustração, desajuda, desalojada e deprimida.



"Copie!"  
Ar. Maria José, Junho 2014  
Colégio do Padre, 005

Pinataria.  
Essa caveira representa a morte do autor, pois ele foi copiado.

VIA LIVRE 16 SET 2014  
aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



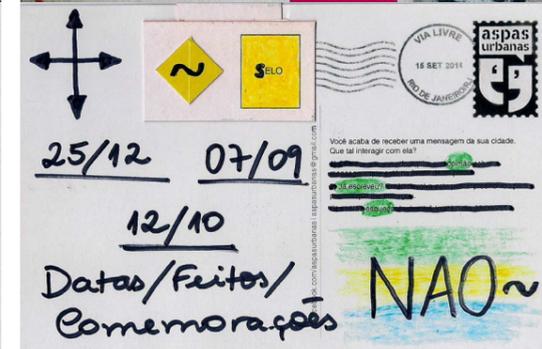
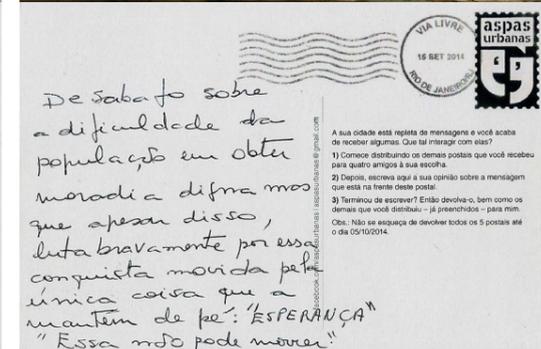
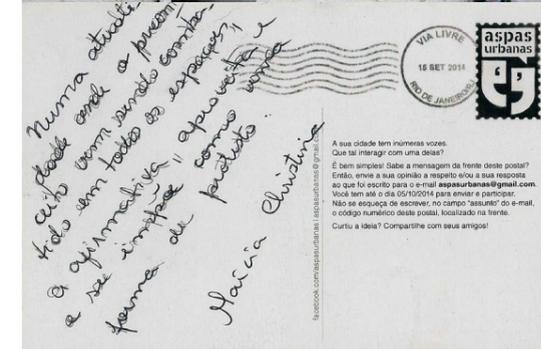
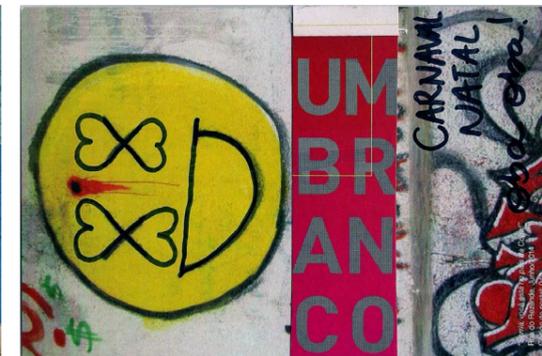
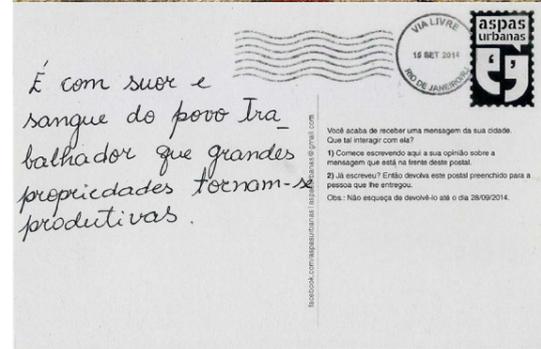
"Assédio Moral é Crime"  
Ar. Maria José, Junho 2014  
Colégio do Padre, 005

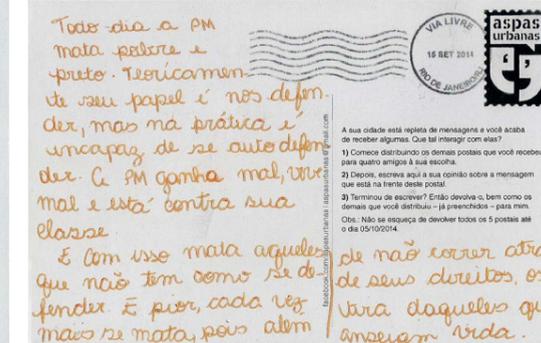
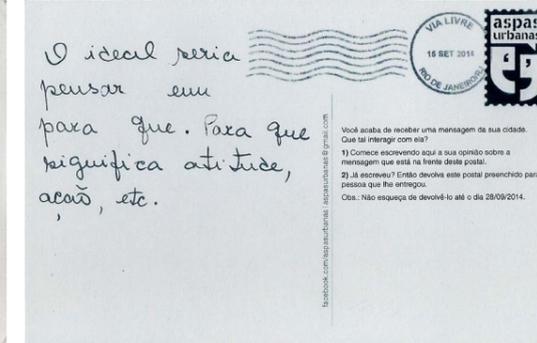
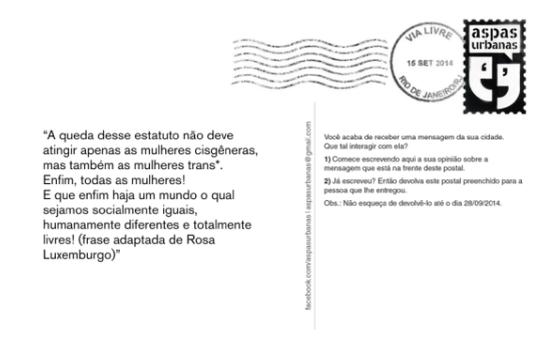
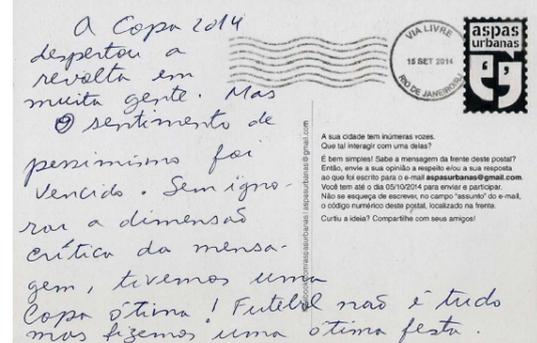
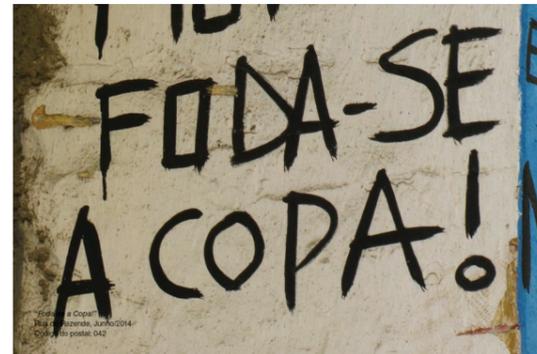
Sim é preciso criminalizar o assédio moral no trabalho. (Assédio moral, ridicularizar, humilhar, perseguir, discriminar.) Esses atos são capazes de destruir um ser humano.

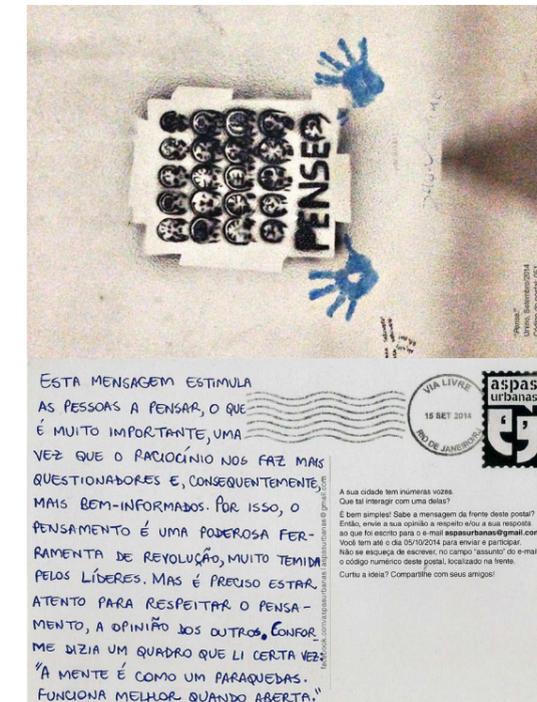
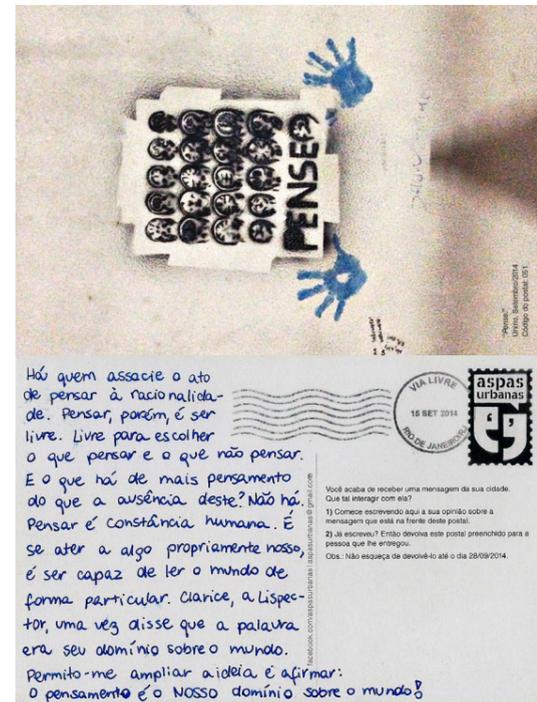
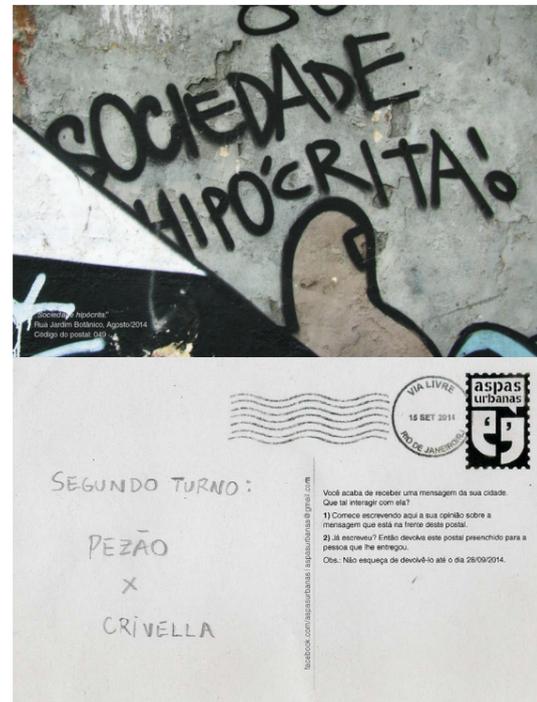
Não se cale, DENUNCIE!

VIA LIVRE 16 SET 2014  
aspas urbanas

A sua cidade tem muitas vozes. Que tal reagir com uma delas?  
E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião e respondo aqui a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar a participar. Não se esqueça de escrever no campo "Assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, colado na frente. Curta a ideia? Compartilhe com seus amigos!









A frase apresentada neste cartão mostra que o objetivo da mídia e portanto da classe controladora de poder é não mostrar o que está acontecendo na sociedade e suas manifestações, com propósito de não incitar mais nenhum movimento e manter a alienação do povo frente ao governo e suas ações, muitas vezes controladas e opressoras. Não mostrar certas acontecimentos mantém a passividade de vários indivíduos considerados apenas receptores de informações, muitas vezes sem conteúdo e sem oportunidade de se expressarem acerca delas.

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?  
 E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito enviando a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.  
 Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.  
 Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!

facebook.com/aspasurbanas | [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com)



Ressalta o poder manipulante da TV Globo em parceria com a elite econômica do país.

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?  
 E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito enviando a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.  
 Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.  
 Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!

facebook.com/aspasurbanas | [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com)

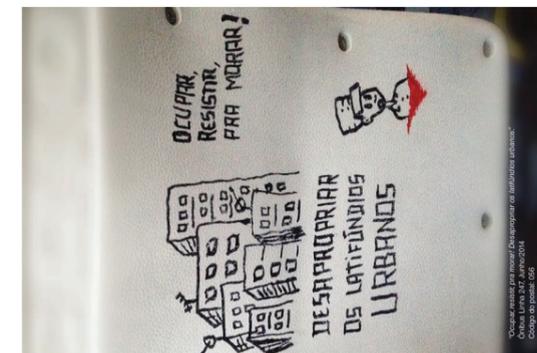


Rebolar no 2h junto... da Avenida Garibaldi.

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?  
 E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito enviando a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.  
 Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.  
 Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!

facebook.com/aspasurbanas | [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com)



Sou favorável as políticas públicas de habitação que atendam a TODAS as classes. Entendo e concordo com as lutas dos movimentos sociais para obtenção desse objetivo.

SUGESTÃO: CARTA DE CREDITO HABITACIONAL COM DESUOLTO EM FOLHA DE PAGAMENTO

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?  
 E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito enviando a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.  
 Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.  
 Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!

facebook.com/aspasurbanas | [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com)



O imposto do Brasil são absurdos e além disso o preço do transporte público ainda é alto.

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?  
 E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito enviando a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.  
 Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.  
 Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!

facebook.com/aspasurbanas | [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com)

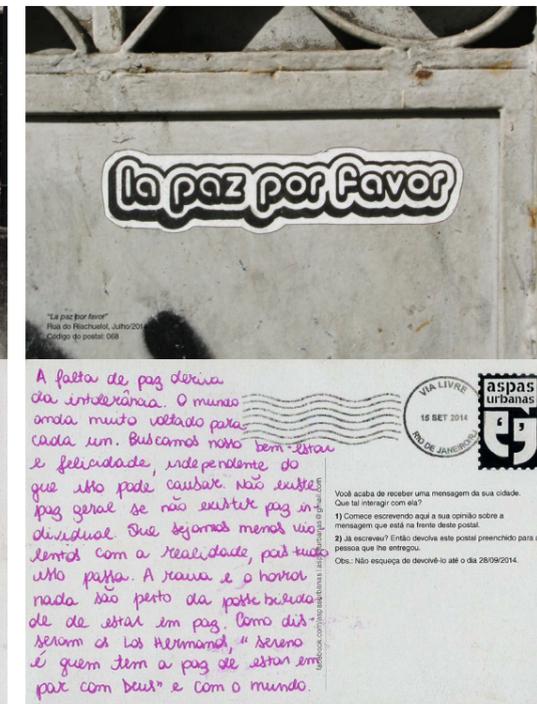
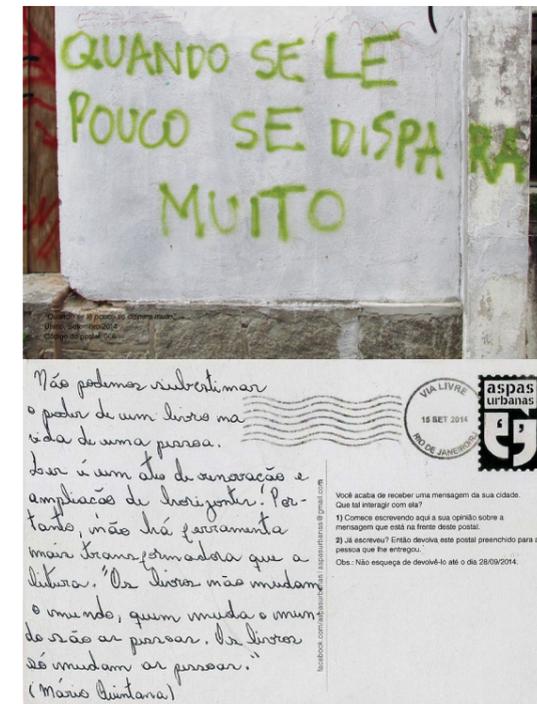
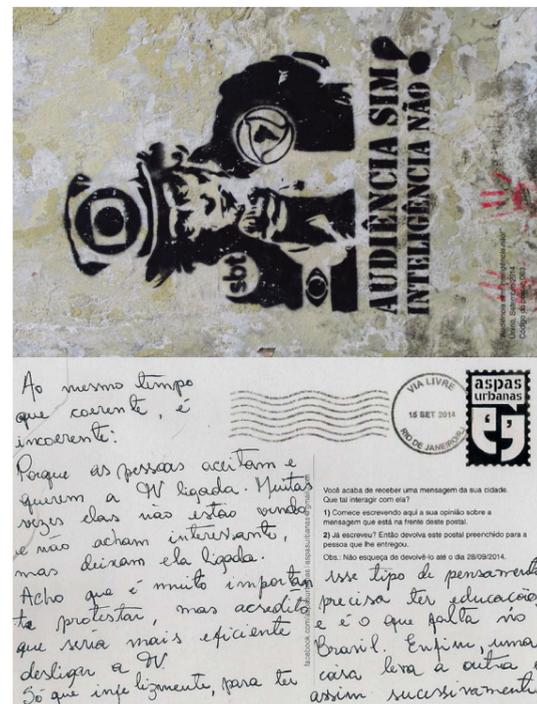


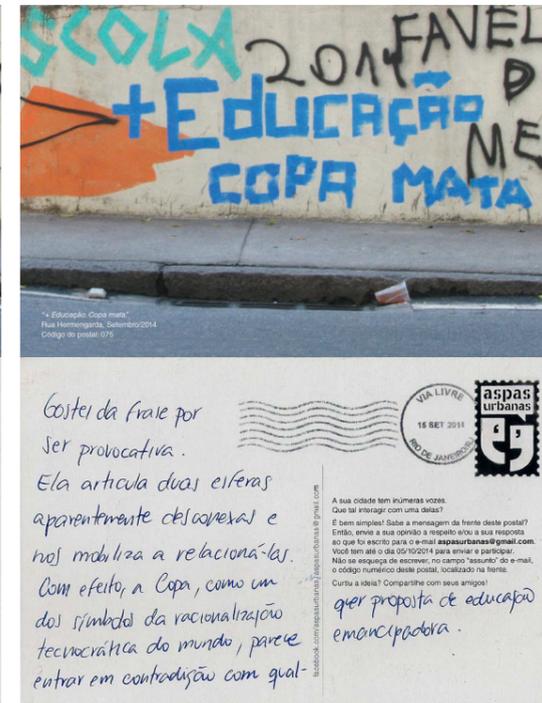
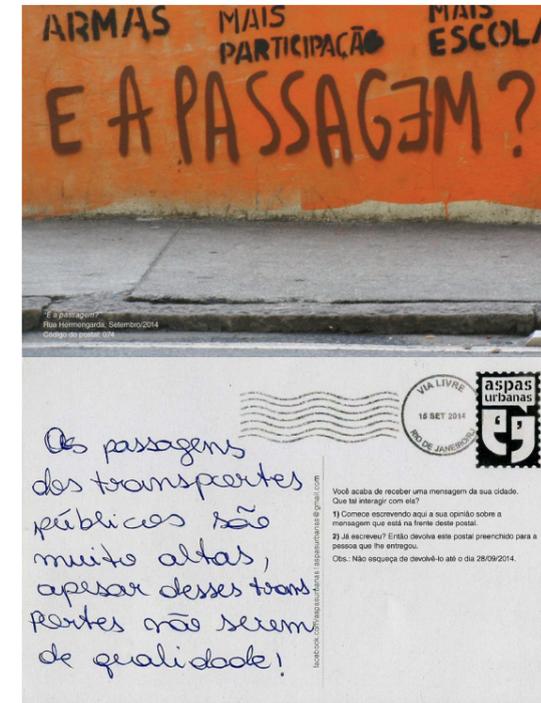
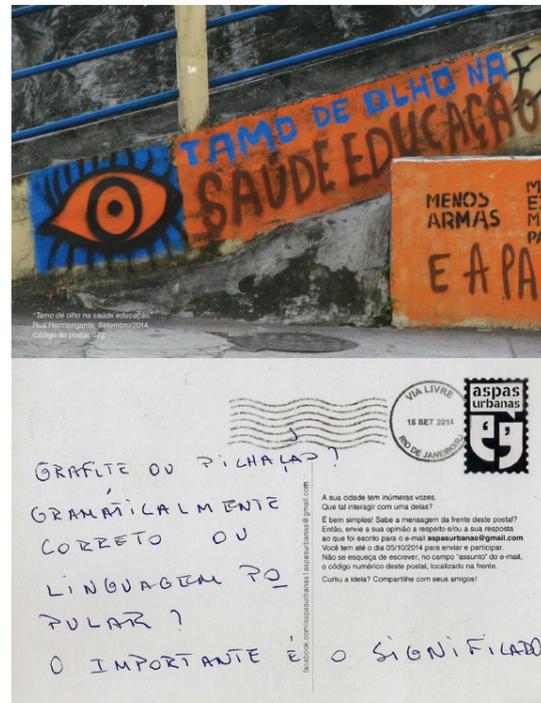
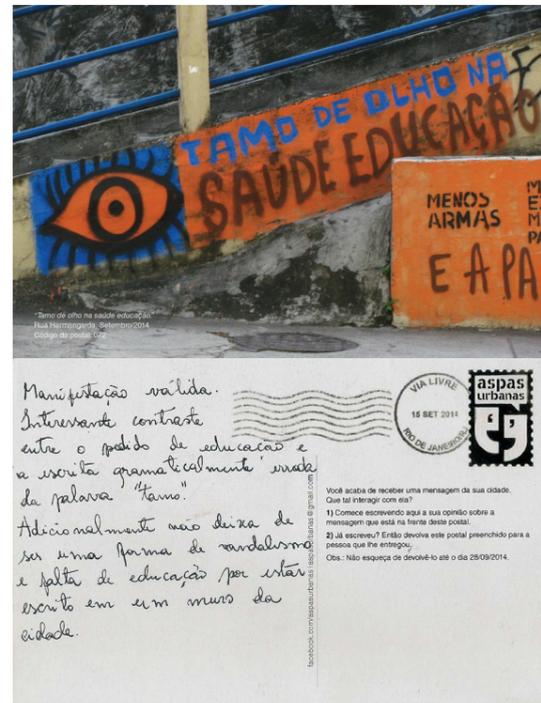
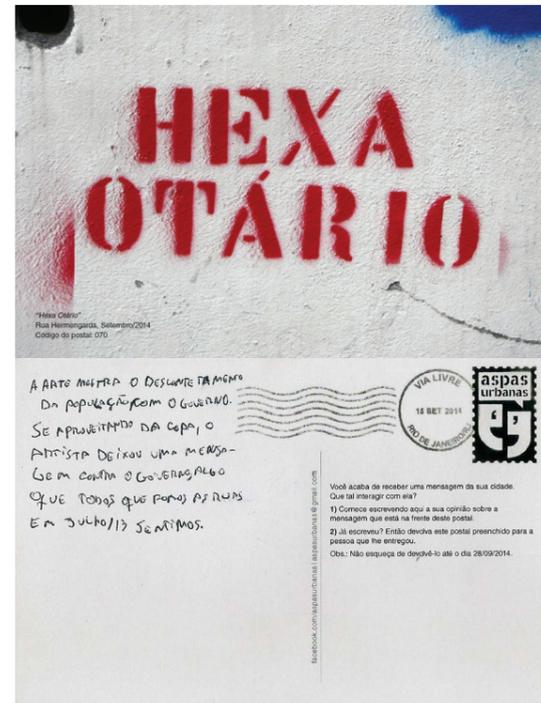
sendo a mídia o maior partido político, a informação uma mera mercadoria a certeza nessa eleição é que quem ganha está mais perto do que para de golubino!

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas?  
 E bem simples! Sabe a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito enviando a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar.  
 Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente.  
 Curtiu a ideia? Compartilhe com seus amigos!

facebook.com/aspasurbanas | [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com)







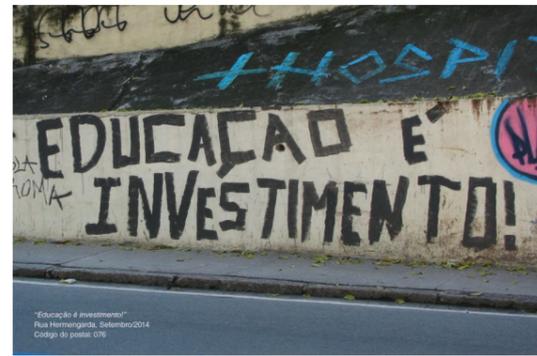
"Educação: Copa mata"  
Rua Heliópolis, Setembro 2014  
Código do postal: 079

O autor não a entender que, ao invés do investimento na Copa, deveria haver um investimento em educação. A "Copa mata", talvez se referindo aos mortos nos obras apressadas, ou aqueles que poderiam ser salvos com um investimento do dinheiro da Copa em saúde e educação pública. Todavia, o autor do preferir o desenvolvimento de bens culturais através da educação, e não ao espetáculo, talvez durante, da Copa.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas? É bem simples! Sobre a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito e/ou a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar. Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente. Curta a ideia? Compartilhe com seus amigos!

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"Educação é investimento"  
Rua Heliópolis, Setembro 2014  
Código do postal: 079

Educação é sim uma forma de investimento, mesmo que não seja diretamente em algo concreto, mas sim indiretamente, tendo em vista que empregar seu dinheiro em educação lhe trará melhores oportunidades de estudos mais avançadas e ao emprego, o qual lhe dará o retorno posteriormente.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas? É bem simples! Sobre a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito e/ou a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar. Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente. Curta a ideia? Compartilhe com seus amigos!

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

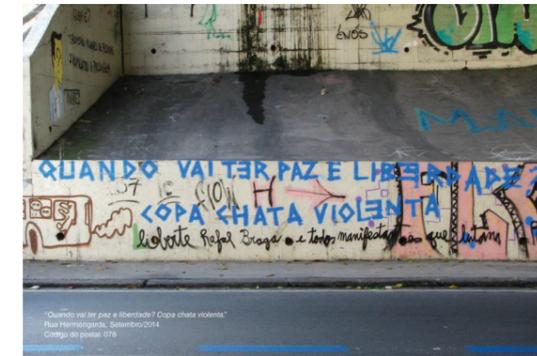


"A lágrima que cai do rosto é de desgosto. Somos roubados e ainda pagamos impostos."  
Rua Heliópolis, Setembro 2014  
Código do postal: 079

Concordo plenamente com a mensagem. As empresas cobram um preço absurdo por um serviço inadequado. Os ônibus não têm conforto e estão sempre lotados. Um completo desrespeito, esse Estado é uma vergonha!

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"Quando vai ter paz e liberdade? Copa chata violenta."  
Rua Heliópolis, Setembro 2014  
Código do postal: 079

Fica privado por manifestações sem uma liberdade e um só questionamento, fica com a imprensa de auarquis e em nada entregue uma juventude de mudanças.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"Quando vai ter paz e liberdade? Copa chata violenta."  
Rua Heliópolis, Setembro 2014  
Código do postal: 079

TEREMOS PAZ e LIBERDADE QUANDO NÃO UTILIZARMOS MAIS A VIOLENCIA PARA OBTÊ-LAS.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas? É bem simples! Sobre a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito e/ou a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar. Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente. Curta a ideia? Compartilhe com seus amigos!

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



"Menos exclusão. Mais participação."  
Rua Heliópolis, Setembro 2014  
Código do postal: 079

Olá, bom o que eu entendi dessa mensagem, e que mais devemos excluir as pessoas. e sim, entendo. Cada vez mais, bra que agite ainda cada vez mais participações.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

A sua cidade tem inúmeras vozes. Que tal interagir com uma delas? É bem simples! Sobre a mensagem da frente deste postal? Então, envie a sua opinião a respeito e/ou a sua resposta ao que foi escrito para o e-mail [aspasurbanas@gmail.com](mailto:aspasurbanas@gmail.com). Você tem até o dia 05/10/2014 para enviar e participar. Não se esqueça de escrever, no campo "assunto" do e-mail, o código numérico deste postal, localizado na frente. Curta a ideia? Compartilhe com seus amigos!

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



O povo clama pelo direito à Saúde e as instâncias do poder respondem com mais dor. A consequência é "MOLOTOV na cidadania". É preciso que a ARTE quite nas ruas para abrir as consciências cada vez mais!

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



Arte como delatora de uma condição social como arte delatora de um momento político. A arte urbana que utiliza dados/informação atual para fazer uma denúncia pública contra o governo, ou contra as organizações midiáticas que informam parcialmente. Ela (a arte) não é direta e óbvia, mas comunica. Faz o seu papel social.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



Que capitalismo que nada! Quebramos socialis meu pai.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



Parece-me uma referência à quebras do transporte, ou ao menos me faz recordá-la. A passagem é abusiva e não obstante a constante exploração do trabalhador, ele deve pagar para chegar ao seu trabalho. A mensagem me faz pensar que o transporte é um serviço de utilidade pública e deve ser, se não gratuito, barato.

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.



Querido amigo, de tempo estão cada vez mais de. Ficou por aqui. Enquanto os cidadãos vândalos desistem pedidos e construído, o capital acaba com mento e corrupção. Vivemos clima de guerra. Beje por mim. Amor, uma cidadã

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

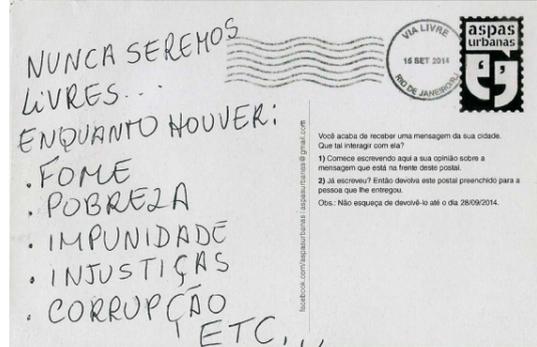
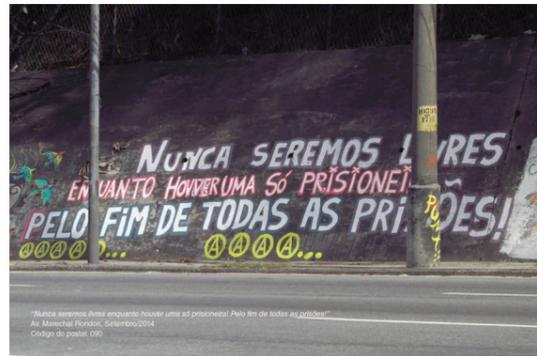
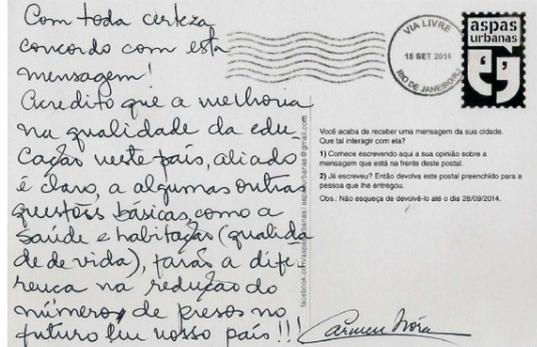
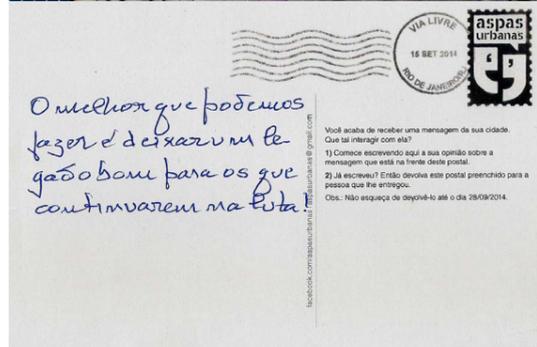
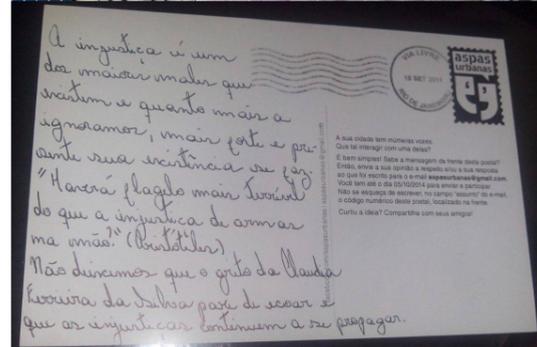
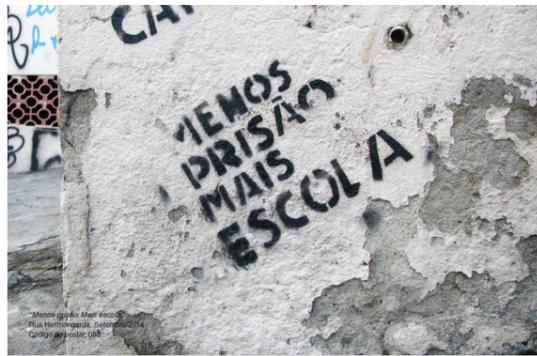
Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.

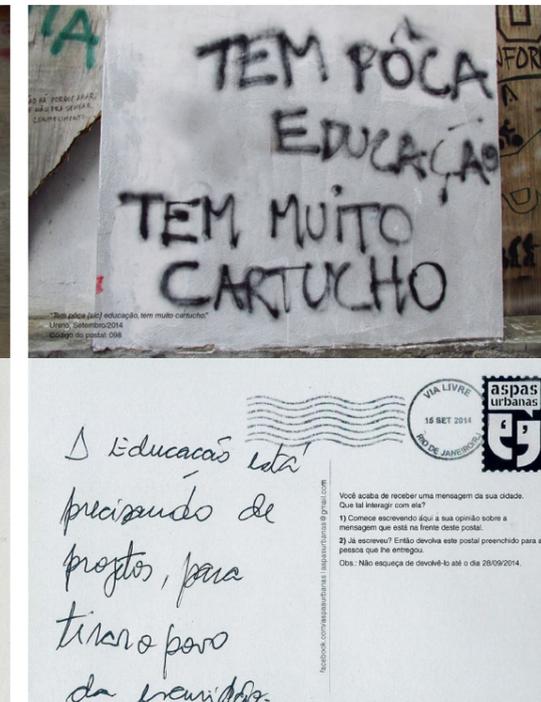
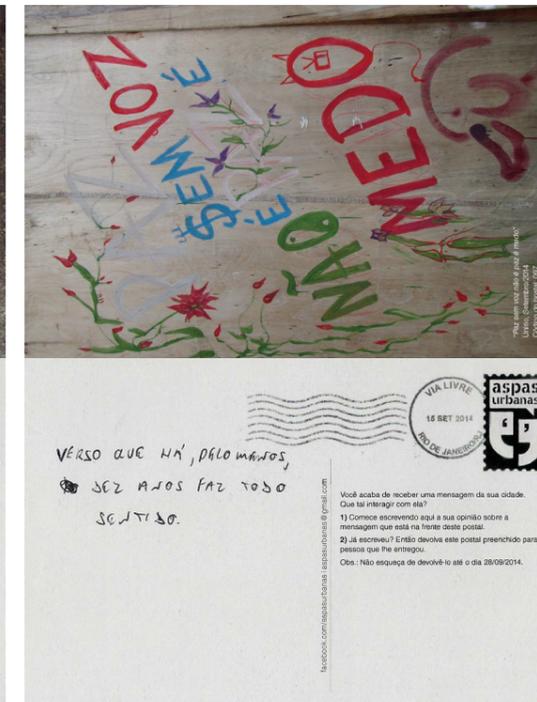
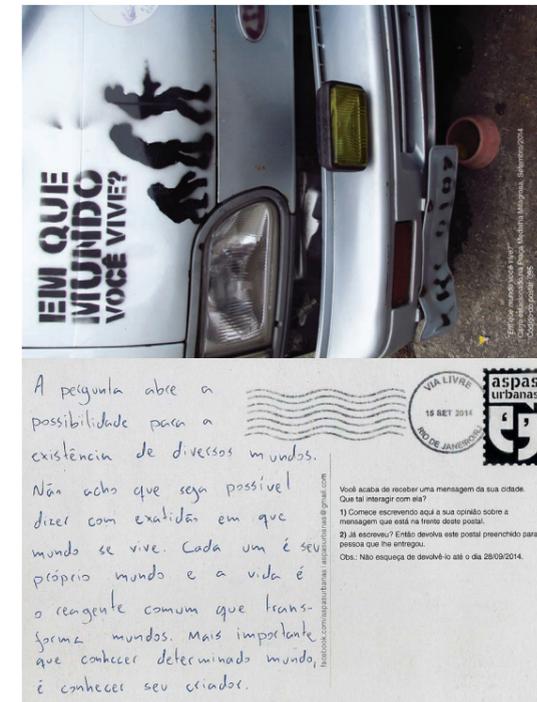
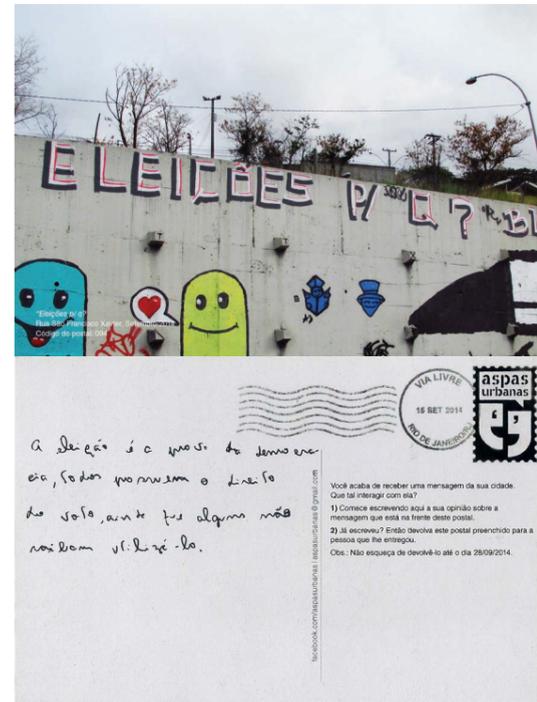
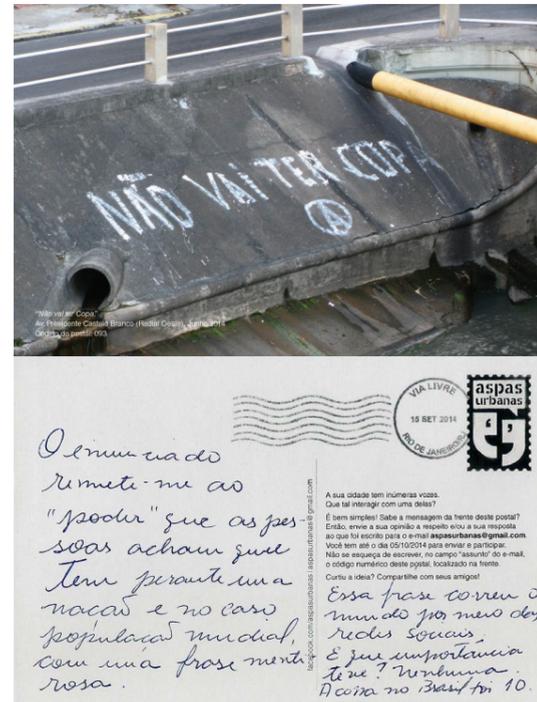
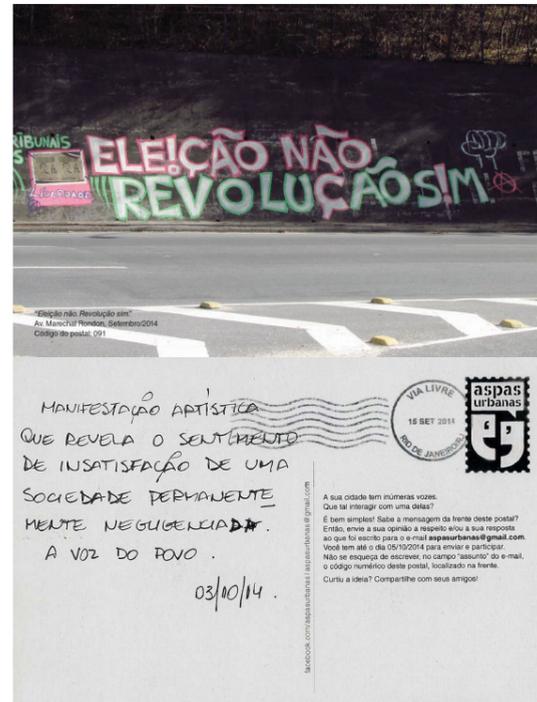


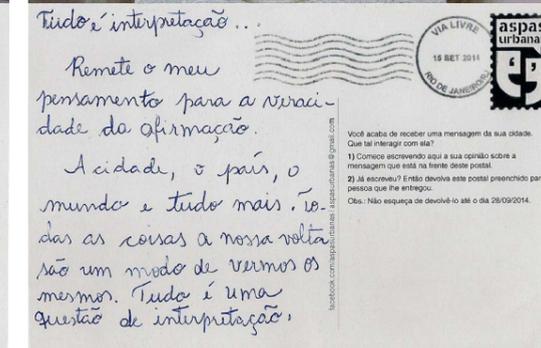
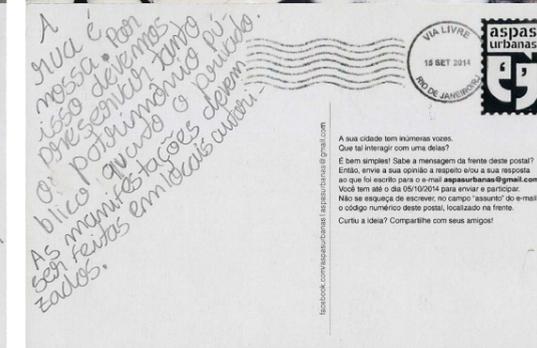
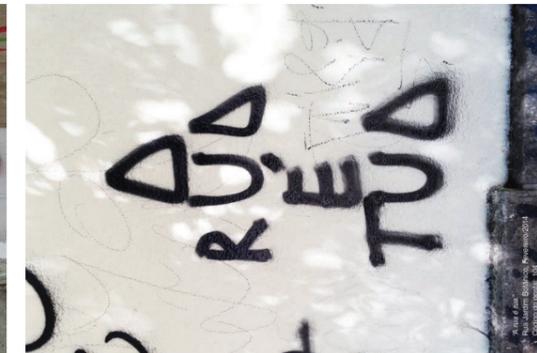
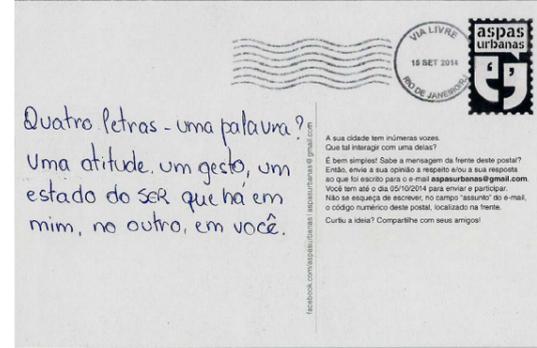
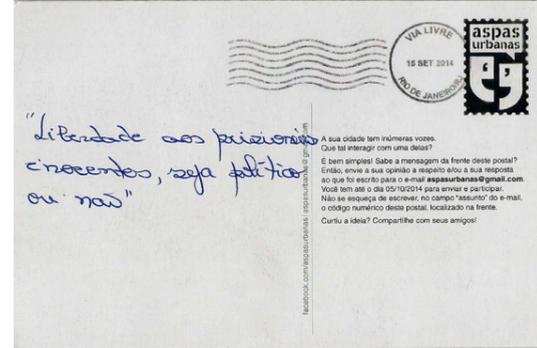
Ele diz muito sobre esta cidade num contexto. Não um contexto determinante. A favela não limita as perspectivas nas mesmas pessoas nas mesmas condições. Essa comunidade fortalece a fraternidade na parte dentro e embala o favelado numa consciência de interdependência em que

VIA LIVRE 16 SET 2014 aspas urbanas

Você acaba de receber uma mensagem da sua cidade. Que tal interagir com ela?  
 1) Comece escrevendo aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal.  
 2) Já escreveu? Então devolva este postal preenchido para a pessoa que lhe entregou.  
 Obs.: Não esqueça de devolvê-lo até o dia 28/09/2014.









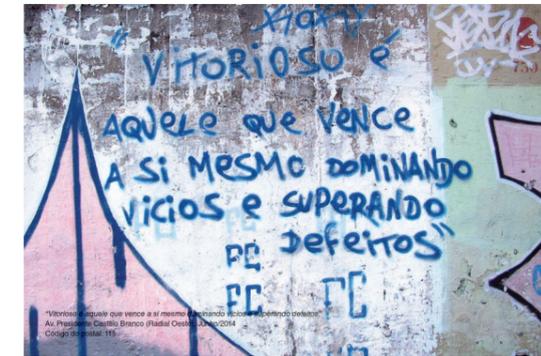
Na teoria, todos nascimos livres para fazer nossas próprias escolhas. No entanto, no dia-a-dia, parecemos que somos tidos pela violência (que nos impede de ir e vir), pela mídia (que estabelece padrões de beleza), pela sociedade (que impõe valores e padrões de comportamento), enfim, trata-se de uma liberdade relativa, mas que em sua essência parece mais uma ditadura.



Quase que haja certa rebeldia em grafitar paredes, não podemos deixar de considerar o sentido das frases. Grafitar é mais do que simplesmente escrever. Neste caso, é passar a mensagem: o amor é a fonte! Um convite aos que passaram: Burguem e fonte!



"Aprenda as regras como um profissional, para que você possa quebrá-las como um artista." Pablo Picasso É necessário quebrarmos os paradigmas em que vivemos e nada melhor do que a arte para nos tirar do tédio.



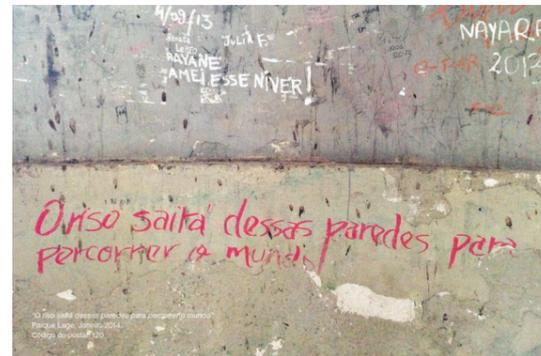
SACOU O RECADO? O LANCE É INTERNO, PESSOAL E INTRANSPARENTE. EVOLUÇÃO CONSCIENTE. MAIS UMA DICA DO F.C. FRELDO GONSELHEIRO. STREETANÁLISE. 11. PRA BOM, ACHA QUE O INTERIO SÃO SÓ OS OUTROS.



Mais amor por favor me fez pensar em troca, em diálogo... em interdisciplinaridade que foi pesquisa desde 2005. Foco pensando como iniciativas como essas deste postal, podem, se iniciativas na arena esportiva e provocar (des)estabilizações que fazem os seres humanos mais sensíveis as demandas da humanidade. Parabéns! O trabalho de vocês neste país como vocês se mantêm e ter



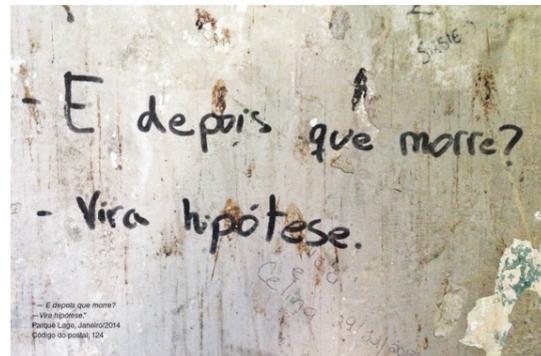
A sua cidade está repleta de mensagens e você acaba de receber algumas. Que tal interagir com elas? Comece distribuindo os demais postais que você recebeu para quatro amigos à sua escolha. Depois, escreva aqui a sua opinião sobre a mensagem que está na frente deste postal. Terminou de escrever? Então devolva-o, bem como os demais que você distribuiu - já preenchidos - para mim. Obs.: Não se esqueça de devolver todos os 5 postais até 05/10/2014.



Quando se lê, se vêem um contê-  
cimento, e compartilha, e, assim,  
sautia força.  
O riso, ao sair das paredes, ao ser  
compartilhado e deixar sua clausura,  
ganhará vida, e vivo, percorrerá o  
mundo, e quem dele usufrui,  
sua mais alegre e faz a um mundo,  
consequentemente, mais alegre.  
W.B.



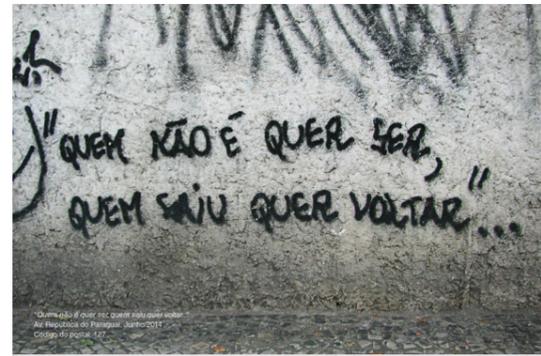
TALVES SEJA A  
PERGUNTA QUE  
NUNCA IREMOS  
RESponder.



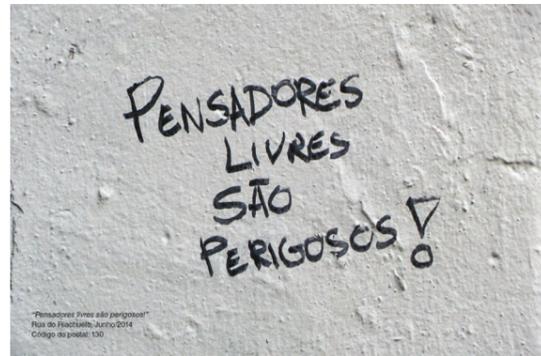
"Em hipótese nenhuma..."



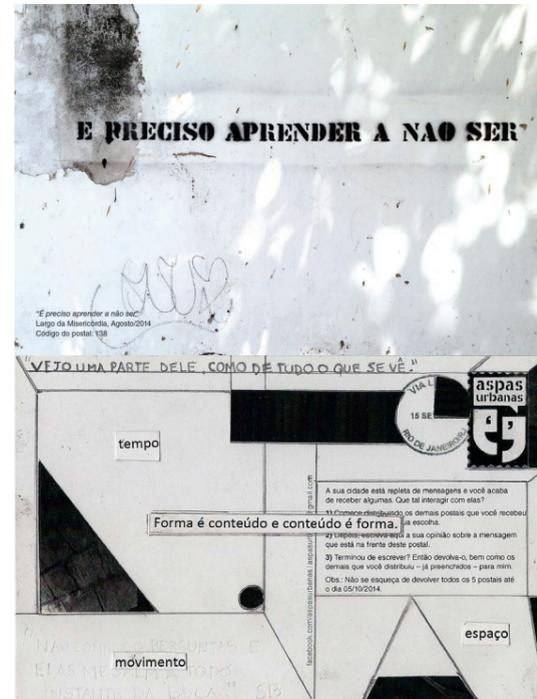
As coisas não aquilo  
que auditamos que  
elas sejam, aqueles que afirma  
mamos que elas sejam.  
O poema se prediz no momento  
em que enunciarmos o fato,  
no momento em que nos apre-  
puamos do fato, quando  
deixamos de duvidar do fato.

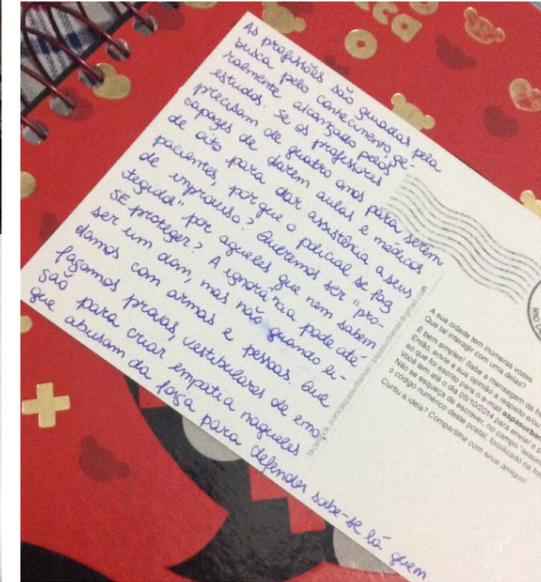
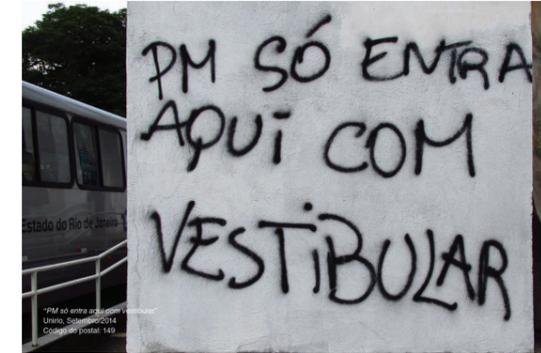
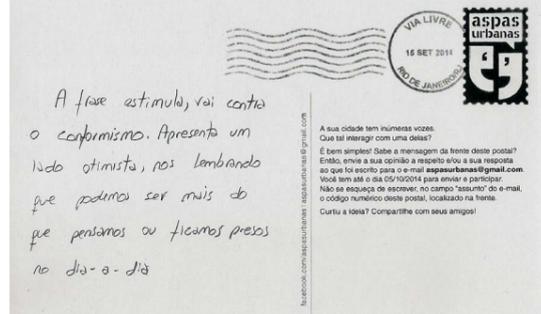
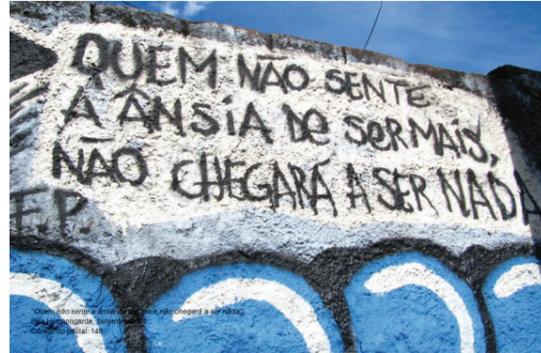


Transformação,  
monumento, eterna  
busca, valorização  
do objeto a partir de  
própria percepção  
insatisfação humana  
Ciclo!

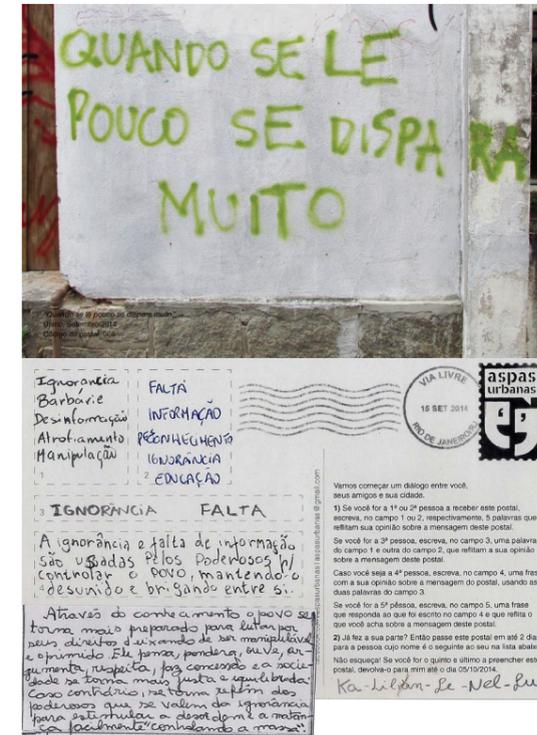


"Some men just want to watch the world  
TURN"  
[A small drawing of a globe with a vertical line through it.]





Método 2 (descontinuado)



## 7. crédito das imagens



Página 25  
Disponível em: <http://gugaferraz.blogspot.com.br>  
Acesso em 11 de abril de 2014



Página 27  
Disponível em: <https://www.facebook.com/curativosurbanos/photos/pb.260974120673401.-2207520000.1411936105./466807266756751/?type=3&theater>  
Acesso em 13 de abril de 2014



Página 25  
Disponível em: <http://gugaferraz.blogspot.com.br>  
Acesso: 11 de abril de 2014



Página 27  
Disponível em: [http://arkfo.dk/sites/default/files/blog/IMG\\_6148.JPG](http://arkfo.dk/sites/default/files/blog/IMG_6148.JPG)  
Acesso em 28 de novembro de 2014



Página 26  
Disponível em: [http://artcontexto.com.br/revista/artigo-andre\\_leal.htm](http://artcontexto.com.br/revista/artigo-andre_leal.htm)  
Acesso: 28 de novembro de 2014



Página 28  
Disponível em: [http://gabigomesfotografia.blogspot.com.br/2012\\_04\\_01\\_archive.html](http://gabigomesfotografia.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html)  
Acesso em 28 de novembro de 2014



Página 26  
Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2011-12-08/manifestacao-artistica-pela-vida-em-frente-ao-congresso-nacional>  
Acesso: 28 de novembro de 2014



Página 28  
Screenshot de vídeo disponível em: <http://vimeo.com/54345851>  
Acesso em 28 de novembro de 2014



Página 29  
Disponível em: <http://coletivotransverso.blogspot.com.br/>  
Acesso em 28 de novembro de 2014



Página 52  
Disponível em: <http://wallpeople.org/en/index.php/gallery/wall-2010-gallery/>  
Acesso em 16 de novembro de 2014



Página 29  
Imagem do ebook disponível em: <http://poro.redezero.org/publicacoes/ebook/>  
Acesso em 27 de março de 2014



Página 53  
Disponível em: <http://colabradio.mit.edu/tracing-public-space-ranwar-mumbai/>  
Acesso em 29 de julho de 2014



Página 52  
Disponível em: <http://candychang.com/i-wish-this-was>  
Acesso em 16 de novembro de 2014



Página 53  
Disponível em: <http://cargocollective.com/raemilne/collective-story>  
Acesso em 29 de julho de 2014



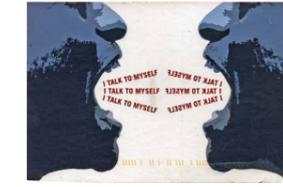
Página 52  
Disponível em: <http://candychang.com/i-wish-this-was>  
Acesso em 16 de novembro de 2014



Página 53  
Disponível em: <http://beforeidie.cc/site/press/>  
Acesso em 30 de novembro de 2014



Página 64  
Disponível em: [http://www.eusd.org/pupil\\_services/Images/slp/talk.gif](http://www.eusd.org/pupil_services/Images/slp/talk.gif)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: <http://bookwormholes.files.wordpress.com/2013/04/talk2.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-Pce8ZVnABzY/UagWyPqvDCI/AAAAAAAPWg/gdX8dMwjtiA/s1600/fala+a%C3%AD.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-0ETGG84R24U/UgvMRyKs6yI/AAAAAAACCY/0pXxSQw4MRA/s1600/comunic.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: [http://www.kellerclub.eu/wp-content/uploads/2014/09/exchange-of-ideas-222786\\_1920.jpg](http://www.kellerclub.eu/wp-content/uploads/2014/09/exchange-of-ideas-222786_1920.jpg)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: [http://www.gestaohoje.com.br/blog\\_gh/wp-content/uploads/2013/09/Dialogo1.jpg](http://www.gestaohoje.com.br/blog_gh/wp-content/uploads/2013/09/Dialogo1.jpg)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: <http://www.msarh.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/07/engajamento.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



Página 64  
Disponível em: <http://liscunidep2013.files.wordpress.com/2013/11/comunicacion21.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://porvir.org/wp-content/uploads/2013/06/Startup-Hand-Talk-Que-Fala-Interna.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: [http://admin.sourcemediagroup.ca/scripts/timthumb/timthumb.php?src=/images/uploads/ccl\\_2013/i165/CCL0913-F7A.jpg&w=850&h=0](http://admin.sourcemediagroup.ca/scripts/timthumb/timthumb.php?src=/images/uploads/ccl_2013/i165/CCL0913-F7A.jpg&w=850&h=0)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: [http://agenciamana.com.br/images/foto\\_home.jpg](http://agenciamana.com.br/images/foto_home.jpg)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



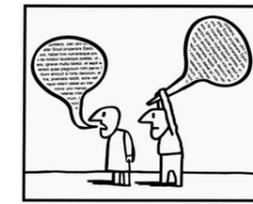
**Página 64**  
Disponível em: [http://i.istockimg.com/file\\_thumbview\\_approve/9223289/2/stock-illustration-9223289-communication-icons.jpg](http://i.istockimg.com/file_thumbview_approve/9223289/2/stock-illustration-9223289-communication-icons.jpg)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/wp-content/uploads/2014/05/estres-aspas.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: [http://www.2pro.com.br/site/wp-content/uploads/2012/07/consultoria\\_de\\_comunicacao1.png](http://www.2pro.com.br/site/wp-content/uploads/2012/07/consultoria_de_comunicacao1.png)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://carnefernandez-coach.com/wp-content/uploads/2013/06/Tener-razon.png>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: [http://3.bp.blogspot.com/\\_5fD7Ci5F1sQ/ScyltgMW9bl/AAAAAAAAABhY/A\\_FbgoFv4c/s1600-h/palavras.bmp](http://3.bp.blogspot.com/_5fD7Ci5F1sQ/ScyltgMW9bl/AAAAAAAAABhY/A_FbgoFv4c/s1600-h/palavras.bmp)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://professordesiderio.files.wordpress.com/2012/09/1961.jpg?w=450>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: [http://codigobr.com.br/wp-content/uploads/2012/08/sonsoft\\_comunicacao\\_digital\\_midias\\_sociais.jpg](http://codigobr.com.br/wp-content/uploads/2012/08/sonsoft_comunicacao_digital_midias_sociais.jpg)  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://www.lavozdelsandinismo.com/wp-estaticos/2014/10/voz.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://blog.agencianic.com.br/wp-content/uploads/2014/09/5-dicas-para-melhorar-o-seu-Marketing-nas-M%C3%ADdias-Sociais-LINK-Ag%C3%A4ncia-NIC.png>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://perbal.hi-pi.com/blog-images/2234111/mn/134679763835.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://sugoru.files.wordpress.com/2013/01/external-communication.png?w=994>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 64**  
Disponível em: <http://img.travessa.com.br/livro/GR/2e/2e61a0e6-b7c4-466d-8caf-0180b51598ca.jpg>  
Acesso: 11 de agosto de 2014



**Página 75**  
Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Escriver-um-Cart%C3%A3o-Postal>  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: [http://salema-sdumont.blogspot.com.br/2011\\_04\\_01\\_archive.html](http://salema-sdumont.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html)  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: <http://blog.correios.com.br/filatelia/produutos-filatelicos/carimbos/>  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: <http://filatelica.aac.uc.pt/lousa.php>  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 106

Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/MCA-A5-Brochure-Design/209902>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 75

Disponível em: [http://3.bp.blogspot.com/\\_8pESiiHVdo/TMAhLf3DlyI/AAAAAAAAADuc/24fBCM6\\_DeQ/s1600/cartao+postal+paraty+rio+de+janeiro+igreja+d+o+rosario+verso.JPG](http://3.bp.blogspot.com/_8pESiiHVdo/TMAhLf3DlyI/AAAAAAAAADuc/24fBCM6_DeQ/s1600/cartao+postal+paraty+rio+de+janeiro+igreja+d+o+rosario+verso.JPG)  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: [http://salema-sdumont.blogspot.com.br/2011\\_12\\_01\\_archive.html](http://salema-sdumont.blogspot.com.br/2011_12_01_archive.html)  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: <http://salema-sdumont.blogspot.com.br/>  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 106

Disponível em: <http://bashooka.com/inspiration/interesting-brochure-designs/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 75

Disponível em: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Carta%C3%A3o\\_Postal\\_Caminho\\_Aereo\\_P%C3%A3o\\_de\\_Assucar.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Carta%C3%A3o_Postal_Caminho_Aereo_P%C3%A3o_de_Assucar.jpg)  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: <http://filatelica.aac.uc.pt/flamulas.php>  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 106

Disponível em: <http://www.pinterest.com/pin/232005818277294615/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 106

Disponível em: <http://www.onextrapixel.com/2012/04/26/40-unique-and-beautiful-examples-of-brochure-design/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 75

Disponível em: <http://blog.correios.com.br/filatelia/filatelia/selos-principais-conceitos/>  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 75

Disponível em: [http://filatelica.aac.uc.pt/imagens/carta\\_flam\\_ondas\\_lousa\\_201306\\_selo\\_festa\\_stoantonio\\_lx\\_verso\\_flam\\_ondas\\_cbr\\_20130619.jpg](http://filatelica.aac.uc.pt/imagens/carta_flam_ondas_lousa_201306_selo_festa_stoantonio_lx_verso_flam_ondas_cbr_20130619.jpg)  
Acesso: 17 de agosto de 2014



Página 106

Disponível em: <http://lmalayers.wordpress.com/tag/advertising/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 106

Disponível em: <https://gdblogs.shu.ac.uk/b2031302/2014/04/11/leaflet-flyer-brochure-research/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 106  
Disponível em: <http://www.creativeswall.com/25-creative-brochure-designs-for-inspiration/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 106  
Disponível em: <http://www.companyfolders.com/blog/174-cool-brochure-designs-for-creative-inspiration>  
Acesso em 24 de outubro de 2014



Página 106  
Disponível em: <http://alphabeticalstudio.com/ual-bestpractice/>  
Acesso em 24 de outubro de 2014

## 8. bibliografia e filmografia

## Livros, projetos, e dissertações

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. 2º ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995. Coleção a. BARBOZA, Rafael Vasconcelos. 2011, Praça Mauá. Rio de Janeiro: Uerj, 2011, 75 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Desenho Industrial). Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Trad. Cecília Prada. São Paulo, Studio Nobel, 1993. Col. Cidade Aberta.

FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava, PR. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Arte%20Urbana%20no%20Brasil%20expressoes%20da%20diversidade%20contemporanea.pdf/viewm>. Acesso em 08/04/2014.

FONSECA, Cristina. **A poesia do acaso (na transversal da cidade)**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1982.

FREITAS, Marcos Paulo Martins de; MOREIRA, Márcia Zabdiele; FREITAS, Marcos Joel Martins de; SILVA, Marcus Markans Fernandes da. (Org.). **Interurbanos: experiências no espaço público 2008**. Fortaleza: Editora Banco do Nordeste, 2013.

GLADWELL, Malcolm. **O ponto da virada. The tipping point**. Trad. Talita Macedo Rodrigues, tradução do posfácio de Teresa Carneiro. Rio de Janeiro, Sextante, 2009.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo, Martins Fontes, 2000. Coleção a.

PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana**; São Paulo: Região Central (1945 – 1998): obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

RIO, João do. **A alma encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987.

SCHNEIDER, Guilherme. **Projeto 7**. Rio de Janeiro: Uerj, 2001, Trabalho de Conclusão de Curso (Desenho Industrial). Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Adriana Medeiros Ferreiros da. **Discursos sobre a arte urbana no Rio de Janeiro: a legitimação do grafite nas ruas e galerias de arte da cidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, 139 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21038/21038\\_6.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21038/21038_6.PDF). Acesso em: 25/03/2014.

SILVA, Beatriz Chinelli Machado da. **Moda e Mensagem: A camiseta como suporte**. Rio de Janeiro: Uerj, 2002, Trabalho de Conclusão de Curso (Desenho Industrial). Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## Filmes e programas de TV

“Cidade Cinza”. Guilherme Valliengo; Marcelo Mesquita. Brasil: Sala12, 2013.

“Maringá: verde por essência, cinza por negligência” Robson Hirae, Brasil.

PROGRAMA DE ENTREVISTAS. **Geração Arte Urbana**. Belo Horizonte: TV Assembleia. Programa de TV. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=blzLNLRXUQE>. Acesso em: 13/06/2014.

PROGRAMA JORNALÍSTICO. **Intervenções Urbanas**. Rio de Janeiro: Canal Futura, 17/02/2014 a 20/02/2014. Programa de TV. Disponível em: [http://www.futura.org.br/videos/videos-mais-recentes/?tubepress\\_page=8](http://www.futura.org.br/videos/videos-mais-recentes/?tubepress_page=8). Acesso em: 30/03/2014.

## Periódicos

BARJA, Wagner. **INTERVENÇÃO/TERINVENÇÃO: A arte de reinventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. Revista Polêm!ca. Nº 15, Rio de Janeiro, RJ, Labore/Uerj, 2008. Disponível em: [http://web.archive.org/web/20081023140600/http://www.polemica.uerj.br/pol15/cimagem/p15\\_barja.htm](http://web.archive.org/web/20081023140600/http://www.polemica.uerj.br/pol15/cimagem/p15_barja.htm). Acesso em: 28/03/2014

CRUZ, Dayse Martins; COSTA, Maria Tereza. **Grafite e pichação – que comunicação é esta?** Revista Linhas, Vol. 9, Nº 2, Florianópolis, 2008. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1351/1158>. Acesso em: 30/03/2014.

## Trabalhos em congressos

MAZETTI, Henrique Moreira. **Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf>. Acesso em: 30/03/2014.

PENNACHIN, Deborah Lopes. **Arte no espaço urbano – reflexões sobre a experiência contemporânea do graffiti**. In: CORPOCIDADE\_ debates em estética urbana 1, 2008, Salvador. Disponível em <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/resultado/ST2/DeborahLopesPennachin.pdf>. Acesso em 10/04/2014.

\_\_\_\_\_, Deborah Lopes. **Signos subversivos das significações de graffiti e pichação. Metrôpoles contemporâneas como miríades sígnicas**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/114953502668582838768987458002518756998.pdf>. Acesso em 13/04/2014.

\_\_\_\_\_, Deborah Lopes. **Palavra e imagem no graffiti: um estudo sobre as traduções intersemióticas na arte urbana**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008, São Paulo. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/027/DEBORA\\_PENNACHIN.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/027/DEBORA_PENNACHIN.pdf). Acesso em: 13/04/2014.

## Entrevistas

FERRAZ, Guga. **Entrevista com Guga Ferraz**. Disponível em: <http://www.soma.am/noticia/entrevista-guga-ferraz>. Acesso em 28/03/2014.

LAMA, Thito. **Entrevista com o grafiteiro Thito Lama**. [2 de julho de 2009]. Disponível em: [http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16\\_art\\_entrevista.htm](http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16_art_entrevista.htm). Acesso em: 11/04/2014.

VOGLER, Alexandre; FERRAZ, Guga; ANDRADE, Luis; DUARTE, Ronald. **Intervenções urbanas? Um bate-papo com Alexandre Vogler, Guga Ferraz, Luis Andrade e Ronald Duarte**. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16\\_art\\_entrevista.htm](http://web.archive.org/web/20100914102057/http://www.polemica.uerj.br/pol16/cimagem/p16_art_entrevista.htm). Acesso em: 28/03/2014